Naropini Stichel, taxonomia e imaturos (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae) ¹

Mirna M. Casagrande ²

ABSTRACT. *Naropini* Stichel, taxonomy and immatures (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). A systematic study of *Naropini* (Stichel, 1925) Casagrande, 1996 is presented. The species of this tribe occur exclusively in the Neotropical Region. All the known species of *Aponarope* Casagrande, 1982, and *Narope* Doubleday, [1849] are redescribed, new species are described and all of them are illustrated. Immatures of *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859 are redescribed. Head chaetotaxy of the first instar larva is illustrated with electron micrographies. Both, the head and body chaetotaxy of this instar is also interpreted. The following are new species: *Narope minor* Casagrande, Oaxaca, MEXICO; Panama, Veraguas, PANAMA; San Jose, COSTA RICA. – *Narope obidos* Casagrande, Pará, Mato Grosso, Espírito Santo, BRAZIL; Madre de Dios, PERU. – *Narope ybyra* Casagrande, BOLIVIA. – *Narope cauca* Casagrande, Cauca Valley, COLOMBIA. **Lectotypes** are designated for the following species or subspecies: *Narope cyllastros* Doubleday, [1849]; *Narope cyllarus* Westwood, 1851; *Narope panniculus piccatus* Stichel, 1916; *Narope nesope* Hewitson, 1869; *Narope testacea* Godman & Salvin, 1878; *Narope cyllabarus* Westwood, 1851; *Narope anartes* Hewitson, 1874; *Narope marmorata* Schaus, 1902, and *Narope pluto* Tessimann, 1928. *Narope denticulatus* Talbot, 1928 is a **stat. n.** *Narope syllabus stygius* Staudinger, 1887 is a **ssp. rev.**, **comb. n.** *Narope testacea* Godman & Salvin, 1878 is a **stat. rev.** *Narope marmorata* Schaus, 1902 is a **stat. rev.** The following are **syn. n.**: *Narope pusilla* Röber, 1929 of *Narope nesope* Hewitson, 1869; *Narope sarastro* Staudinger (1886) and *Narope sarastro disyllus* Fruhstorfer, 1912 of *Narope anartes* Hewitson, 1874, and *Narope panniculus piccata* Stichel, 1916 of *Narope panniculus* Stichel, 1904.

KEY WORDS. Lepidoptera, Neotropical, Brassolinae, *Narope*, *Aponarope*

CONTEÚDO

Introdução	468
Material e Métodos.....	468
Imaturos	468
Taxonomia	469
Resultados e Discussão	470
Imaturos.....	470
Taxonomia – Tribo Naropini	482
Caracterização morfológica.....	482
Chave para os gêneros de Naropini.....	483

1) Contribuição número 1290 do Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.

2) Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná. Caixa Postal 19020, 81531-980 Curitiba, Paraná, Brasil. Pesquisador CNPq. E-mail: mibras@bio.ufpr.br

<i>Narope</i>	483
Caracterização morfológica	484
Espécies e subespécies incluídas	487
Chave para identificação de machos das espécies de <i>Narope</i>	488
Chave para identificação de fêmeas das espécies de <i>Narope</i>	489
<i>Aponarope</i>	557
Caracterização morfológica	557
Espécie incluída	558
Conclusões	564
Agradecimentos	565
Referências bibliográficas	565

A subfamília Brassolinae (Boisduval, 1836) Bates, 1861 é exclusivamente Neotropical, sendo seu limite sul o norte da Argentina, Paraguai e Bolívia. Como interpretada por CASAGRANDE (1996), possui duas tribos: Brassolini (Boisduval, 1836) Handlirsch, 1925 com os gêneros: *Brassolis* Fabricius, 1807; *Caligo* Hübner, 1819; *Penetes* Doubleday, [1849]; *Dynastor* Doubleday, [1849]; *Opsiphanes* Doubleday, [1849]; *Dasyophthalma* Westwood, 1851; *Eryphanis* Boisduval, 1870; *Opoptera* Aurivillius, 1882; *Selenophanes* Staudinger, 1887; *Catoblepia* Stichel, 1902; *Caligopsis* Seydel, 1924; *Mielkella* Casagrande, 1982; *Orobassolis* Casagrande, 1982 e *Mimoblepia* Casagrande, 1982; enquanto Naropini (Stichel, 1925) Casagrande, 1996 dois gêneros: *Narope* Doubleday, 1849 e *Aponarope* Casagrande, 1986.

A monofilia da subfamília está baseada no uso de monocotiledôneas como planta hospedeira das larvas, na presença de célula e veia umerais, célula discal fechada em ambas as asas e pelas androcônias e pincéis de pêlos nas asas.

Os Naropini, ao contrário da tribo Brassolini, não possuem valor comercial, pois são pequenos e quase todos de cores escuras ou ferrugíneo. Também são pouco coletados porque voam no crepúsculo e de forma tão rápida que são de difícil visualização, como sugere a etimologia do nome *Narope* – “como corredeira”, razão pela qual, nas coleções encontram-se poucos representantes. São habitantes de florestas e somente encontrados em áreas abertas, sobre restos de animais ou frutas em decomposição.

A proposta desse estudo objetiva um melhor conhecimento dos aspectos morfológicos, de distribuições temporal e espacial das espécies e subespécies, comparações com material tipo e um aprofundamento de dados sobre os imaturos e sistemático.

MATERIAL E MÉTODOS

Imaturos

Para os dados de oviposição, estudos morfológicos e período de desenvolvimento dos imaturos, utilizou-se uma fêmea de *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859 coletada em Rio Vermelho, São Bento do Sul, Santa Catarina, que foi colocada sobre *Chusquea leptophylla* Nees (Poaceae), planta hospedeira.

Ovos, larvas e pupas foram mantidos na planta hospedeira até a emergência dos adultos. Um exemplar de cada fase do desenvolvimento foi fixado em Dietrich por 72 horas e posteriormente conservado em álcool 70%.

Os desenhos foram feitos com auxílio de câmara clara (Wild M5), as fotos em microscopia eletrônica de varredura (Philips SEM 505) e metalizador (Balzers SCD 030).

A nomenclatura relacionada às áreas do corpo está baseada em PETERSON (1962) e a quetotaxia em HINTON (1946), PETERSON (1962) e STEHR (1987).

Taxonomia

Estudou-se, incluindo todos os holótipos e lectótipos aqui designados, aproximadamente 800 exemplares, sendo 50% da Coleção Pe. Jesus Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, uma das coleções com maior representatividade da tribo.

Exemplares quando não da referida coleção, foram solicitados por empréstimo ou mesmo estudados na própria instituição, conforme relação que segue com os respectivos curadores. As abreviaturas utilizadas estão de acordo com HEPPNER & LAMAS (1982) e MIELKE (1995). (AMNH) American Museum of Natural History, Nova Iorque, EUA. Drs. Frederick Rindge e James Miller; (AME) Allyn Museum of Entomology, Sarasota, Florida, EUA. Drs. Lee Miller e Jacqueline Miller; (BM(NH)) The Natural History Museum, Londres, Inglaterra. Drs. R.I. Vane-Wright e Phillip Ackery; (CGCM) Coleção particular do MsC. Carlos Guilherme Costa Mielke, Curitiba, Paraná, Brasil; (CU) Department of Entomology, Cornell University, Ithaca, New York, USA, Dr. John G. Franclemont; (EF) Coleção particular do Sr. Eurides Furtado, Diamantino, Mato Grosso, Brasil; (ESM) Coleção particular do Dr. Ernst Schmidt-Mumm, Bogotá, Colômbia; (FR) Coleção particular do Sr. Francisco Romero, Maracay, Venezuela; (IBGE) Coleção da Reserva Ecológica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Dr. Bráulio Dias; (IOC) Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, Sr. Orlando Ferreira; (KB) Coleção Particular do Dr. Keith Brown Jr., Campinas, São Paulo, Brasil; (MHNL) Museo de Historia Natural, Lima, Peru, Dr. Gerardo Lamas; (MNHP) Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris, França, Drs. Pierre Viette, G. Bernardi, Jacques Pierre e Judith Najt; (MNRJ) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, Drs. Alfredo R. do Rego Barros e Luiz Soledade Otero; (MZSP) Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, (inclui a Coleção Diringshofen), Dr. Ubirajara Martins; (NT) Coleção particular do Sr. Nirton Tangerini, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; (OM) Coleção particular do Dr. Olaf H.H. Mielke, Curitiba, Paraná, Brasil; (SMTD) Staatliches Museum für Tierkunde, Dresden, Alemanha, Dr. R. Krause; (UCV) Departamento de Zoologia Agrícola, Facultad de Agronomía, Universidad Central de Venezuela, Maracay, Venezuela, Dr. Luiz D. Otero; (UFP) Departamento de Entomologia, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil (Coleção C.M. Biezanko), Dr. Milton de Souza Guerra; (UFPC) Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, (inclui as coleções: R.F. D'Almeida, P. Gagarin, H. Ebert,

D. Gifford); (USNM) National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, Washington, EUA, Dr. Robert K. Robbins; (ZMHB) Zoologisches Museum der Humboldt Universität, Berlim, Alemanha, Drs H.J. Hannemann e W. Mey; (ZMUC) Zoologisk Museum, Copenhagen, Dinamarca, Dr. Niels P. Kristensen; (ZSBS) Zoologische Sammlung des bayrischen Staates, Munique, Alemanha, Dr. W. Dierl.

Para todas as espécies examinou-se o material tipo, nas respectivas coleções onde estão depositados e foram feitos slides em vistas dorsal, ventral e etiquetas.

No catálogo que segue a cada gênero, espécie ou subespécie cita-se, de que assunto trata a referência, para qual, utilizam-se as seguintes abreviaturas: (biol.) biologia, (cat.) catálogo, (cit.) citação, (d) dorsal, (dg) distribuição geográfica, (etol.) etologia, (planta hosp.) planta hospedeira, (sist.) sistemática, (v) ventral.

Para os estudos morfológicos de cada espécie preparou-se, sempre que possível, vários exemplares em ambos os sexos. As genitálias e apêndices, como pernas, antenas e palpos, foram fervidos em banho-maria em solução de hidróxido de potássio, e quando moles, lavadas em água e retiradas todas as escamas e no caso da genitália, as estruturas membranosas internas. Após interpretação, os preparados foram devidamente etiquetados e preservados em tubos de vidro com glicerina juntamente com o exemplar, nas gavetas entomológicas. Para as venações utilizou-se clareamento em hipoclorito de sódio diluído a 20% (água sanitária comercial), após rápida imersão em álcool comercial para remoção das gorduras. Após secagem entre papel absorvente e vidros, foram coladas no exemplar.

Nos desenhos de venações incluiu-se os padrões de faixas e manchas objetivando facilitar a identificação (Fig. 27). Para as medidas das asas utilizou-se os seguintes critérios: asa anterior – comprimento da margem costal (base da asa até o ápice de R₄); margem externa (R₃ até 2A); largura da asa (ápice de R₂ até ápice de 2A). Asa posterior – comprimento da margem costal (base até ápice de R_s); margem externa (R_s até o ângulo anal em 2A); maior comprimento da asa (base até o ápice de CuA₁ e em *Aponarope sutor*, *Narope nesope*, *Narope obidos* sp. n. e *Narope cyllabarus*, da base até o ápice de 2A).

Etiquetou-se todos os exemplares com etiquetas de identificação e os holótipos, alótipos e parátipos das espécies e subespécies novas ou já descritas, assim como os lectótipos e paralectótipos designados conforme padrões internacionais.

Nas distribuições espacial e temporal somente considerou-se as procedências de exemplares examinados e alguns dados bibliográficos confiáveis. Nos mapas de distribuição espacial, os sinais vazados, indicam procedências sem definição de estado, província ou departamento.

Algumas datas de publicações foram atualizadas conforme LAMAS *et al.* (1995).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Imaturos (Figs 1-19)

Entre os Nymphalidae, os Brassolinae são conhecidos pelos hábitos crepusculares e pelo impacto econômico que algumas espécies podem causar, como é o caso de *Brassolis astyra* Godart, [1824], *Brassolis sophorae* (Linnaeus, 1758) e

Brassolis isthmia Bates, 1864 ou ainda *Caligo eurilochus* (Cramer, 1775) e *Caligo memnon* (C. Felder & R. Felder, 1867), em todos estes casos como devoradores vorazes, estes de folhas de bananeiras e aqueles de folhas de palmeiras em geral. Entre os *Brassolis*, que têm hábitos gregários, construindo ninhos algumas vezes com centenas de larvas, o impacto é ainda maior.

PENZ *et al.* (2000), em relato sobre as plantas alimentícias da subfamília, indicam a preferência das espécies por monocotiledôneas como também já citado por EHRlich & RAVEN (1965) e ACKERY (1988). Essas preferências variam dentro dos distintos gêneros por Arecaceae, Poaceae, Musaceae, Cannaceae, Marantaceae, Zingiberaceae e Bromeliaceae.

Estudos sobre espécies que não se constituem pragas em potencial, como os relatados por CASAGRANDE (1979, 1991 e 2000) para *Caligo beltrao* (Illiger, 1801); *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859; *Dasyophthalma rusina rusina* (Godart, [1824]); *Caligo martia* (Godart, [1824]); DIAS (1979), para *Eryphanis automedon automedon* (Cramer, 1776) (citado como seu sinônimo, *Eryphanis polyxena polyxena* (Meerburgh, [1780]) EMMEL (1991), para *Dynastor napoleon* Doubleday, [1849] e URICH & EMMEL (1991) para *Dynastor darius darius* (Fabricius, 1775), têm contribuído para a sistemática destes gêneros.

Especificamente para o gênero *Narope* Doubleday [1849] poucos são os dados, exceto por aqueles citados por MÜLLER (1886); BATES (1932); SILVA *et al.* (1967-1968), DEVRIES (1987) e ACKERY (1988) que relatam poucos aspectos e na grande maioria só relacionados com a planta hospedeira. CASAGRANDE (1991) ao revalidar e redescrever *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859, descreve e figura os imaturos.

Neste artigo redescreve-se e complementam-se estes dados com fotografias de microscopia eletrônica da cabeça de primeiro estágio, interpretação de parte da quetotaxia da cabeça e do corpo da larva de primeiro estágio.

Oviposição (Fig. 1)

Uma fêmea de *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859, capturada em Rio Vermelho, São Bento do Sul, Santa Catarina, 850 m, próxima à uma área com predominância de *Chusquea leptophylla* Nees (Poaceae), bambu, foi trazida ao laboratório, onde induziu-se à postura, colocando-a sobre a suposta planta hospedeira envolta por saco plástico transparente.

Durante três dias, a fêmea ovipositou um total de 36 ovos, nas axilas das folhas sendo apenas um na face adaxial da mesma. Os ovos são presos às folhas por substância transparente misturada com algumas escamas.

Ovo (Fig. 2)

Pouco mais alto que largo, 1mm de diâmetro por 1,2 mm de altura. Branco amarelado, com linhas longitudinais ligadas por fino reticulado. Vinte e quatro horas após a postura, podem ser visualizadas bandas avermelhadas no pólo superior ao redor da área micropilar. Este vermelho se intensifica até quase próximo à eclosão da larva, quando pode ser observada pela transparência do cório.

A eclosão das larvas ocorreu no final de março, oito dias após a postura dos primeiros ovos.

Figs 1-2. *Narope cyllene*. (1) Aspecto da postura; (2) ovo.

Larva de primeiro estágio (Figs 3A, 4-13)

Logo após a eclosão, alimentam-se do cório do próprio ovo ou de outros já abandonados. Percorrem ativamente sobre as folhas e caule da planta, até iniciarem a alimentação com as folhas, aproximadamente doze horas após a eclosão.

Cabeça: sem escolos, arredondada e de textura irregular, castanho escura translúcida (Fig. 13). As cerdas são escuras na base, claras e ramificadas na parte distal. Mandíbulas retangulares, com extremidade cortante reta (Fig. 5). Fiandeira de extremidade bífida, com as pontas cruzadas sobre si. Palpos labiais, laterais e pouco anteriores à fiandeira (Figs 6 e 7). Conjunto de seis esternas, os quatro primeiros distribuídos em semicírculo e em posição lateral, o quinto ventral e ao lado externo da antena e o sexto também ventral, pouco além do quinto (Fig. 8).

Figs 3-4. *Narope cyllene*. (3) Cabeça, vista frontal: (A a E) larvas de primeiro ao quinto estágio respectivamente; (4) larva de primeiro estágio.

Figs 5-7. *Narope cyllene*, cabeça, vista ventral. (5) Mandíbula; (6) palpo maxilar; (7A) palpo labial; (7B) fiandeira.

Além da fiandeira, em posição distal, ainda dentro da fossa proboscíal, tecido corrugado de pontuações claras (Figs 5 e 6). Este mesmo aspecto pode ser encontrado na base das antenas (Fig. 9) e ao redor do forame magno, exceto na parte ventral, cujo limite é feito por duas pregas crenuladas (Figs 10 e 11).

Quetotaxia da cabeça (Fig. 12)

Encontrou-se três tipos de cerdas. Um primeiro grupo de cerdas grandes e ramificadas a partir da metade distal; um segundo grupo, de aspecto morfológico igual às anteriores, porém com a metade do tamanho, intercaladas entre estas e, um terceiro grupo de cerdas pequenas e sem ramificações, distribuídas pela fronte, clipeo, labro, palpo maxilar e mandíbulas. Não identificou-se nenhuma pontuação, uma hipótese para esta dificuldade em visualizar estas estruturas pode estar relacionada ao processo de metalização para microscopia eletrônica de varredura, como já observado em experimentos anteriores, com formas imaturas de *Lycaenidae* (DUARTE *in litt.*).

Figs 8-9. *Narope cyllene*. (8) Conjunto de estemas; (9) antena.

Figs 10-11. *Narope cyllene*, cabeça. (10) Vista ventral; (11) vista posterior.

Fig. 12. *Narope cyllene*, cabeça: clipeo, labro e mandíbula.

HINTON (1946), PETERSON (1962) e STEHR (1987) identificam para a fronte apenas um par de cerdas, denominada F1, em posição lateral e inferior, próximo ao labro. No clipeo, C1 e C2 ambas em posição lateral. C1 sobrepondo-se a C2 (Fig. 12). No labro, apenas PETERSON (1962) considera e identifica as cerdas desta estrutura. São facilmente visualizadas as três pares de medianas como M1, M2 e M3 onde M2 cobre parcialmente M3 e três pares de laterais, L1, L2 e L3 (Fig. 12).

Tórax e abdome: de coloração amarelo-palha com três faixas longitudinais vermelhas. A primeira, média dorsal, a segunda supra-espíracular e a terceira, sub-espíracular, com início no mesotórax e término no final do abdome. Entre essas faixas, sobre a segunda e abaixo da terceira, faixas longitudinais branco-leitosas.

Sobre a média dorsal, no quarto segmento abdominal, esta faixa é pouco difusa, dando lugar a uma mancha alongada também vermelha. Face ventral verde claro e à partir do primeiro segmento abdominal, com faixa vermelha na linha mediana.

Placa suranal bífida, com projeções bege (Fig. 13).

Alimentam-se tanto pela manhã, como ao entardecer. Permanecem isoladas na face adaxial ou abaxial das folhas e praticamente imóveis durante todo o dia.

Quetotaxia do tórax (Figs 18 e 19)

Entre todos os segmentos do corpo, o protórax possui o maior número de cerdas. Sobre a placa protorácica (Fig. 19A) estão as cerdas táteis XD1, XD2, D1 e D2, todas de igual tamanho. XD1 e XD2 em posição proximal, enquanto D1 e D2

pouco mais caudal. O conjunto de L1, L2 e L3, na mesma linha do espiráculo e anteriores a este, sendo L1 pouco maior que as outras. SD1 e SD2 acima do espiráculo. No meso e metatórax, presentes D1 e SD1 alinhadas anteriormente, ausência de L3 e aparecimento de SV1 logo após a coxa.

No abdome, A1 e A2, com o mesmo padrão: D1 e SD1 com o mesmo tamanho, sendo SD1 posterior à D1; L1 acima e posterior ao espiráculo enquanto L2 está abaixo e anterior ao mesmo. SV1 e SV2 posteriores à L2. A3 a A7: com D1 na mesma posição de A1 e A2, seguida em posição caudal e inferior de D2; inferior à D1 e D2, em uma linha imaginária entre essas, está SD1; L1 e L2 com o mesmo tamanho e posição que em A1 e A2. A8: com D1 na mesma posição dos segmentos anteriores; ausência de D2 e SD1; L1 e L2 acima do espiráculo. A9: com número reduzido de cerdas; presentes D1, como nos segmentos anteriores e L1 na mesma linha porém superior ao espiráculo. A10: com D1 quatro vezes maior que nos segmentos anteriores; D2 na base da projeção caudal; SD1 em posição oposta à D2 e SD2 pouco mais ventral (Fig. 19B). Nas pernas abdominais, os ganchos estão distribuídos na planta em mesossérie triordinal.

As primeiras mudas ocorreram após seis dias da eclosão. As larvas atingem 1 cm de comprimento.

Larva de segundo estágio (Fig. 3B)

Cabeça com três pares de escolos arredondados, o dorsal castanho e o dobro em tamanho que o lateral; os látero-ventrais, dois terços do tamanho do lateral, ambos castanho claro. Área frontal, desde o labro até o vértice, castanho, mandíbulas castanho mais escuro e genas bege. Textura irregular com várias cerdas claras sobre base escura, inclusive nos escolos.

Tegumento do corpo de coloração mais acentuada que na idade anterior. Permanecem as faixas longitudinais. Mancha oval sobre a linha média dorsal e metade basal do segundo segmento abdominal com as mesmas cores. Cerdas distribuídas pelo corpo sobre calaza mais clara que o tegumento. Espiráculos com peritrema preto.

Durante todo o dia permanecem isoladas, praticamente imóveis, em qualquer uma das faces da folha.

As primeiras mudas ocorreram oito dias após o início deste estágio. As larvas atingem o comprimento máximo de 1,8 cm.

Larva de terceiro estágio (Fig. 3C)

Cabeça com mancha castanho escura, desde o par de escolos dorsais até próximo ao labro. Clípeo mais escuro que esta mancha. Escolos laterais com a base clara e o ápice escuro. Restante da cabeça castanho claro.

Tegumento do corpo e outras estruturas semelhantes ao estágio anterior, com exceção da faixa médio dorsal vermelha, substituída por estreita linha castanho escura. No quarto segmento abdominal um par de cerdas, laterais a esta linha, maiores e mais escuras que as do restante do corpo e com calaza totalmente preta.

As primeiras mudas ocorreram sete dias após o início deste estágio. As larvas atingem um comprimento máximo de 3 cm.

Figs 13-17. *Narope cyllene*. (13) Larva de primeiro estágio, vista dorsal; (14-17) larva de quinto estágio: (14-16) vista lateral; (17) vista dorsal.

Figs 18-19. *Narope cyllene*. (18-19) Quetotaxia: (18A) tórax, (18B) abdome; (19A) placa protorácica, (19B) placa suranal.

Larva de quarto estágio (Fig. 3D)

Cabeça com clipeo claro, somente o espaço entre as suturas epicranial e adfrontal escura, como no estágio anterior. Escolos dorsais não tão escuros e somente na região frontal, lateral e posterior mais claros.

Tegumento do corpo percorrido por faixas longitudinais na cor palha, intercaladas em dois tons diferentes. As vermelhas no estágio anterior, são agora palha escuro, próximo ao bege. Linha média dorsal escura e inconspícua, ladeada por faixas de coloração palha em tons claros e escuros, formando área distinta. As cerdas dorsais e laterais do corpo são escuras sobre calaza clara. Do primeiro ao sétimo segmento, com um par de cerdas escuras maiores, na mesma posição daquelas do quarto segmento abdominal do estágio anterior, porém maiores. Nos mesmos segmentos, pouco mais distal e ventral outro par de cerdas com as mesmas características. Projeções da placa suranal, até então arredondadas, apresentam-se neste estágio achatadas lateralmente.

Neste estágio e no próximo, provavelmente devido ao peso, as larvas abandonam durante o dia, as folhas, para ocupar os ramos de maior diâmetro ou o caule principal. Também à partir deste estágio a camuflagem é notável. As larvas mantêm a cabeça voltada para a parte inferior da planta, sempre próxima às ramificações e assim, as linhas bege do corpo confundem-se com a bainha seca do bambu e os escolos com os râmulos (Figs 14 e 17)

As primeiras mudas ocorreram doze dias após o início deste estágio. As larvas atingem o comprimento máximo de 4,1 cm.

Larva de quinto estágio (Figs 3E, 14-17)

Cabeça de coloração palha. Mancha frontal pouco mais escura. Maioria das cerdas com calaza escura, nos escolos são claras. Os escolos dorsais perdem o aspecto arredondado dos estádios anteriores e passam a ser achatados lateralmente.

Tegumento do corpo com as mesmas faixas longitudinais em tons palha do estágio anterior. Meso e metatórax com um linha transversal de cerdas escuras sobre calaza de base clara e ápice escuro. No restante do corpo e projeções da placa suranal, calazas escuras dando ao corpo e as projeções da placa suranal um pontuado escuro sobre a cor palha do tegumento, muito similar aos pequenos pontos escuros sobre os ramos e caule principal do bambu (Figs 15 e 16).

As primeiras pupas surgiram vinte e três dias após o início deste estágio. As larvas atingem um comprimento máximo de 7,3 cm.

Pupa (Fig. 20A-C)

Os locais preferidos pelas larvas ao darem início ao processo de pupação são o caule e os ramos secundários não muito finos. A quantidade de fios de seda ocupa invariavelmente um raio de 5 cm aproximadamente em todas as direções, até uma maior concentração no ponto onde realmente se prende.

A posição final da pupa é perpendicular ao ramo escolhido, onde a face dorsal dos segmentos A6 até o cremaster ficam paralelos e encostados no ramo.

De coloração geral âmbar, com matizes em vários tons de castanho escuro. Região cefálica mais escura dorsalmente, com duas projeções anteriores ao escapo. Antenas diferenciadas do restante do tegumento pela coloração esverdeada. Flagelômeros distintos por linha preta divisória.

Pronoto com a mesma coloração da cabeça, sem adornos ou detalhes. Mesotórax com projeção posterior dorso mediana mais escura, na face ventral com mais intensidade de tons escuros e com dois pares de projeções laterais aos lados das tecas alares. Mancha branco-leitosa entre o segundo par de projeções e o primeiro segmento abdominal. Perna mesotorácica com pequena projeção dirigida ântero-ventralmente, próxima ao primeiro terço da gálea. Metatórax sem adornos.

Segmentos abdominais mesclados com linhas mais escuras. Ventralmente faixa mediana mais clara.

Comprimento, do cremaster até o vértice de 1,5 cm e maior largura, na base das tecas alares, 0,7 cm.

Os primeiros adultos (Figs 34 e 35) surgiram vinte dias após a formação das primeiras pupas.

Fig. 20. *Narope cyllene*, pupa: (A) vista ventral, (B) vista dorsal, (C) vista lateral.

Taxonomia

Naropini (Stichel, 1925) Casagrande, 1996

Naropidi Stichel, 1925. *Neue Beitr. syst. Insektenkunde* 3: 58; tribo, incluindo *Narope* - Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 51, p. 13; cit.

Naropinae Hayward, 1951. *Acta zool. lill.* 9: 219; cat. - Biezanko, 1960. *Arq. Ent., sér. B*, Pelotas, p. 7; distr. geogr., etol. - Hayward, 1973. *Op. lill.* 23: 241; cat.

Naropini Casagrande, 1996. *Revta bras. Zool.* 12: 684. - Mielke & Casagrande, 1998. *Revta bras. Zool.* 14: 975.

Gênero tipo: *Narope* Doubleday, [1849]

Caracterização morfológica

Cabeça, tórax e abdome com a mesma coloração das asas. Olho glabro, palpo labial inerte e antena fusiforme.

Face dorsal das asas, com cores variando do castanho intenso (Figs 28-29), quase preto, até o amarelo (Figs 39-40); algumas espécies com manchas ou faixas amarelo ou ferrugíneo (Figs 44-45) e outras de coloração uniforme (Figs 100-101). Face ventral com matizes em castanho, amarelo, ferrugíneo, preto e violáceo. Em todas as espécies, a face ventral da asa anterior com uma linha, escura ou clara, entre o ápice e a metade da margem interna, dependendo da cor básica do restante da asa.

Androcônia (Figs 21-23) na face ventral da asa anterior sobre a metade de 2A, de aspecto oval e tamanho uniforme em todas as espécies da tribo. Exceto em

Narope albopunctum todas são recobertas por pincel de escamas modificadas inseridas na margem interna (Figs 22-23). Na face dorsal da asa posterior, logo após a bifurcação Rs com M₁, sobre Rs, androcônia em três tamanhos, pequena, média e grande (Fig. 24-26). Em *Narope albopunctum* o pincel está dentro da célula discal, próximo à base de CuA₂.

Asa anterior com 11 veias que chegam às margens (Fig. 30F), quando com 12, então Sc e R₁, com anastomose próxima à base; R₃ terminando no ápice da asa; bifurcação entre R₃ e R₄ na mesma direção ou posterior ao ângulo inferior da célula discal; R₄ reta ou levemente sinuosa terminando na margem externa; margem externa reta, com ápice recuado (Fig. 103 E), ou suavemente sinuosa e de ápice pouco projetado; androcônia na face ventral, acima de 2A, oval, coberta por escamas, exceto em *Narope albopunctum*. Asa posterior com veia umeral reta e de extremidade truncada; ângulo anal reto ou agudo.

Perna protorácica sem dimorfismo sexual quanto à divisão do tarso; tibia inerte e tarso indiviso. Pernas meso e metatorácicas, em ambos os sexos, com esporões tibiais. Nos machos, fêmur mesotorácico menor que a tibia mais o tarsômero proximal; fêmur metatorácico mais longo ou igual à tibia; tibia metatorácica com espinhos distribuídos desordenadamente e quase todos localizados na metade distal (Figs 30A-C e 103A-C).

Genitália masculina com subunco formado por placa estreita, alongada com ou sem extremidade trilobada. Valva em ponta, com projeções subapicais, ou truncada com denteado no bordo distal (Figs 31A, B e 104A, B)

Genitália feminina com lamela pós-vaginal oval ou retangular e com as porções laterais voltadas dorsal e distalmente. Lamela ante-vaginal reduzida e pouco esclerotizada. Signos na bolsa ausentes (Figs 32 e 105). Papila anal mais longa que alta.

Gêneros incluídos. *Narope* Doubleday, [1849] e *Aponarope* Casagrande, 1982.

Chave para os gêneros de Naropini

1. Machos com a margem externa da asa anterior reta ou suavemente sinuosa e o ápice pouco projetado. Fêmures meso e metatorácicos sem espinhos (Figs 30 A e B). Nas fêmeas o fêmur protorácico é menor que a metade do tarso .
..... *Narope*
- Machos com a margem externa da asa anterior reta e o ápice recuado. Fêmures meso e metatorácicos com espinhos (Figs 103 A e B). Nas fêmeas o fêmur protorácico é maior que a metade do tarso *Aponarope*

Narope Doubleday, [1849]

Espécie tipo: *Narope cyllastros* Doubleday, [1849], por monotipia.

Narope Doubleday, [1849]. **Gen. Diurn. Lep.** 1, pl. 50, Fig. 4 -*Narope cyllastros*; tipo - única espécie incluída: *Narope cyllastros*. – Westwood, 1851, in Doubleday (Boiduval in litt.). **Gen. Diurn. Lep.** 2, p. 349; dg. – Lucas, 1851, in Chenu (ed.). **Enc. d'Hist. Nat., Pap. Diurn.**, p. 171; cit. – Ménétriés, 1855. **Enum. Corp. Anim. Mus. Petrop., Lep.** 1, p. 39; cat. – Herrich-Schäffer, 1864. **Corr.– Blatt zool.– min. Ver. Regensburg** 18: 99; cit. – Herrich-Schäffer, 1865. **Corr.– Blatt zool. min.**

- Ver. Regensburg 19: 65; cit.– Bates, 1864. *Jour. Ent.* 2: 176; cit.– Kirby, 1871. *Syn. Cat. Diurn. Lep.*, p. 129; cat.– Scudder, 1875. *Proc. Amer. Ac. Arts & Sc.* 10: 224; tipo do gênero: *cyllastros*.– Wallace, 1876. *Geogr. Distr. Anim.* 2, p. 472; cit.– Möschler, 1877. *Verh. zool.–bot. Ges.*, Wien, 26: 322; cit.– F. Müller, 1877. *Jena. Ztsch. Naturw.* 11: 102; sist.– Kirby, 1878. *Entomol.* 11: 27.– Crüger, 1881. *Berl. ent. Ztschr.* 25: 110; cit.– Godman & Salvin, 1881. *Biol. Centr.– Amer., Lep. Rhop.* 1, p. 139; sist.– Gerhard, 1883. *Berl. ent. Ztschr.* 27: 179; dg.– Glaser, 1887. *Cat. etym. Lep. Col.*, p. 302; etimologia.– Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. *Exot. Schmett.* 1, p. 218; sist.– Röber, 1889, in Staudinger & Schatz. *Exot. Schmett.* 2, p. 194; sist., biol.– Richelmann, 1889. *Tagebl. dtsh. Naturf. Versamml.* 61: 69; dg.– Stichel, 1904, in Wytsman. *Gen. Ins.* 20, p. 4, 13, Fig. (venação), pl. 1, Fig. 15 (venação); sist.– Pagenstecher, 1909. *Geogr. Verbreit. Schmett.*, p. 413; dg.– Stichel, 1909. *Tierreich* 25: 39; cat., sist., dg.– Fruhstorfer, 1912, in Seitz. *Gross-Schmett. Erde* 5, p. 327; sist.– Stichel, 1916. *Neue Beitr. syst. Insektenk.* 1: 7; sist.– Holdhaus, 1927, in Schröder. *Handb. Ent.* 2, p. 743.– Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 51, p. 13; *syn.: Naropina*; cat.– Hayward, 1951. *Acta zool. lill.* 9: 219; *syn.: Naropina*; cat.– Hayward, 1954. *Acta zool. lill.* 14: 362; sist.– Hemming, 1967. *Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Ent., Suppl.* 9: 305; sist.– L. Miller, 1968. *Mem. Amer. Ent. Soc.* 24: 25, 28; sist.– Hayward, 1973. *Op. Lill.* 23: 241; *syn.: Naropina*.– DeVries, 1987. *Butt. Costa Rica*, p. 256; dg.– Casagrande, 1996. *Revta bras. Zool.* 12: 687; sist.– D'Abrera, 1987. *Butt. Neotrop. Reg.* 3, p. 390; sist.
- Pilopoecil* Stichel, 1904, in Wytsman. *Gen. Ins.* 20, p. 14; seção de *Narope*, incluindo as coortes *Cyllastroformes* e *Nesopiformes*.– Stichel, 1909. *Tierreich* 25, p. 42; sist.– Stichel, 1931. *Lep. Cat.* 51: 14; cat.
- Cyllastroformes* Stichel, 1904, in Wytsman. *Gen. Ins.* 20, p. 14; coorte, incluindo *Narope cyllastros*, *N. cyllarus*, *N. sarastro*, *N. anartes*.– Stichel, 1909. *Tierreich* 25, p. 42; sist.– Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 51: 14; cat.
- Nesopiformes* Stichel, 1904, in Wytsman. *Gen. Ins.* 20, p. 15; coorte, incluindo *Narope nesope*, *N. cyllabarus*, *N. panniculus*.– Stichel, 1909. *Tierreich* 25, p. 48; sist.– Stichel, 1916. *Neue Beitr. syst. Insektenk.* 1: 7; sist.– Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 52: 16; cat.
- Peracurii* Stichel, 1904, in Wytsman. *Gen. Ins.* 20, p. 116; seção de *Narope*, incluindo *Narope albopunctum*.– Stichel, 1909. *Tierreich* 25, p. 49; sist.– Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 51: 17; cat.
- Naropina* Röber, 1929. *Int. ent. Ztschr.* 23: 326; tipo -única espécie incluída: *Naropina pusilla*.– Hemming, 1967. *Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Ent., Suppl.* 9: 305; sist.
- Naropa* [sic]; Casagrande, 1991. *Revta bras. Zool.* 7: 135; *Naropa cyllastros*.

Caracterização morfológica do adulto (Figs 21-97). Asa anterior com margem externa levemente sinuada ou reta, ápice na mesma direção ou levemente projetado. Com 11 veias que atingem as margens costal e externa. Sc e R₁ anastomosam logo após a dcs. R₃ termina no ápice da asa.

Na asa posterior, o contorno pode ser arredondado ou projetado com acompanhamento de veia. Face dorsal, com área de aspecto brilhoso e sem escamas da célula umeral até pouco além da base da bifurcação Rs com M₁. No centro desta área, sobre Rs, escamas diferenciadas formam androcônia de forma arredonda ou oval, em três tamanhos distintos, pequena, média e grande, nas cores branca, creme ou ferrugínea (Figs 24-26).

Na face ventral da asa anterior, sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme ou bege, de tamanho médio, quando comparada à aquela da face dorsal da asa posterior. Sobre essas escamas um pincel de pêlos, distribuídos

Figs 21-23. Asa anterior. (21) *Narope cyllabarus*, androcônia da face ventral da asa em vista dorsal; (22) *Narope cyllabarus*, pincel de pêlos, sobre androcônia da face ventral da asa em vista ventral; (23) *Narope testacea*, pincel de pêlos, semi aberto sobre androcônia da face ventral da asa em vista ventral.

Figs 24-26. Asa posterior, face dorsal, androcônia: tamanhos. (24) *Narope guilhermei*, pequena; (25) *Narope anartes*, média; (26) *Narope cyllabaus*, grande.

Fig. 27. *Narope*, distribuição de manchas, faixas e linhas: (A) asa anterior, (B e C) asa posterior.

de forma linear sobre uma dobra formada pela margem interna da asa. A extensão da faixa de pêlos corresponde ao tamanho da mancha (Figs 21-23). Em *Narope albopunctum* pincel de pêlos, dentro da célula discal, na base de CuA₁ (Fig. 95).

Nas fêmeas, o fêmur da perna protorácica menor que o tarso (Fig. 30 D).

Nos machos, fêmures das pernas meso e metatorácicas inermes (Fig. 30A-B).

Genitália masculina com valva em ponta ou pouco arredondada distalmente. Juxta presente e edeago inerte e liso com vesícula se projetando da face ventral (Fig. 31).

Genitália feminina com lamela pós-vaginal desenvolvida e fortemente esclerotizada, lamela ante-vaginal reduzida e pouco esclerotizada. Bolsa copuladora alongada ou arredondada (Fig. 32).

Espécies e subespécies incluídas

Narope albopunctum Stichel, 1904

Narope anartes Hewitson, 1874

Narope cauca Casagrande, **sp. n.**

Narope cyllabarus Westwood, 1851

Narope cyllarus Westwood, 1851

Narope cyllastros Doubleday, [1849]

Narope cyllene C. Felder & R. Felder, 1859

Narope denticulatus Talbot, 1928, **stat. rev.**

- Narope guilhermei* Casagrande, 1989
Narope marmorata Schaus, 1902, **stat. rev.**
Narope minor Casagrande, **sp. n.**
Narope nesope Hewitson, 1869
Narope obidos Casagrande, **sp. n.**
Narope panniculus Stichel, 1904
Narope syllabus syllabus Staudinger, 1887
Narope syllabus stygius Staudinger, 1887, **ssp. rev., comb. n.**
Narope testacea Godman & Salvin, 1878, **stat. n.**
Narope ybyra Casagrande, **sp. n.**

Chave para identificação de machos das espécies de *Narope*

1. Margem externa da asa posterior, reta entre Rs e CuA1 2
 - Margem externa da asa posterior, convexa entre Rs e CuA2 10
2. Face dorsal das asas anterior e posterior com amarelo, laranja, castanho ferrugíneo ou castanho escuro 3
 - Face dorsal da asa anterior amarelo ferrugíneo e da asa posterior castanho, com faixa marginal amarelo ferrugíneo *N. guilhermei*
3. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro 4
 - Face dorsal das asas anterior e posterior laranja ferrugíneo ou castanho ferrugíneo 7
4. Margem externa de ambas as asas com franjas creme 5
 - Margem externa de ambas as asas com franjas concolores 6
5. Face ventral da asa posterior com linha submarginal acompanhando a projeção em CuA1 *N. denticulatus*
 - Face ventral da asa posterior com linha submarginal reta e não projetada em CuA1 *N. syllabus*
6. Androcônia das asas anterior e posterior de igual tamanho *N. cyllastros*
 - Androcônia da asa posterior um quinto do tamanho daquela da asa anterior *N. cyllene*
7. Face dorsal das asas anterior e posterior, com linha marginal ou submarginal de escamas escuras 8
 - Face dorsal das asas anterior e posterior, com linha marginal ou submarginal de escamas escuras ausente em uma ou ambas as asas 9
8. Linha submarginal da face dorsal presente em ambas as asas *N. cyllarus*
 - Linha marginal da face dorsal, presente em ambas as asas *N. testacea*
9. Linha submarginal presente na face dorsal da asa posterior *N. minor*
 - Linha submarginal ausente na face dorsal das asa posterior *N. marmorata*
10. Ápice da asa anterior com a mesma cor do restante da asa 11
 - Ápice da asa anterior escuro 13

11. Face dorsal da asa anterior com mancha arredondada escura abaixo da célula discal 12
 - Face dorsal da asa anterior sem essa mancha 14
12. Face dorsal da asa anterior castanho escuro *N. panniculus*
 - Face dorsal da asa anterior castanho escuro com ferrugíneo *N. nesope*
13. Face dorsal das asas anterior e posterior laranja ferrugíneo *N. ybyra*
 - Face dorsal das asas anterior e posterior castanho ferrugíneo 15
14. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro, sem ferrugíneo, com mancha de escamas brancas entre R₅ e M₁ *N. albopunctum*
 - Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo ou castanho escuro ferrugíneo 16
15. Asa posterior com margem externa crenulada *N. anartes*
 - Asa posterior com a margem externa arredondada *N. cauca*
16. Face dorsal das asa anterior e posterior laranja ferrugíneo intenso. Androcônia da asa posterior, oval, quase tão longa quanto alta. Face ventral de ambas as asas com amarelo intenso e faixas e manchas castanho *N. cyllabarus*
 - Face dorsal das asas anterior e posterior castanho ferrugíneo, mais intenso nas asas anteriores. Androcônia das asas posteriores mais longa que alta. Face ventral em bege, com faixas e manchas castanho *N. obidos*

Chave para identificação de fêmeas das espécies de *Narope*

A chave trata das fêmeas disponíveis nas coleções estudadas: *N. anartes*, *N. cyllabarus*, *N. cyllarus*, *N. cyllastros*, *N. cyllene*, *N. guilhermei*, *N. panniculus*, *N. cauca* sp. n., *N. syllabus stygius*, *N. testacea*, *N. obidos* sp. n. e *N. minor* sp. n.

1. Face dorsal da asa anterior com mancha subapical em amarelo ou laranja ferrugíneo 2
 - Face dorsal da asa anterior sem manchas, se com escamas ferrugíneas sobre castanho, as escamas ferrugíneas estão esparsas sobre o ramo da veia mediana e na linha marginal de ambas as asas 3
2. Face dorsal da asa anterior com mancha laranja ou amarelo ferrugíneo em meia lua, da margem costal até M₂ 10
 - Face dorsal da asa anterior com mancha amarelo ferrugíneo em meia lua, da margem costal até 2A *N. guilhermei*
3. Face dorsal das asas anterior e posterior laranja ferrugíneo, com faixa submarginal de escamas escuras *N. cyllarus*
 - Face dorsal das asas anterior e posterior castanho sem ferrugíneo, ou quando presente de forma esparsa 4
4. Asa posterior com margem externa projetada de forma acentuada em M₃, ou em ângulo 5
 - Asa posterior com margem externa arredondada *N. panniculus*

5. Asa posterior com margem externa crenulada, linha marginal em ambas as asas pouco mais clara que o restante das asas 6
 - Asa posterior com margem externa reta, exceto por projeção em M₃, linha marginal mais clara e com escama ferrugíneas em ambas as asas 9
6. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro. América Central 7
 - Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro. América do Sul 8
7. Face ventral da asa posterior com aspecto marmorizado e faixa submarginal branca com reflexos prateados *N. testacea*
 - Face ventral da asa posterior sem esses caracteres *N. minor*
8. Face ventral da asa anterior com pequena mancha ocelar escura com escamas claras no centro, no terço distal da asa, entre M₁ e M₂ ... *N. syllabus stygius*
 - Face ventral da asa anterior sem esta mancha 11
9. Face ventral das asas anterior e posterior com linha marginal castanho claro seguida de linha submarginal castanho escuro *N. cyllabarus*
 - Face ventral das asas anterior e posterior sem linha marginal ou submarginal evidentes *N. obidos*
10. Face dorsal da asa anterior com mancha amarelo ferrugíneo, em meia lua, que se projeta em direção ao ápice da asa, desde a base de R₄₊₅ com M₁, no ápice superior da célula discal. Asa posterior com margem externa arredondada .
..... *N. cauca*
 - Face dorsal da asa anterior com mancha amarela não se projetando como acima. Asa posterior com margem externa crenulada, pouco mais projetada em M₃
..... *N. anartes*
11. Asa posterior com margem externa acentuadamente crenulada, voa em altitudes acima de 300 m. Lamela pós-vaginal com depressão mediana ... *N. cyllene*
 - Asa posterior com margem externa de suave crenulado, voa ao nível do mar até 300 m. Lamela pós-vaginal sem depressão mediana distal *N. cyllastros*

Narope cyllastros Doubleday, [1849]

Figs 28-35

Narope cyllastros Doubleday, [1849], in Doubleday (Boisduval *in litt.*). **Gen. Diurn. Lep.** 1, pl. 50, Fig. 4 (dorsal).– Westwood, 1851, in Doubleday. **Gen. Diurn. Lep.** 2, p. 349; Pará, Brasil; BM(NH).– Lucas, 1851, in Chenu (ed.). **Enc. d'Hist. Nat., Pap. Diurn.**, p. 172, fig. 283 (d); dg.– Ménétriés, 1855. **Enum. Corp. Anim. Mus. Petrop., Lep.** 1, p. 39; cat., dg.– Herrich-Schäffer, 1865. **Corr.-Blatt. zool.– min. Ver. Regensburg** 19: 65; cit.– Kirby, 1871. **Syn. Cat. Diurn. Lep.**, p. 129; cat.– Scudder, 1875. **Proc. Amer. Ac. Arts & Sc.** 10: 224; tipo do gênero: *N. cyllastros*.– Möschler, 1877. **Verh. zool.– bot. Ges.**, Wien, 26: 322; cit.– W. Müller, 1886. **Zool. Jahrb., Syst.** 1, p. 601; planta hosp., dg.– Staudinger, 1886, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, pl. 76 (macho d, v).– Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, p. 218; sist., dg.– Schatz, 1888, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 2, pl. 32 (palpo, venação).– Röber, 1888, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 2, p. 194; sist.– Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 42; cat., sist., dg.– Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 328, pl. 62d (macho d, fêmea v); *syn.: cyllene*; sist., planta hosp., biol., dg.– Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenkunde** 1: 7; sist.– Seitz, 1924, in Seitz, **Gros-Schmett. Erde** 5, p. 1134 (errata).– Zikán, 1928. **Ent. Rdsch.** 45: 11;

dg. – Köhler, 1928. **Publ. Breyer**, Buenos Aires, p. 2; cit., dg. – Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 14; cat. *syn.*: *cyllene*, *cyllastros* f. *stygius*. – Bates, 1932. **Bull. Brooklyn Ent. Soc.** 27: 157, 158; planta hosp. – Hemming, 1941. **Jour. Soc. Bibl. Nat. Hist.** 1(2): 451; sist., dg. – Hayward, 1951. **Acta zool. lill.** 9: 219; *syn.*: *cyllene*; *cyllastros*; cat., dg. – L. Miller, 1968. **Mem. Amer. Ent. Soc.** 24: 24, Fig. 19 (venação); sist. – Hayward, 1973. **Op. lill.** 23: 241; *syn.*: *cyllene*, *cyllastros*; cat.; dg. – Smart, 1976. **Enc. Butt. World**, p. 240, fig. 7 (d); dg. – Casagrande, 1991. **Revta bras. Zool.** 7: 129, 137, Fig. 11 (venação); sist., dg. – Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool.** 12: 686, figs 29, 30 (venação), 33 (gen. masc.), 37 (gen. fem.); sist. – Lewis, 1973. **Butt. World**, p. 29, Fig. 11 (d, v), p. 222; dg. – Lewis, 1975. **Marip. Mundo**, p. 29, fig. 11 (d, v), p. 222; dg. – K. Brown, 1992, in Morellato. **Hist. nat. Japi**, p. 150, 151, figs 10 (macho d), 11 (fêmea v); dg. – Penz, Aiello & Srygley, 2000. **Jour. Lep. Soc.** 53(4): 149; planta hosp.

Narope cyllastros [sic]; Bönninghausen, 1896. **Verhandl. Ver. naturw. Unterh. Hamburg** 9: 39; dg. – Köhler, 1923. **Ztschr. wiss. Insektenb.** 18, Sonderb., p. 21; dg. – Kivirikko, 1936. **Ann. Ent. Fenn.** 2(2): 54; dg. – J. Zikán & W. Zikán, 1968. **Pesq. agropec. bras.** 3: 50; planta hosp. dg.

Narope cyllastros cyllastros; Stichel, 1904. **Ins. Börse** 21: 197; *syn.*: *cyllene*, *stygius*; sist., dg. – Stichel, 1904, in Wytzman. **Gen. Ins.** 20, p. 14; *syn.*: *cyllene*, *stygius*; cat., dg. – Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 43; *syn.*: *cyllene*, *stygius*; cat., sist., dg. – Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51: 14; *syn.*: *cyllene*, *cyllastros* f. *stygius*; cat., dg. – Podtiaguin, 1944. **Revta Soc. Cient. Paraguay**, VI (4): 24; dg. – Silva *et al.*, 1968. **Quarto Cat. Ins. viv. Plantas Brasil** 2(1), p. 328; planta hosp., dg. – D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 390, figs (macho d, fêmea v); sist., dg. – Mielke & Casagrande, 1998. **Revta bras. Zool.** 14: 975; dg. – Penz, Aiello & Srygley, 2000. **Jour. Lep. Soc.** 53(4): 149; planta hosp.

Naropa [sic] *cyllastros*; Casagrande, 1991. **Revta bras. Zool.** 7: 135.

Narope cyllastros [sic]; Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool.** 12: 686, fig. 36 (gen. fem.).

Histórico. A primeira citação para a espécie DOUBLEDAY (1849) é uma figura publicada no primeiro volume do “The Genera of Diurnal Lepidoptera”. No segundo volume do mesmo trabalho, WESTWOOD (1851) cita a procedência como sendo do Pará, Brasil, certamente um erro, pois a distribuição da espécie está restrita ao sudeste e sul do Brasil.

Material tipo. *Narope cyllastros* baseia-se em número não definido de exemplares. No “The Natural History Museum” Londres, Inglaterra, foi encontrado um exemplar macho, aqui designado, como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /Type/ *Narope cyllastros*, D. & H.G.D.L pl 50 f 4/ B.M. TYPE N° Rh 6114 *Narope cyllastros* macho D.W. & H./LECTOTYPE/ *Narope cyllastros* Doubleday, [1849], Lectotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro sem manchas ou faixas de outra cor. Androcônia das asas anterior e posterior de igual tamanho. Faixa basal da face ventral da asa posterior reduzida, com início dentro da célula discal e não na margem costal. Genitália masculina com valva em ponta e duas carenas de espinhos na face interna da metade distal.

Descrição. Macho (Figs 28, 30A-C, E, 31). Asa anterior: comprimento da margem costal – 28 a 32 mm; margem externa – 21 a 24 mm; largura da asa – 18 a 21 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 19 a 21 mm; margem externa – 21 a 23 mm; maior comprimento da asa – 23 a 27 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho a castanho escuro, mais escuro e de aspecto esfumado na margem externa e diluindo para a base. Asa posterior com margem externa reta desde Rs até CuA₁ e androcônia oval de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Figs 28-29. *Narope cyllastros*. (28) Macho, vistas dorsal e ventral; (29) fêmea, vistas dorsal e ventral.

Face ventral da asa anterior, dividida em duas áreas por uma linha diagonal desde o ápice até aproximadamente o meio de 2A, sendo a parte distal castanho amarelado e a proximal castanho claro. Em ambos os lados pequenos aglomerados de escamas mais escuras se distribuem de maneira uniforme. Pequenos pontos formados por escamas brancas entre R3 e R4 pouco antes do ápice. Ainda sobre as discocelulares e na parte central da célula discal, duas manchas mais escuras, faixas basal e pós-basal pouco pronunciadas. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia de forma oval, com escamas creme e de igual tamanho àquelas da face dorsal das asas posteriores.

Face ventral da asa posterior, um conjunto de escamas pretas definem a faixa basal, no meio da célula discal. Sobre as discocelulares, linha diagonal, parece dar continuidade à aquela das asas anteriores, desde a margem costal até a margem interna. Da mesma forma que na asa anterior, a metade proximal é mais clara e a distal mais escura. Uma série de pontos submarginais acompanham a forma convexa da margem externa, os dois primeiros escuros e os quatro seguintes creme, o penúltimo destes, de forma alongada como um traço. Destes pontos até pouco antes da margem externa uma faixa de cor violácea.

Fig. 30. *Narope cyllastros*: (A) macho, perna metatorácica, (B) macho, perna mesotorácica, (C) macho, perna protorácica, (D) fêmea, perna protorácica, (E) macho, palpo labial, (F) macho, asa anterior, (G) macho, asa posterior.

Genitália (Fig. 31A-E). Unco com a metade basal alargada, afilando distalmente. Subunco projetado dorsalmente, pouco maior que a metade do unco e com duas pontas no ápice. Valva em ponta, projetada além do término do unco, margem superior serrilhada; da metade interna até o ápice uma depressão aloja uma série de espinhos esclerotinizados com duas pronunciadas carenas. Juxta, em vista ventral, cordiforme.

Fêmea (Figs 29, 30D, 32). Asa anterior: comprimento da margem costal – 31 a 36 mm; margem externa – 20 a 26 mm; largura da asa – 21 a 24 mm. Asa posterior; comprimento da margem costal – 22 a 27 mm; margem externa – 23 a 28 mm; maior comprimento da asa – 28 a 33 mm.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro e como nos machos, sem manchas ou faixas.

Face ventral mais clara. Pequenos conjuntos de escamas escuras distribuídas por toda a superfície das asas. Como nos machos, linha diagonal desde o ápice da asa anterior até a metade de 2A, e na asa posterior da metade da margem costal até à metade da margem interna. A área proximal é mais clara que a distal. Na asa posteriores margem externa crenulada e projetada em ponta em M3.

Figs 31-32. *Narope cyllastros*. (31) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (32) genitália feminina, vista ventral.

Genitália (Fig. 32). Lamela pós-vaginal em forma de placa retangular com extremidades arredondadas, esclerotizada e com superfície anterior voltada ventralmente. Lamela ante-vaginal pequena em relação à pós-vaginal e pouco esclerotizada. Corpo da bolsa maior que o duto; bolsa alongada.

Discussão. Aproxima-se de *N. cyllene* pelo aspecto cromático e forma das asas; diferencia-se pela androcônia na face dorsal da asa posterior de tamanho médio, similar à aquela da face ventral da asa anterior, enquanto que em *N. cyllene* (Fig. 34) são menores. De *N. guilhermei* (Figs 44-45) diferencia-se pela ausência de coloração ferrugínea nas asas e também pelo tamanho maior da androcônia da face dorsal da asa posterior.

Distribuição espacial. (Fig. 33). BRASIL, Minas Gerais: Caxambú; Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Xerém, Imbariê; São Paulo: Rio Claro, Paraná: Rolândia, Porecatu; Santa Catarina: Joinville, Seara; Rio Grande do Sul: Guarany, São Leopoldo. PARAGUAI. ARGENTINA, Misiones.

Distribuição temporal. Voa durante todo o ano nos lugares mais quentes, enquanto que no sul do país, de outubro até março ou abril, no final do verão.

Fig. 33. *Narope cyllastros*, distribuição espacial.

Etologia. Voa em lugares baixos desde o nível do mar sem ultrapassar 300m de altitude. São crepusculares de voo rápido e até aproximadamente 3 m do solo. Exibem comportamento territorial, os machos brigam por determinados pontos na vegetação.

Planta hospedeira e imaturos. MÜLLER (1886), FRUHSTORFER (1912), BATES (1932), SILVA *et al.* (1968), ZIKÁN & ZIKÁN (1968) e PENZ *et al.* (2000) citam para a espécie, *Bambusa* sp. (Poaceae).

Sobre os imaturos MÜLLER (1886) faz referência a uma única largarta por ele encontrada, próxima de empupar, com 6cm de comprimento ou 7,5 cm, se incluída a cauda. Cabeça marrom com três pares de chifres. O corpo vermelho pálido e marrom acinzentado com linhas foscas e onduladas. A pupa, ventralmente com os segmentos abdominais bastante comprimidos. BATES (1932) cita características comuns para as larvas de *Brassolis*, *Caligo*, *Dynastor*, *Eryphanis*,

Narope e *Opsiphanes* onde as larvas possuem escolos na cabeça, em número de quatro pares, sendo apenas os dois medianos desenvolvidos; o corpo é estreito, de cor marrom ou verde com linhas longitudinais e as projeções da cauda são desenvolvidas, exceto para *Brassolis*.

Material estudado. BRASIL, *Minas Gerais*: Caxambú, 1 macho (UFPC); *Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro, Jacarepaguá, 1 fêmea, 25.IV.1920, 1 macho, 11.XI.1921, D'Almeida *leg.* (UFPC); Guapimirim, 1 macho, 19.VI.1938 (UFPC); Rio de Janeiro, 2 machos, 7.IX.1958 e 10.IX.1965, Mielke *leg.* (OM), 1 fêmea, 19.X.1965, 1 macho, 25.IX.1965 (KB), 2 machos, 30.III.1967 (UFPC), 6 machos, (2) 28.VIII.1967, (2) 19.VI.1971, (2) 25.VII.1971, Brown *leg.* (KB), 1 macho e 1 fêmea (USMN), Rio de Janeiro, Gávea, 1 macho, 18.IV.1971, Callaghan *leg.* (AME), Rio de Janeiro, Morro Dona Marta, 200m, 1 fêmea, 14.V.1936, Gagarin *leg.* (UFPC); Duque de Caxias, Km 16, estrada Rio-Petrópolis, 1 macho e 1 fêmea, 22.V.1972, Callaghan *leg.* (AME); Xerém, 1 macho, 3.X.1976, Brown *leg.* (KB); Imbariê, 25 m, 1 fêmea, 22.II.1967, Ebert *leg.* (UFPC); *São Paulo*: Rio Claro, 600m, 1 fêmea, 12.IV.1967, Ebert *leg.* (UFPC); *Paraná*: Rio das Cobras, 2 machos e 2 fêmeas, II.1942, Wierski *leg.* (UFPC), 1 macho, Justus *leg.* (UFPC), Rolândia, Rio Tibagi, 12.VIII.1957, Walz *leg.* (UFPC), Porecatu, 1 macho, 20.X.1970, Becker *leg.* (UFPC); *Santa Catarina*: Joinville, 1 macho e 1 fêmea, 10.X.1968, 25.V.1980, Miers *leg.* (UFPC), 2 machos, (AMNH); Seara, Nova Teotônia, 300 m, 1 macho, 1.V.1979, 2 fêmeas, I.1963, III.1966, Plaumann *leg.* (UFPC); *Rio Grande do Sul*: Guarany, São Luiz de Gonzaga, 1 macho, 21.XII.1939, 1 macho, Biezanko *leg.* (UFPC), 1 macho, 8.I.1954, Biezanko *leg.* (CU), São Leopoldo, 1 fêmea, 5.I.1966, Dendisch *leg.* (UFPC).

Narope cyllene C. Felder & R. Felder, 1859

Figs 34-38

Narope cyllene C. Felder & R. Felder, 1859. *Wien. ent. Monatschr.* 3: 270; 1 fêmea [holótipo], Brasil ?.- Herrich-Schäffer, 1865. *Corr.-Blatt zool.-min. Ver. Regensburg* 19: 65; cit.- Kirby, 1871. *Syn. Cat. Diurn. Lep.*, p. 129; cat.- Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. *Exot. Schmett.* 1, p. 218; sist.- Glaser, 1887. *Cat. etymol. Col. Lep.*, p. 302; cit., etimologia.- Casagrande, 1991. *Revta bras. Zool.* 7: 130, Figs 1-4 (macho, fêmea d, v), 9, 10 (venaçaõ), 12-16 (gen. masc.), 17 (gen. fem.), 18-30 (ovo, larva, pupa); biologia, planta hosp., dg.

Histórico. Na descrição original, os autores, FELDER & FELDER (1859) indicam que o único exemplar que possuem, provavelmente é do Brasil e o comparam com as outras espécies já descritas para o gênero. STICHEL (1932) sinonimiza com *N. cyllastros*. CASAGRANDE (1991) revalida a espécie, redescreve o adulto e apresenta dados sobre os imaturos.

Material tipo. Como a descrição original é clara no que diz respeito ao número de exemplares, considerou-se o exemplar fêmea da coleção do "The Natural History Museum" Londres, Inglaterra como HOLÓTIPO. O exemplar possui as seguintes etiquetas: /*cyllene n.*/ Felder Coll./ *Narope cyllene* 1 Südamer in Coll. Felder/ HOLOTYPE/ *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro sem manchas ou faixas de outra cor. Androcônia da asa posterior $\frac{1}{4}$ do tamanho daquela da face ventral da asa anterior. Faixa basal da asa posterior desde a margem costal até 2A. Genitália masculina com valva em ponta e face dorsal do unco com espinhos.

Descrição. Macho (Figs 34, 36). Asa anterior: comprimento da margem costal – 31 a 33 mm; margem externa – 20 a 22 mm; largura da asa – 19 a 21 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 19 a 21 mm; margem externa: 21 a 23 mm; maior comprimento da asa – 22 a 25 mm.

Dorsalmente a cabeça e os palpos, tórax e abdome castanho escuro, ventralmente castanho claro. Antenas ferrugíneas.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro, contornada por estreita margem enegrecida, no ápice da asa anterior desde a bifurcação R₄-R₅; androcônia arredondada, de tamanho pequeno, creme, pouco além bifurcação de R_s-M₁, sobre R_s. CuA₁ se prolonga de forma a acrescentar uma projeção acentuada ao contorno da asa.

Face ventral da asa anterior, castanho médio, pouco ferrugínea, com manchas castanho escuras. Do ápice até o meio da margem interna, uma faixa mais clara que o restante da asa. Desta faixa até a base da asa, com exceção da célula discal, algumas escamas claras e metálicas dão o aspecto levemente violáceo sobre o castanho, enquanto o restante distal é opaco. Faixa basal restrita ao espaço da célula; pós-basal desde o meio da margem costal, passando sobre as discocelulares até a base de 2A. Sobre a metade basal de 2A, androcônia com escamas creme, quatro vezes maior que aquela da face dorsal da asa posterior. Sobre estas escamas, um pincel de pêlos, distribuídos de forma linear sobre uma prega formada pela margem interna da asa. A extensão da faixa de pêlos corresponde ao tamanho da mancha.

Na face ventral da asa posterior o efeito violáceo também está presente em uma faixa nas margens anal e externa. Entre estas, as cores são opacas e as linhas claras e escuras se sucedem. Nitidamente pode-se destacar uma faixa clara, oblíqua do meio da margem interna até 2A, que separa a faixa basal da pós-basal, ambas escuras.

Genitália (Fig. 36A-E). Unco curvo distalmente e com numerosos espinhos na face dorsal. Subunco desenvolvido, retangular, projetado dorsalmente e em ponta. Extremidade distal da valva com três projeções anteriores distintamente marcadas e outra distal, pontiaguda, que se projeta para além da terminação do unco. Juxta, em vista ventral, com forma de losângulo e suave depressão na borda superior.

Fêmea (Figs 35, 37). Asa anterior: comprimento da margem costal – 29 a 36 mm; margem externa – 20 a 26 mm; largura da asa – 19 a 25 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 21 a 25 mm; margem externa – 21 a 26 mm; maior comprimento da asa – 26 a 32 mm.

Fêmeas com a mesma coloração das asas que os machos, sendo que ventralmente as manchas e faixas são menos evidentes. O ápice da asa anterior é retraído em relação à parte mediana da margem externa e nas asas posteriores, na margem externa, a maior projeção da asa é acompanhada pela M₃ e não pela CuA₁, como nos machos.

Figs 34-35. *Narope cyllene*. (34) Macho, vistas dorsal e ventral; (35) fêmea, vistas dorsal e ventral.

Genitália (Fig. 37). Lamela pós-vaginal em forma de placa esclerotizada com projeções látero-distais, no centro e distalmente com projeção em forma de "T". Anteriormente finas linhas esclerotizadas do oitavo segmento convergem para a formação de uma placa central, a lamela ante-vaginal. O duto da bolsa se alarga progressivamente constituindo a mesma.

Discussão. Aproxima-se de *N. cyllastros* e de *N. guilhermei*. Separa-se da última pela ausência da cor amarelo-ferrugíneo da face dorsal das asas, pela ausência de carena na face interna da valva e aspectos do unco e subunco. Separa-se de *N. cyllastros* principalmente pela diferença no tamanho da androcônia da face dorsal da asa posterior, em *N. cyllene*, bem menores e, ventralmente pelas faixas na asa posterior.

Distribuição espacial (Fig. 38). BRASIL, Minas Gerais: Passa Quatro, Manhuaçu; Espírito Santo: Santa Tereza; Rio de Janeiro: Petrópolis, Teresópolis (Parque Nacional), Itatiaia (Parque Nacional); São Paulo: São José do Barreiro (Serra da Bocaina), Campos do Jordão (Umuarama), Teodoro Sampaio (Parque

Figs 36-37. *Narope cyllene*. (36) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (37) genitália feminina, vista ventral.

Estadual do Morro do Diabo), Apiaí, Piquete (Barreira); *Paraná*: Curitiba, São Luiz do Purunã, Bituruna, Mafra, Tijucas do Sul (Vossoroca, Rincão); *Santa Catarina*: São Bento dos Sul (Rio Natal, Rio Vermelho).

Distribuição temporal. Voa durante os meses de outubro e de dezembro a junho.

Etologia. Voa em locais com altitudes acima de 300 m.

Planta hospedeira e imaturos. As larvas alimentam-se de *Chusquea leptophylla* Nees (Poaceae). Permanecem na planta durante todo o desenvolvimento até a eclosão dos adultos. As fêmeas ovipositam grupos de ovos nas axilas das folhas e as larvas levam aproximadamente oito dias para eclodir. Da primeira até a terceira idade, permanecem uma em cada folha, tanto nas faces dorsal como ventral da mesma. Alimentam-se pela manhã e ao entardecer. Nas quarta e quinta idades preferem os talos principais onde permanecem grande parte do dia com a cabeça voltada para a parte inferior da planta, entre as ramificações. A camuflagem é notável, pois as linhas beges do corpo confundem-se com a bainha seca do bambú e os escolos da cabeça com os râmulos. Quando na fase de pupa, os últimos segmentos abdominais ficam dorsalmente paralelos ao substrato escolhido para se pendurar.

Fig. 38. *Narope cyllene*, distribuição espacial.

Material estudado. BRASIL, 1 fêmea (holótipo) (BMNH). *Minas Gerais*: Passa Quatro, Fazenda dos Campos, 1 fêmea, 2.VI.1929, Zikán leg. (MNRJ); Manhuaçu, Parque Nacional do Caparaó, 1500m, 1 fêmea, 6-8.II.1987, Mielke & Casagrande leg. (UFPC). *Espírito Santo*: Santa Tereza, 1 macho, 12.V.1970, Brown leg. (KB). *Rio de Janeiro*: Petrópolis, 800 m, 1 macho, 1.XII.1958; 1100m, 3 machos, 21.II.1966 e 1 macho, 9.IV.1971, Ebert leg. (UFPC); Teresópolis, Parque Nacional da Serra dos Órgãos, 1500 m, 2 machos, 30.IV.1962, Mielke leg. (OM), 1000m, 2 machos, 2.IV.1965, (OM) (UFPC). Itatiaia, Parque Nacional do Itatiaia, 1000 m, 2 machos, 2.V.1965, Brown leg. (KB), Itatiaia, 1 fêmea, 10.II.1966, Brown leg. (KB), Itatiaia, Serra do Itatiaia, 1700 m, 1 macho, 16.I.1969, Ebert leg. (UFPC). *São Paulo*: Campos do Jordão, Umuarama, 1800 m, 2 fêmeas, 8-15.III.1937, Gagarin leg. (UFPC). Campos do Jordão, 1700 m, 1 fêmea e 5 machos, 24-31.I.1966, Ebert leg. (UFPC), São José do Barreiro, Serra da Bocaina, 1 macho, 2-4.III.1967,

Ebert *leg.* (UFPC). Apiaí, 2 fêmeas, IV.1972, Ebert *leg.* (UFPC), Piquete (Barreira), 1400-1600 m, 1 macho, 15.II.1984, Mielke & Casagrande *leg.* (UFPC), Teodoro Sampaio, Parque Estadual Morro do Diabo, 350-500 m, 1 macho, 20-23.II.1990, Mielke & Casagrande *leg.* (UFPC). *Paraná*: Curitiba, 1 macho, III.1946 (UFPC). São Luiz do Purunã, 1000 m, 1 macho 15.II.1990, Mielke & Casagrande *leg.* (UFPC), Bituruna, 4 machos, 10-25.III.1966, Staviarsky *leg.* (OM). Mafra, 850 m, 1 macho, 22.II.1982, Mielke *leg.* (UFPC). Tijucas do Sul, Rincão, 1 fêmea, 25.II.1969, Mielke *leg.* (UFPC), Vossoroca, 850 m, 4 machos, 8.III.1981, Mielke *leg.* (UFPC), X-2000, 3 machos, Mielke & Casagrande *leg.* (UFPC). *Santa Catarina*: São Bento do Sul, 1 fêmea, 5.II.1969 e 1 macho, 3.X.1971, Ebert *leg.* (UFPC), São Bento do Sul, Rio Vermelho, 850 m, 1 fêmea, 10.II.1973, 2 machos, 13.II.1980, 1 macho, II.1980, 1 macho e 5 fêmeas, III.1980, 1 macho, 8.III.1980, 1 macho, 28.III.1980, 1 macho, 2.I.1982, 1 macho, 18.I.1982, 1 macho, 27.I.1982, 1 macho, 31.I.1982, 1 fêmea, 12.II.1982, 1 macho, 18.II.1982, 3 machos, 21.II.1982, 1 fêmea, 25.III.1982, 1 macho, 12.III.1985, 1 macho e 1 fêmea, 30.III.1985, Rank *leg.* (UFPC); 3 machos e 1 fêmea, 24.VI.1988, 1 macho, 26.VI.1988, Mielke *leg.* (UFPC); São Bento do Sul, Rio das Antas, 1 macho, 19.III.1982, Miers *leg.* (UFPC); São Bento do Sul, Rio Natal, 500 m, 1 macho, 1.III.1982, 2 machos, 2.II.1982, 1 macho, 10.III.1984, Rank *leg.* (UFPC).

Narope cyllarus Westwood, 1851

Figs 39-43

Narope cyllarus Westwood, 1851, in Doubleday. **Gen. Diurn. Lep. 2**, p. 349; Rio River [Rio de Janeiro, Brasil], América do Sul; Museu Hewitson. – Herrich-Schäffer, 1865. **Corr. – Blatt zool. – min. Ver. Regensburg 19**: 65; cit. – Kirby, 1871. **Syn. Cat. Diurn. Lep.**, p. 129; cat. – Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett. 1**, p. 218; sist., dg. – Bönninghausen, 1896. **Verh. Ver. naturw. Unterh. Hamburg 9**: 39; dg. – Stichel, 1904, in Wytzman. **Gen. Ins. 20**, p. 15, pl. 4, fig. 1 (macho d, v); cat., dg. – Stichel, 1909. **Tierreich 25**, p. 42, 44; cat., sist., dg. – Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde 5**, p. 328, pl. 62 ([macho] d); sist., dg. – Zikán, 1928. **Ent. Rdsch. 45**: 11; dg. – Stichel, 1932. **Lep. Cat. 51**, p. 15; cat., dg. – Hemming, 1941. **Jour. Soc. Bibl. Nat. Hist. 1(2)**: 451; sist., dg. – Hayward, 1951. **Acta zool. lill. 9**: 219; cat., dg. – J. Zikán & W. Zikán, 1968. **Pesq. agropec. bras. 3**: 50; dg. – Hayward, 1973. **Op. lill. 23**: 241; cat., dg. – Lewis, 1973. **Butt. World**, p. 222; dg. – Lewis, 1975. **Marip. Mundo**, p. 222; dg. – D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg 3**, p. 392, figs (macho d, v); sist., dg. – Casagrande & Mielke, 1993. **Revta bras. Zool. 9**: 84, fig. 10 (macho, fêmea d, v); dg. – Casagrande & Mielke, 1995, in Paraná, SEMA. **Lista verm. Anim. ameaç. Extinção Est. Paraná**, p. 148; dg. – Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool. 12**: 686, Fig. (gen. masc.); sist. – Peracchi *et al.* 1998, in Bergallo. **Diário Oficial, Estado do Rio de Janeiro**, 24(102), parte I, p. 11; dg. – Bergallo *et al.*, 2000. **Fauna ameaç. ext. Estado Rio de Janeiro**, p. 54, dg.

Histórico. WESTWOOD (1851), ao citar a distribuição geográfica da espécie tipo do gênero, *Narope cyllastros*, até então somente figurada, inclui duas novas espécies: *Narope cyllabarus* da Bolívia e *N. cyllarus* de River Rio, South America.

As citações que seguem à descrição original, ampliam a distribuição geográfica para outros estados do Brasil, das Regiões Sul e Leste. CASAGRANDE & MIELKE (1995, 1996) a incluem na lista de espécies ameaçadas de extinção no Estado do Paraná, e PERACCHI *et al.* (1998 in BERGALLO *et al.* 2000) na lista de espécies ameaçadas de extinção no Estado do Rio de Janeiro.

Material tipo. Como na descrição original não há referência ao número de exemplares, a fêmea encontrada no "The Natural History Museum", Londres, Inglaterra, é aqui designada como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /Type/ Rio R/ Rio River, Hewitson Coll., 79-69, *Narope cyllarus* Westw/ /cyllarus/ B.M. TYPE, N° Rh 6117, *Narope cyllarus*, fêmea Westw/ LECTOTYPE/ *Narope cyllarus* Westwood, 1851, Lectotype, M.M. Casagrande det. 2002/

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo. Linha submarginal denteada e enegrecida contorna toda a margem externa em ambas as asas. Pequeno ponto da mesma cor da faixa e pouco antes dela, entre M₁-M₂. Genitália masculina com a valva contornada na extremidade distal externa por projeções denteadas e na face interna, com depressão e numerosos dentes.

Descrição. Macho (Figs 39 e 41). Asa anterior: comprimento da margem costal – 27 a 29 mm; margem externa – 18 a 20 mm; largura da asa – 17 a 19 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 16 a 18 mm; margem externa – 19 a 21 mm; maior comprimento da asa – 22 a 24 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho claro ferrugíneo, pouco mais claro ventralmente.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo. Linha submarginal denteada, enegrecida e contornando toda a margem externa em ambas as asas. Pequeno ponto da mesma cor da faixa e pouco antes dela, entre M₁-M₂. Sobre a base de M₁, M₂, fora e dentro da célula discal, e sobre a parte média da discocelular inferior, escamas castanho ferrugíneo intenso, formam pequenas manchas. Na asa posterior, estas escamas de mesma coloração também sobre a base de M₃, dentro da célula discal, formando uma pequena mancha de aspecto arredondado; androcônia oval de tamanho médio, creme, pouco além da Rs-M₁, sobre Rs. CuA₁ se estende de forma a acrescentar uma projeção acentuada ao contorno da asa.

Face ventral das asas castanho claro e pardo, contornado por finas linhas enegrecidas. Linha submarginal denteada como na face dorsal. Uma segunda linha, pós-mediana, com a mesma cor. Do ápice da asa anterior até pouco antes do meio da margem interna, faixa oblíqua enegrecida. Faixa basal estreita e pós-basal três vezes

mais larga. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas ferrugíneas, de igual tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior. Na asa posterior faixa basal oblíqua enegrecida da metade proximal da margem costal até o primeiro terço de 2A. Igualmente oblíqua e com a mesma coloração, faixa pós-basal, desde a metade distal da célula discal até pouco além de CuA₂ e antes de 2A. Estas duas faixas unidas na base de Rs-M₁ e contornadas por escamas brancas, com reflexo prateado.

Genitália (Fig. 41 A-E). Unco afilado e projetado para além da parte distal da valva. Subunco retangular, com a porção distal revestida de espinhos. Valva contornada na extremidade distal por projeções denteadas, na face interna, com depressão e numerosos dentes. Juxta, em vista ventral, em forma de U.

Fêmea (Figs 40 e 42). Asa anterior: comprimento da margem costal – 29 a 34 mm; margem externa – 19 a 23 mm; largura da asa – 19 a 22 mm. Asa posterior:

Figs 39-40. *Narope cyllarus*. (39) Macho, vistas dorsal e ventral; (40) fêmea, vistas dorsal e ventral.

comprimento da margem costal – 21 a 25 mm; margem externa – 21 a 25 mm; maior comprimento da asa – 26 a 29 mm.

Coloração geral e desenhos na face dorsal das asas igual aos machos. M₃ se estende acrescentando projeção acentuada ao contorno alar.

Face ventral de ambas as asas, em tons mais claros que a face dorsal, não possui reflexo prateado e toda a superfície pontuada de pequenos aglomerados de escamas mais escuras.

Genitália (Fig. 42). Lamela pós-vaginal formada por placa triangular esclerotizada e com extremidades arredondadas. Lamela ante-vaginal, um quinto do tamanho da pós-vaginal e de tênue esclerotização. Duto e bolsa distintos, com praticamente o mesmo tamanho; bolsa arredondada.

Discussão. Facilmente reconhecida pela coloração das asas e pela linha submarginal enegrecida em ambas as asas. Eventualmente pode ser confundida com *Narope testacea*, porém pode ser facilmente distinta pela distribuição geográfica, pois *N. cyllarus* ocorre exclusivamente no Brasil e norte da Argentina, enquanto *N. testacea* exclusivamente na América Central.

Figs 41-42. *Narope cyllarus*. (41) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (42) genitália feminina, vista ventral.

Distribuição espacial (Fig. 43). BRASIL, *Espírito Santo*; *Rio de Janeiro*: Itatiaia, Guapimirim, Rio de Janeiro; *Paraná*: Foz do Iguaçu; *Santa Catarina*: Joinville, São Bento do Sul (Rio Natal). ARGENTINA, *Misiones*.

Distribuição temporal. Voa nos meses de dezembro a abril.

Etologia. Desconhecida.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecida, mas acredita-se que as larvas devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. BRASIL, *Espírito Santo*: 1 macho (CU). *Rio de Janeiro*: 1 macho, Rio River (LECTÓTIPO) (BMNH); Itatiaia, 800 m, 1 macho, 15.I.1925, J.F. Zikán leg. (MNRJ); 700 m, 1 fêmea, 6.IV.1973, Ebert leg. (UFPC); Guapimirim: 1 macho, 15.X.1940 (OM); 1 macho, 20.VII.1941 (UFPC). *Santa Catarina*: Joinville, 1 macho, XII.1965, Miers leg. (OM); São Bento do Sul, 1 macho, 12.I.1972 (UFPC); São Bento do Sul, Rio Natal, 300 m, São Bento do Sul, 9 machos, 11.VI, 12.VII, 19.VII, 10.VIII, 12.VIII, 13.IX e 20.IX.2001, Lino Rank leg. (CGCM), 1 macho, 23.I.1993 (Col. Jordano Harro).

Fig. 43. *Narope cyllarus*, distribuição espacial.

Narope guilhermei Casagrande, 1989

Figs 44, 45, 47, 48 e 54

Narope guilhermei Casagrande, 1989. **Revta bras. Zool.** 6: 126, figs 1-4 (macho, fêmea d, v), 5, 6 (venação), 7-11 (gen. masc.), 12, 13 (gen. fem.); holótipo macho, 24-I-1986, Rio Negrinho, Santa Catarina, Brasil, C. G. Mielke *leg.*; Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.

Material tipo. HOLÓTIPO depositado na Coleção Padre Jesus Santiago Moure do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, com as seguintes etiquetas: /Holótipo/ 24.I.1986, Rio Negrinho, SC, C.G. Mielke *leg.*/DZ 3071/ *Narope guilhermei* Casagrande, M. Casagrande det. 1988, Holótipo/. ALÓ-

TIPO fêmea, também depositado na mesma coleção com as seguintes etiquetas: /Alótipo/ 27.I.1986, Rio Negrinho, SC, C.G. – O. Mielke leg./ DZ 3072/ *Narope guilhermei* Casagrande, M. Casagrande det. 1988, Alótipo/. PARÁTIPOS – BRASIL, *Santa Catarina*: Rio Negrinho, 1 macho, 18.I.1984, C.G. Mielke leg. (CGM), 1 macho, 18.I.1984, C.G. Mielke leg. (UFPC); 3 machos e 1 fêmea, 24.I.1986, C.G. Mielke leg. (UFPC); 1 fêmea, 24.I.1986, C.G. Mielke leg. (CGM), 2 machos e 4 fêmeas, 27.I.1986, C.G. – O. Mielke leg. (UFPC); 1 macho, 27.I.1986, C.G. – O. Mielke leg. (BMNH); *Rio Grande do Sul*: Caxias do Sul, 1 fêmea, 15.II.1896 (identificado como *cyllabarus*?) (FZRS), todos etiquetados como parátipos da seguinte forma: / *Narope guilhermei* Casagrande, M. Casagrande det. 1988/.

Diagnose. Face dorsal da asa anterior em laranja ferrugíneo. A cor castanho escura está restrita ao ápice e margens externa e interna da asa anterior. Asa posterior, castanho escuro com faixa marginal laranja ferrugíneo. Na fêmea a área laranja ferrugíneo reduzida a uma mancha, além da célula discal e em amarelo ferrugíneo.

Descrição. Macho (Figs 44 e 47). Asa anterior: comprimento da margem costal – 31 a 33 mm; margem externa – 19 a 22 mm; largura da asa – 19 a 22 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 19 a 22 mm; margem externa – 19 a 22 mm; maior comprimento da asa – 24 a 28 mm.

Cabeça e tórax, dorsal e ventralmente, castanho claro ferrugíneo; abdome castanho escuro. Antenas ferrugíneas.

Face dorsal da asa anterior, desde a bifurcação R4-R5 até o ápice castanho escuro. Esta área se estreita progressivamente até o ápice de CuA₂. Da CuA₁ até a base de 2A, fora da célula discal, castanho. Célula discal e todo restante da asa ferrugíneo. Margem externa com faixa ferrugínea de 1mm de largura.

Face dorsal da asa posterior castanho, contornada desde Sc+R₁ até 2A por faixa ferrugínea, com a mesma espessura daquela da asa anterior; androcônia arredondada, de tamanho pequeno, creme, pouco além da bifurcação de Rs-M₁, sobre Rs.

Face ventral da asa anterior castanho claro com faixas castanho escuro. Duas destas faixas, a basal e a pós-basal, atravessam a célula discal de forma oblíqua, no sentido margem costal – margem interna, terminando pouco antes da última. Outra faixa, da mesma cor que as anteriores, ocupa o espaço entre uma mancha redonda, preta, localizada entre M₁-M₂ e próxima à margem externa, alargando-se progressivamente até o centro da margem interna e ápice de 2A. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia oval, com escamas creme e o dobro do tamanho daquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior castanho claro. Pequena mancha castanho escura e redonda no centro da margem costal. Entre Sc+R₁ e Rs, três faixas paralelas, dispostas da margem costal até a margem anal. A basal, mais larga, afila progressivamente até o terço proximal de 2A e as pós-basal e mediana, com a mesma espessura, terminam no segundo terço de 2A e na porção distal de 2A, respectivamente. Ainda dessa mesma mancha escura, parte uma série de outras manchas submarginais, formando um semi-círculo, seguindo o contorno alar até 2A; as duas primeiras castanho escuro com o centro creme, as quatro seguintes creme, sendo a penúltima maior e em meia lua. No ângulo anal, uma faixa branca difunde-se progressivamente até próxima à penúltima mancha creme.

Figs 44-46. (44-45) *Narope guilhermei*: (44) macho, vistas dorsal e ventral; (45) fêmea, vistas dorsal e ventral; (46) *Narope nesope*, macho, vistas dorsal e ventral.

Genitália (Fig. 47A-E). Unco desprovido de espinhos. Subunco retangular, projetado dorsalmente mas não ultrapassando o unco; extremidade distal com numerosos dentes. Valva de bordo distal serrilhado com espinhos proeminentes. Superfície interna e distal deprimida e revestida de inúmeros pequenos espinhos, na parte mediana os espinhos se dispõem sobre uma elevação formando uma carena. Juxta, em vista ventral, em forma de "V" com a margem interna serrilhada.

Fêmea (Figs 45 e 48). Asa anterior: comprimento da margem costal – 33 a 36 mm; margem externa – 21 a 23 mm; largura da asa – 22 a 24 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 24 a 26 mm; margem externa – 24 a 26 mm; maior comprimento da asa – 27 a 30 mm.

Face dorsal da asa anterior castanha, pouco mais escuro que nos machos. Mancha amarelo ferrugínea, em forma de meia lua entre as discocelulares e a bifurcação R4-R5, em alguns exemplares se estende de forma mais estreita até CuA₁ ou 2A. Margem externa como nos machos.

Face dorsal da asa posterior castanha, com faixa de 1mm de espessura em amarelo ferrugíneo que contorna toda a margem externa. Após as discocelulares uma área com amarelo difuso pode ou não estar presente.

Face ventral das asas anterior e posterior, semelhantes aos machos.

Genitália (Fig. 48). Lamela pós-vaginal como uma placa retangular de extremidades arredondadas, esclerotizada. A lamela ante-vaginal é formada por uma prega esclerotizada próxima à lamela pós-vaginal. O duto da bolsa se alarga progressivamente, constituindo a bolsa.

Discussão. Aproxima-se no aspecto geral de *N. anartes* e de *N. cyllastros*. Porém morfológicamente separa-se de *N. anartes* pela ausência de projeções na extremidade distal da valva e dorsais no unco, aspecto do subunco e externamente pelo colorido laranja ferrugíneo das asas anteriores. Difere de *N. cyllastros* pela presença de apenas uma carena na parte distal interna da valva, no tamanho menor da androcônia da face dorsal da asa posterior e pela presença de colorido laranja ferrugíneo e amarelo das asas.

Distribuição espacial (Fig. 54). BRASIL, Santa Catarina: Rio Negrinho e Rio Grande do Sul, Caxias do Sul.

Distribuição temporal. Entre os exemplares estudados pode-se concluir que a espécie voa entre os meses de janeiro e fevereiro.

Etologia. Os exemplares, machos e fêmeas, foram todos coletados no final da tarde, quando a luz do dia está quase ausente. São de voo ágil e se matêm praticamente no mesmo lugar passando de um para outro arbusto.

Planta hospedeira e imaturos. O pouco que se conhece dos hábitos alimentares das espécies do gênero, indicam como sendo Poaceae a planta hospedeira das larvas. Não foram encontrados imaturos, porém no local de coleta dos adultos, segundo informações dos coletores, haviam muitos arbustos de *Bambusa* sp (Poaceae).

Etimologia. O nome científico é uma homenagem ao coletor Carlos Guilherme Costa Mielke.

Material estudado. Todo o material relacionado no item Material tipo.

Figs 47-48. *Narope guilhermei*. (47) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral, (48) genitália feminina.

Narope panniculus Stichel, 1904

Figs 49, 50, 52-54

- Narope panniculus* Stichel, 1904. **Ins.**– **Börse** 21: 6; 1 macho, Paraguai [Nueva Germania], coleção Stichel e 3 machos, Rio Yuntas [*recte* Juntas], Bolívia, 1000m, coleção Staudinger [Museum für Naturkunde der Humboldt Universität, Berlin].– Stichel, 1904, in Wytsman. **Gen. Ins.** 20, p. 15, pl. 4, fig. 2 (macho d, v); cat., dg.– Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 41, 49; cat., sist., dg.– Fruhstorfer, 1910. **Ent. Zeit.** 24: 194; sist., dg.– Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 330; sist., dg.– Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenk.** 1: 8; sist., dg.– Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 16; cat.– D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392, figs (macho d, fêmea v); sist., dg.– Robbins *et al.*, 1996, in Wilson & Sandoval. **Manu**, p. 229; dg.
- Narope panniculus piccatus* Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenk.** 1: 8; tipos: 3 machos, Rio Yuntas [*recte* Juntas], Bolívia; Mus. Berol.– Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 17; cat., dg.– Lamas, 1981. **Rev. Soc. Mex. Lep.** 6: 30; dg.– D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392; sist., dg.; **syn. n.**
- Narope panniculus panniculus*; Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 16; cat., dg.– Mielke & Casagrande, 1998. **Revta bras. Zool.** 14: 975; dg.
- Narope paniculus* [sic]; Hayward, 1951. **Acta zool. lill.** 9: 219; cat., dg.– Hayward, 1973. **Op. lill.** 23: 241; cat.; dg.

Histórico. STICHEL (1904) descreve a espécie com base em 1 macho do Paraguai, na coleção Stichel, outros 3 do Rio Yuntas, Bolívia, da coleção Staudinger. STICHEL (1916) define que os 3 exemplares machos do Rio Yuntas, Bolívia

constituem uma outra subespécie, *Narope panniculus piccata*. Na mesma publicação inclui para *N. panniculus panniculus* uma fêmea de Itaituba, Pará, também da coleção Staudinger. Esta fêmea, hoje na Coleção do "The Natural History Museum" é uma fêmea de *Aponarope sutor* e não de *N. panniculus panniculus*, como supunha Stichel.

O estudo dos lectótipos, comentados a seguir, mostrou que *N. panniculus piccatus* é um novo sinônimo.

Material tipo. No "The Natural History Museum", Londres, Inglaterra, dois machos dos quatro sítipos de *N. panniculus*, foram encontrados. O exemplar de Nueva Germânia, designado por Stichel, 1916 (meinem Original), é aqui interpretado como LECTÓTIPO de *Narope panniculus* Stichel, com as seguintes etiquetas: /Type/ Typus/ *Narope panniculus* Stich./ Paraguay Nuev. Germania e.c. H.Stichel/ LECTOTYPE/ *Narope panniculus* Stichel, 1904, Lectotype, designated by Stichel, 1916, M. M. Casagrande det. 2002/. O exemplar, no "Zoologisches Museum der Humboldt Universität" também sítipo de *N. panniculus*, mais tarde incluído na série dos 3 sítipos de *N. panniculus piccatus* é aqui designado como LECTÓTIPO de *Narope panniculus piccatus* Stichel, 1916, com o objetivo de garantir a adequada identificação do táxon, com as seguintes etiquetas: /Typus/ BOLÍVIA 1000 m Rio Juntas Garlepp/ *Narope panniculus* Stichel/ LECTOTYPE/ *Narope panniculus piccatus* Stichel, 1916, Lectotype, M. M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanha. Na face dorsal da asa anterior mancha arredondada, de cor preta, ocupando o espaço entre a base das cubitais até a margem interna.

Descrição. Macho (Figs 49-52). Asa anterior: comprimento da margem costal – 30 a 39 mm; margem externa – 20 a 27 mm; largura da asa – 21 a 26 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 21 a 26; margem externa – 22 a 27 mm; maior comprimento da asa – 24 a 27 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanha. Na asa anterior mancha arredondada, de cor preta, ocupando o espaço entre a base das cubitais até a margem interna.

Asa posterior, com androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação de Rs-M₁, sobre Rs. Nenhuma das veias da asa posterior se projeta, conferindo à margem da asa um aspecto completamente arredondado.

Na face ventral de ambas as asas reflexo metálico prata. Na asa anterior quatro faixas mais escuras; as três proximais: basal, pós basal e mediana, desde a margem costal até CuA₂ e a quarta, com início no espaço M₁-M₂ até CuA₂, juntamente com ponto preto; faixa diagonal do ápice até o meio de 2A, ausente. Da margem costal até a Sc+R₁, pequenas linhas formadas por escamas brancas, perpendiculares à margem costal e intercaladas por áreas escuras. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia oval, creme, pouco maior que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na asa posterior a metade proximal mais clara e a distal mais escura, e com efeito metalizado prata mais intenso. Em alguns exemplares, pode estar presente uma linha de pontos submarginais, formados por escamas brancas, acompanhando o contorno arredondado da asa (Fig. 49).

Figs 49-51. (49-50) *Narope panniculus*: (49) macho, vistas dorsal e ventral; (50) fêmea, vistas dorsal e ventral; (51) *Narope denticulatus*, macho, vistas dorsal e ventral.

Genitália (Fig. 52A-E). Unco curvo e sem espinhos ou projeções. Subunco alongado e estreito, projetado para além da margem superior do unco. Valva com extremidade em ponta suave e projetada para além do unco, faces externa e interna com numerosas cerdas, sem espinhos. Juxta, em vista ventral, em forma de V, com profunda fenda na região mediana distal.

Fêmea (Figs 50 e 53). Asa anterior: comprimento da margem costal – 31 a 33 mm; margem externa – 22 a 24 mm; maior largura da asa – 23 a 25 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 24 a 26 mm; margem externa – 24 a 25 mm; maior comprimento da asa – 25 a 26 mm.

Asas anterior e posterior com a face dorsal em castanho claro, sem faixas ou manchas. Na face ventral, a cor ainda mais clara que da face dorsal, apenas a faixa submarginal, que como nos machos, tem início no espaço entre M₁-M₂, onde também está presente uma mancha arredondada e escura. O aspecto prata metálico permanece menos intenso que nos machos. Como nestes, alguns exemplares femininos também podem apresentar manchas claras submarginais que acompanham a forma da asa. A asa anterior têm contorno distinto do macho, tanto o ápice como o ângulo anal, são retraídos em relação à margem externa, convexa.

Genitália (Fig. 53). Lamelá pós-vaginal formada por placa retangular quase totalmente dividida ao meio, formando duas placas laterais, estreitas na parte mediana e convergindo nas laterais para a parte dorsal. Lamela ante-vaginal pequena, também retangular e pouco esclerotizada. Duto da bolsa e bolsa de igual tamanho, esta alongada.

Discussão. Distingue-se de todas as outras espécies do gênero pelo contorno arredondado da asa posterior. A mancha arredondada de escamas escuras na face dorsal da asa anterior também é encontrada em *N. nesope* mas pode facilmente ser distinguida desta por não apresentar ferrugíneo nas asas.

Distribuição espacial (Fig. 54). EQUADOR. PERU, *Madre de Dios*: Ibéria, Puerto Maldonado, Boca Rio La Torre; *San Martín*: Jepelacio; *Loreto*: Rio Ucayali; *Junín*, Rio Perené. BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista (Ichilo), Rio Surutu, Rio Japacani. PARAGUAI: Sapucay, Yhu, Villarica. ARGENTINA, *Misiones*, *Entre Ríos*. BRASIL, *Pará*: Óbidos; *Distrito Federal*: Planaltina; *Mato Grosso*: Buriti, Cáceres, Brasnorte; *São Paulo*: Teodoro Sampaio (Parque Estadual Morro do Diabo); *Paraná*: Rio Piquiri, Toledo, Rondon, Tapejara.

Distribuição temporal. Os registros indicam que a espécie ocorre todo o ano.

Etologia. Machos são atraídos para restos de animais (sapos) em decomposição.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. EQUADOR, Oriente, 2 machos (AME). PERU, *Madre de Dios*: Iberia, 2 machos, 10.IV.1973, (CU); Puerto Maldonado, 250m, 1 fêmea, 21.VIII.1987, L.Miller leg. (AME); Boca Rio La Torre, 300m, 1 macho, 9.XI.1979, Heppner leg., 2 machos, 2.X.1981, Lamas leg., 1 fêmea, 22.X.1985, Lamas leg. (MHNH); *San Martín*: Jepelacio, 1 macho, (AMNH), 2 machos, (USMN); *Loreto*, R. Ucayali, 2 machos, 6.II.1928, 9.III.1929, (AMNH); *Junín*, Rio Perené, 2 machos, (MHNH). BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista, Ichilo, 400m, 1 macho, III.1955, (AME); 2 machos, IV e V.1915, Steinbach leg. (CMP); 3 machos, (UFPC); Rio Juntas, 1 macho (lectótipo de *N. panniculus piccatus*) (BMNH) Rio Juntas, 1000 m, 2 machos, 1890, Michael leg. (ZMHB); Rio Surutu, 600 m, 1 macho, II.1915, Steinbach leg., Rio Japacani, 8 machos, (1) II.1914, (2) IX.1914, (3) II.1915, (2)

Figs 52-53. *Narope panniculus*. (52) Genitalia masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral, (53) genitalia feminina.

III.1915, (CMP). PARAGUAI, 1 macho, (BMNH); Sapucay, 3 machos, 19.XII.1902, 5.VI.1903, 23.XII.1904, 1 macho, (BMNH); Yhu, 4 machos, IX-XII. 96, (BMNH), Villarica, Nueva Germania, 1 macho (lectótipo de *N. panniculus*) (BMNH), Villarica, Colônia Carlos Pfannl, 1 macho, J. Anders leg.; R. Iguazu, 1 macho, XII.1960, (UFPC). ARGENTINA, *Misiones*: 1 macho e 1 fêmea, IX, 1927, (BMNH); 2 machos, XII. 1957, (AME); *Entre Rios*: 2 machos, H.H. Smith leg., (BMNH). BRASIL, *Pará*: Óbidos, 1 macho, IX.1968, Kesselring leg., (UFPC); *Distrito Federal*: Planaltina, 1000 m, 1 fêmea, 10.VI.1976, V. Becker leg., (UFPC); *Mato Grosso*: Buriti, 4 machos, 24.V.1969, 7.VI.1970, 15.VI.1970 e 16.VI.1970, (KB), 1 fêmea, 4.VI.1971, (OM); Cáceres, 5 machos, 18-19.XI.1984, Buzzi, Mielke, Elias & Casagrande leg., 2 machos, 1-15.XII.1984, 4 machos, 1-9.II.1985, Elias leg., (UFPC), Brasnorte, 3 machos, 23.VII.1987, Miers leg., (OM); 5 machos, 5-20.VII.1990, 400 m, C.G.-Mielke & Miers leg. (CGCM); *São Paulo*: Teodoro Sampaio, Parque Estadual Morro do Diabo, 300- 600 m, 9 machos, 22-25.X.1987, Mielke & Casagrande leg. (OM); 1 macho, 20-23.II.1990, Mielke & Casagrande leg., (UFPC). *Paraná*: Rio Piquiri, 1 fêmea, 7.VIII.1940, Mayes leg.; Rondon, 1 macho, 10.III.1959; Tapejara, 1 macho, I. 1953; Toledo, 1 macho, VIII-IX.1959, Mohr leg. (OM).

Fig. 54. Distribuição espacial. (●) *Narope panniculatus*, (▲) *Narope guilhermei*.

Narope nesope Hewitson, 1869

Figs 46, 55 e 57

Narope nesope Hewitson, 1869. **Equat. Lep.**, 4 p. 32, index p. [1]; Curaray, Equador, Buckley *leg.*-Kirby, 1871. **Syn. Cat. Diurn. Lep.**, p. 129; cat.- Stichel, 1904, in Wytzman. **Gen. Ins.** 20, p. 15; cat., dg.- Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 42, 48; cat., sist., dg.- Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 329; sist., dg.- Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 16; cat., dg.- D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392, figs (macho d, v); sist., dg.- Robbins *et al.*, 1996, in Wilson & Sandoval. **Manu**, p. 229; dg.

Narope pusilla Röber, 1929. **Intern. ent. Ztschr.** 23: 325; 1 macho [holótipo], Buenavista, 75 km NO Santa Cruz, Bolívia, coleção Kotzsch.- Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 17; cat., dg. **syn. n.**

Naropina pusilla; Röber, 1929. **Intern. ent. Ztschr.** 23: 326.

Histórico. Espécie descrita de Curaray, Equador, à margem do Rio Curaray, um dos afluentes da margem direita do Rio Napo. A comparação do lectótipo de *N. nesope*, a seguir designado, com a descrição de *N. pusilla* mostrou que esse é um novo sinônimo.

Material tipo. A descrição da espécie está baseada em número não definido de exemplares. Um sítipo macho foi encontrado no "The Natural History Museum", Londres, Inglaterra, é aqui designado LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /Type/ Equal *nesope*/ Ecuador, Hewitson Coll. 79 – 69, *Narope nesope* Hew./ B.M. Type Nº Rh 6119 *Narope nesope* ♂ Hew./ LECTOTYPE/ *Narope nesope* Hewitson, 1869, Lectotype, M. M. Casagrande det. 2002/. O holótipo de *N. pusilla*, segundo Dr. Gerardo Lamas está depositado no "Zoologisches Museum", Copenhague, Dinamarca.

Diagnose. Asas anterior e posterior castanho. Na anterior, ferrugíneo em 3/4 basais da margem costal e parte adjacente a célula discal; acompanhando externamente na base de m-cu até a margem interna, mancha arredondada de escamas pretas. Algumas escamas pretas difusas sobre M₂-M₃.

Descrição. Macho (Figs 46 e 55). Asa anterior: comprimento da margem costal – 25 a 28 mm; margem externa – 20 a 28 mm; largura da asa – 18 a 21 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 16 a 20 mm; margem externa – 21 a 23 mm; maior comprimento da asa – 22 a 24 mm.

Cabeça e apêndices, e tórax castanho ferrugíneo. Abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho e sobre a margem externa discreta linha ferrugínea com aproximadamente 1mm de largura. Na asa anterior, ferrugíneo em 3/4 basais da margem costal e parte adjacente da célula discal, as escamas desta cor, não ocupam espaços abaixo da célula e nem abaixo de M₃; acompanhando externamente à célula, na base de m-cu, até a margem interna, mancha arredondada de escamas pretas. Algumas escamas pretas difusas sobre M₂-M₃. Na asa posterior, androcônia, oval de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs. Maior projeção da asa em 2A.

Face ventral das asas anterior e posterior com predominância de escamas castanho amarelado. Linhas e pontos mais escuros em tons de castanho avermelhado. Na asa anterior, uma faixa oblíqua, pouco antes do ápice até o meio da margem interna. Faixa na metade da margem costal, ao longo de toda a base de M₁-M₂, M₂-M₃, quebrando abruptamente em m-cu, e acompanhando paralelamente a faixa distal até a margem interna; pequenos pontos brancos entre R₃-R₄ próximos ao ápice; a faixa diagonal do ápice até o meio de 2A está ausente; sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas ferrugíneas, pouco maior que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na asa posterior, metade proximal da célula discal com escamas castanho escuro. Pouco além do meio da margem interna, faixa castanho escuro avermelhada antecedida por ponto escuro projeta-se até a margem anal pouco antes do ângulo anal. De M₂ até o ângulo anal, esta faixa é acompanhada, externamente, por outra faixa de cor branca. Além desta, até a margem externa o aspecto é violeta metálico. Dois pontos negros com pupilas brancas antecedem essa faixa e estão sobre faixa escura, entre CuA₁-CuA₂ e CuA₂-2A, respectivamente.

Genitália (Fig. 55A-E). Unco projetado distalmente, quase reto na borda ventral. Subunco retangular e afilado na extremidade distal, sem espinhos. Valva

Figs 55-56. Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral, (F) gnato, vista ventral; (55) *Narope nesope*; (56) *Narope denticulatus*.

projetada para além da extremidade distal do unco; distalmente o bordo dorsal em vista interna com área de fortes projeções como espinhos. Juxta, em vista ventral, com forma de um triângulo invertido, com suave depressão na porção distal.

Fêmea. Desconhecida.

Discussão. Entre as espécies do gênero, é a de menor evergadura alar. Como em *N. panniculus*, apresenta uma mancha preta de aspecto arredondado no centro da metade inferior da asa anterior. É facilmente distinta desta, pela coloração ferrugínea na asa anterior.

Distribuição espacial (Fig. 57). EQUADOR, Curaray. PERU, *Madre de Dios*: Pakitza, Tambopata, Salvacion; *Puno*: Chaquimayo, Yahuar Mayo, Carabaya. BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista (Ichilo, Rio Yapacani). BRASIL, *Acre*: Xapuri; *Rondônia*: Jarú.

Distribuição temporal. Entre os exemplares estudados das diferentes coleções e do material coletado encontram-se registros de adultos voando entre os meses de fevereiro, março, junho-agosto e outubro.

Etologia. Machos foram coletados em armadilhas com iscas de frutas em decomposição.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Fig. 57. *Narope nesope*, distribuição espacial.

Material estudado. EQUADOR, 3 machos (CU); Curaray, 1 macho (lectótipo) (BMNH); PERU, *Madre de Dios*: Salvacion, 400 m, 1 macho, III. 1990, M. Büche leg. (OM); Pakitza, Parque Nacional Manu, 340 m, 2 machos, 15 e 19.X.1991, Casagrande leg. (UFPC); Tambopata Reserve, 300 m, 5 machos, 26, 27 e 29.X.1991, Casagrande leg. (UFPC); *Puno*: Chaquimayo, 2500-3000ft, 1 macho, H.C. Watkins leg. (BMNH); Yahuarmayo, 1200ft, 1 macho, Febr. March. 1912, H.C. Watkins leg. (BMNH); Carabaya, R. Huacamayo, 2000 ft, 1 macho, G. Ockenden leg. (BMNH). BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista, 1 macho (AME); Buenavista, Ichilo, 400 m, 1 macho (UFPC); R. Yapacani, 1 macho, VIII.1913, Steinbacher leg. (CMP). BRASIL, *Acre*: Xapuri, 2 machos, 1934, F. Oiticica F. leg. (UFPC); *Rondônia*: Jarú, 1 macho, 5.VIII.1975, Brown leg. (KB); Candeias do Jamari, Banho do Rio Preto, 1 macho, 1-15.VII.1996, O.—C.G. Mielke & Miers leg. (OM).

Narope denticulatus Talbot, 1928, **stat. n.**

Figs 51, 56 e 58

Narope cyllastros denticulatus Talbot, 1928. **Bull. Hill Mus.** 2: 200, 221, pl. 8, Fig. 13 (macho d); 1 macho holótipo, 6-VI-1927, Tombador, 16 mi S. Diamantino, Mato Grosso, Brasil, Collenette leg.; Hill Museum [transferido para o BM(NH)] – D' Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 390, fig. (macho v); sist., dg.

Narope cyllastros denticulata [sic]; Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51: 15; Cat., dg.

Histórico. TALBOT (1928) ao descrever *N. cyllastros denticulatus* faz comparações com *N. cyllastros*, salientando o crenulado da margem das asas na subespécie. Além do holótipo, inclui também dois machos [parátipos] do Mato Grosso na coleção do Hill Museum [transferidos para o BMNH].

Material Tipo. HOLÓTIPO no "The Natural History Museum" Londres, Inglaterra, com as seguintes etiquetas: / Type HT / 39. 27 Tombador, 16 miles S. of Diamantino 1500 ft 4- 6. VI. 27 Matto Grosso C. L. Collenette/ *Narope cyllastros denticulatus* macho H.T. Talb. 1928/.

Diagnose. Asa anterior castanho ferrugíneo e a posterior, parcialmente castanho avermelhado. Margem externa de ambas as asas denteada, acompanhadas por franja de escamas creme. Face ventral amarelo pardo, com faixas em castanho escuro e branco.

Descrição. Macho (Figs 51 e 56). Asa anterior: comprimento da margem costal – 27 a 30 mm; margem externa – 20 a 22 mm; largura da asa – 18 a 20 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 19 a 21 mm; margem externa – 21 a 23 mm; maior comprimento da asa – 23 a 25 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho. Antenas com flagelômeros basais castanho e os apicais ferrugíneo.

Face dorsal da asa anterior com a parte central castanho ferrugíneo e as extremidades junto às margens costal e externa castanho escuro avermelhado, franjas creme. Asa posterior com área adjacente à célula discal castanho ferrugíneo e o restante castanho escuro avermelhado; com suave linha submarginal em preto, com início em Sc+R₁, acompanha a margem externa até 2A; androcônia oval de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação de Rs-M₁, sobre Rs; margem externa fortemente crenulada (Fig. 51) com projeção acentuada, acompanhada pela veia CuA₁.

Face ventral da asa anterior, de cor predominante amarelo pardo; do ápice até o meio de 2A, faixa diagonal, de aproximadamente 2 mm de largura, com escamas brancas mescladas e, outras duas, escuras, a basal desde a margem costal, passando pela dcs e base de CuA₂ terminando sobre 2A, a terceira pós-basal; sobre a metade proximal de 2A, androcônia de escamas creme, do mesmo tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior com a faixa basal formada por escamas escuras; a pós-basal com início na base de M₁, une-se com a basal formando um "Y" invertido; linha submarginal, crenulada e escura; o espaço compreendido entre essa linha e a margem da asa amarelo palha; proximal à linha submarginal uma área de escamas brancas com reflexo prata, antecedida por faixa mais larga de escamas escuras. Todo o restante da asa com pequenos aglomerados de escamas escuras.

Fig. 58. Distribuição espacial. (●) *Narope denticulatus*, (▲) *Narope testacea*.

Genitália (Fig. 56A-E). Unco curvo, com projeção bilobada e crenulada na face dorsal. Subunco retangular, com extremidade distal denteada; porção lateral revestida de numerosos espinhos. Valva projetada além da extremidade distal do unco com três a quatro projeções na porção dorsal e distal. Juxta, em vista ventral, com forma de U. Gnato em forma de placa retangular, com suave denteado na porção distal.

Fêmea. Desconhecida.

Discussão. O padrão de coloração da face ventral das asas, a margem externa da asa denteada e com escamas brancas, as características do subunco e da valva, assim como a distribuição geográfica de *Narope denticulatus* caracterizam a espécie de forma tal a separá-la de *N. cyllastros* com a qual pode ser confundida. Consequentemente *N. denticulatus* é um **stat. n.**

Distribuição espacial (Fig. 58). BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Chiquitos, Buenavista. BRASIL, *Mato Grosso*: Diamantino (Tombador), Buriti, Brasnorte, Cáceres, Chapada dos Guimarães.

Distribuição temporal. Entre o material estudado encontrou-se adultos coletados em fevereiro, abril, junho, julho, setembro e novembro, assim sendo pode-se supor que deva voar o ano todo.

Etologia. TALBOT (1928) ao descrever a subespécie, cita que a mesma foi coletada em uma área de sol dentro da floresta. Provavelmente estava pousada sobre restos de frutas em decomposição ou mancha de urina de algum animal, pois das espécies de hábitos conhecidos só são ativas no crepúsculo.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Chiquitos, 1 macho; 1 macho, 1905/6, Steinbach *leg.* (BMNH), Buenavista, 750 m, 4 machos, Steinbach *leg.* (BMNH). BRASIL, *Mato Grosso*: 3 machos (UFPC), Diamantino, Tombador, 1 macho, 6.VI.1927, Collenette *leg.* (holótipo) (BMNH), Buriti, 1 macho, 14.II.1966, Brown *leg.* (KB). Brasnorte, 1 macho, 21.VII.1987, Miers *leg.* (OM); Brasnorte, Faz. Paraná, 3 machos, 5-20.VII.1990, Mielke *leg.* (OM). Cáceres, 13-19.XI.1984, 28 machos, Buzzzi, Mielke, Elias & Casagrande *leg.* (UFPC), 5 machos, 1-9.X.1985, Elias *leg.* (UFPC), Chapada dos Guimarães, 1 macho, abril, H.H.Smith *leg.* (BMNH); *Minas Gerais*: 1 macho, Garbe *leg.* (MZUSP).

Narope testacea Godman & Salvin, 1878, **stat. rev.**

Figs 58-60, 63-64

Narope testacea Godman & Salvin, 1878. *Ann. & Mag. Nat. Hist.* (5)2: 259; macho, fêmea, Chiriqui, [Panamá], Ribbe *leg.*; coleção Staudinger. – Godman & Salvin, 1881, in Godman & Salvin. *Biol. Centr. – Amer., Lep. Rhop.* 1, p. 139, pl. 15, figs 4-6 (macho d, v, fêmea d); sist., dg. – Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz, *Exot. Schmett.* 1, p. 218; sist. – R. Maza R., 1987. *Marip. Mexicanas*, p. 96, pl. 27, fig. 6 (macho d); dg. – D'Abreu, 1987. *Butt. Neotrop. Reg.* 3, p. 392, fig. (macho v, como *allopunctum*); sist., dg.

Narope cyllastros testacea; Stichel, 1904. *Ins. – Börse* 21: 197; sist., dg. – Stichel, 1904, in Wytzman. *Gen. Ins.* 20, p. 15; cat., dg. – Stichel, 1909. *Tierreich* 25, p. 44; cat., sist., dg. – Fruhstorfer, 1912, in Seitz, *Gross-Schmett. Erde*, 5, p. 328; sist., dg. – Stichel, 1932. *Cat. Lep.* 51: 15; cat., dg. – R. Maza E. & J. Maza. 1993. *Marip. Chiapas*, p. 183; dg.

Histórico. A descrição original está baseada em ambos os sexos, coletados por Ribbe no Chiriqui, Panamá. STICHEL (1904) a menciona como subespécie de *N. cyllastros*. As citações de DEVRIES (1987) e PENZ *et al.* (2000) referem-se à *N. minor* **sp. n.**, descrita a seguir.

Material tipo. No “Zoologisches Museum der Humboldt Universität”, Berlim, Alemanha, estão os dois sítipos utilizados na descrição original. O macho, aqui designado como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /*Narope testacea* G & S /299/ Origin./ Chiriqui Ribbe/LECTOTYPE/ *Narope testacea* Godman & Salvin, 1878, Lectotype, M. M. Casagrande det. 2002/ e a fêmea, designada como PARALECTÓTIPO com as seguintes etiquetas: /Origin./Chiriqui Ribbe/ PARALECTOTYPE/ *Narope testacea* Godman & Salvin, 1878, Paralectotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo. Linha marginal denteada e enegrecida, contornando toda a margem. Genitália masculina de unco com projeções laterais denteadas.

Figs 59-62. (59-60) *Narope testacea*: (59) macho, vistas dorsal e ventral; (60) fêmea, vistas dorsal e ventral; (61-62) *Narope minor* **sp. n.**: (61) macho, holótipo, vistas dorsal e ventral; (62) fêmea, alótipo, vistas dorsal e ventral.

Descrição. Macho (Figs 59 e 63). Asa anterior: comprimento da margem costal – 30 a 32 mm; margem externa 21 a 22 mm; largura da asa – 20 a 21 mm. Asa posterior comprimento da margem costal – 20 a 22 mm; margem externa – 22 a 23 mm; maior comprimento da asa – 23 a 25 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome amarelo ferrugíneo.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho amarelado ferrugíneo. Na asa anterior, margem costal com escamas amarelo palha com aproximadamente 1mm de largura; entre R₂ e R₅ com escamas pretas; linha marginal sinuosa e escura; ponto escuro no terço distal entre M₁-M₂. Na asa posterior, androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Na face ventral da asa anterior, a cor predominante é amarelo palha, com inúmeros pequenos aglomerados de escamas pretas. Do ápice da asa até o meio de 2A, faixa diagonal, com aproximadamente 2mm de largura e escamas mais claras, divide a asa em duas áreas; a distal mais escura e a proximal mais clara. Outras duas faixas, não tão evidentes, sendo uma delas, a basal, desde a margem costal, passando pela dcs, parte interna da célula discal até 2A; a outra pós-basal, do meio da margem costal, sobre as discocelulares até à base de 2A; sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme, do mesmo tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na face ventral da asa posterior, próxima ao meio da margem costal, faixa basal preta de aproximadamente 2mm se projeta até o primeiro terço de 2A; quando passa por Rs, faixa pós-basal se forma, em semicírculo, e também se projeta até 2A pouco distal à anterior. Ponto preto com interior creme sobre Rs, na metade distal da margem costal. Linha submarginal escura e crenulada, antecedida por faixa em branco violáceo e por outra anterior a essa, castanho; pontos creme sobre essa faixa. Toda a margem externa crenulada, com projeção acentuada acompanhada pela veia CuA₁.

Genitália (Fig. 63A-E). Unco reto, com projeção lateral denteada. Subunco retangular, pouco mais estreito na base; lateralmente, pouco antes da metade até a porção distal, várias projeções esclerotinizadas, como espinhos; borda distal completamente denteada. Valva projetada de forma a alcançar a extremidade do unco; extremidade distal com duas projeções, a anterior com vários dentes e a distal em ponta única. Juxta, em vista ventral, com forma de U.

Fêmea (Figs 60 e 64). Asa anterior: comprimento da margem costal – 32 a 34 mm; margem externa – 24 mm; largura da asa – 23 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 26 a 27 mm; margem externa – 26 a 27 mm; maior comprimento da asa – 30 a 31 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior, castanho uniforme. Margem externa em ambas as asas com faixa de aproximadamente 1mm de largura pouco mais clara que o restante. Na asa anterior, o ápice e o tornio são retraídos em relação a parte média e na posterior, margem externa totalmente crenulada, com projeção pouco acentuada acompanhada pela CuA₁.

Na face ventral de ambas as asas, o castanho é mais claro e com algumas escamas brancas com reflexos violáceos. Na asa anterior, como nos machos, uma faixa diagonal de escamas mais claras divide a asa em duas partes; a distal mais

Figs 63-64. *Narope testacea*. (63) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (64) genitália feminina, vista ventral.

escura e a proximal mais clara. A asa posterior, com faixa submarginal de escamas claras, seguida de outras duas semelhantes, uma mediana e outra pós-basal. Na faixa escura, entre as claras submarginal e mediana, uma série de pontos escuros na margem costal, passando a creme próximo ao ângulo anal.

Genitália (Fig. 64). Lamela pós-vaginal em forma de placa esclerotizada, com porção médio-anterior arredondada e com projeções distais. Lamela ante-vaginal pequena em relação à pós-vaginal. Duto da bolsa e corpo da bolsa com o mesmo tamanho, porém completamente distintos; bolsa arredondada.

Discussão. A espécie pode a primeira vista ser confundida com *N. cyllarus*, pois ambas possuem coloração castanho amarelo ferrugíneo, porém podem ser distinguidas pela presença de faixa submarginal em ambas as asas, machos e fêmeas com o mesmo padrão de coloração e pelo fato de só ocorrerem na região sul da América do Sul, enquanto que, em *N. testacea* a faixa em ambas as asas é marginal e enegrecida, as fêmeas são castanho claro sem ferrugíneo e distribuem-se pelo México e Panamá.

De *N. minor* sp. n., descrita a seguir, se distingue pela presença de linha submarginal escura nas asas posteriores e pelo aspecto da projeção lateral do unco, e de *N. cyllastros* da qual foi considerada por STICHEL (1904) como subespécie, pela coloração das asas anterior e posterior, aspectos da genitália masculina como forma do unco, subunco e valva.

Distribuição espacial (Fig. 58). MÉXICO, *Chiapas*: Motozintla; *Oaxaca*: Candelaria Loxicha. PANAMÁ, *Chiriqui*.

Distribuição temporal. Entre os exemplares estudados, os adultos voam entre os meses de julho a novembro.

Etologia. Desconhecida. DeVRIES (1987) cita aspectos do comportamento de *Narope testacea*, porém a citação refere-se à *Narope minor* sp. n.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. MÉXICO, *Chiapas*: Motozintla, San Jeronimo, 600 m, 5 machos, 11.VIII – 14.XI. 1973, Welling leg. (UFPC). *Oaxaca*, Candelaria Loxicha, 500 m, 1 macho, 25.VII.1976 (OM), 2 machos, 17.VIII.1976, 7.X.1982, 1 fêmea, 28.VII.1976, Welling leg. (UFPC), 1 macho e 1 fêmea, 22.IX.1971 e 24.X.1970, Welling leg. (CGCM) 1 macho e 1 fêmea, 28.VII – 27.VIII.1976 (UFPC). PANAMÁ, *Chiriqui*, 1 macho e 1 fêmea (lectótipo e paralectótipo) (ZMHB).

Narope minor Casagrande, sp. n.

Figs 61-62, 65-67

Narope cyllastros testacea; DeVries, 1987. Butt. Costa Rica, p.256, pl. 41, figs 6, 7 (macho d, v); biol., planta hosp., dg., etol. – Maes, 1999. Ins. Nicaragua, vol.III, p. 1387; dg., planta hosp., etol. – Penz, Aiello & Strygley, 2000. Jour. Lep. Soc. 53 (4): 149; planta hosp.

Material tipo. **HOLÓTIPO** macho na Coleção de Entomologia Padre Jesus Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, com as seguintes etiquetas: /HOLOTYPE/ Chiltepec, Oaxaca, México, 20.VIII.1973, Welling leg/ DZ 4724/ *Narope minor* Casagrande, Holotype, M. M. Casagrande det. 2002/. **ALÓTIPO** na coleção de Lepidoptera do “National Museum of Natural History”, Smithsonian Institution, Washington, USA, com as seguintes etiquetas: /ALLOTYPE/ Panamá, Veraguas, Ballena, 2 feb. 1979, coll. G. E. Small/ *Narope minor* Casagrande, Alotype, M. M. Casagrande det. 2002/. **PARÁTIPOS**: MÉXICO, *Oaxaca*: Chiltepec, 1 macho, VIII-1964, Welling leg. (CGCM), 1 macho, 2.VII.1973, DZ 805 (UFPC); Tapalapan, 1 macho, 25.VIII.1982, Cota leg., DZ 4818 (UFPC); Candelária Loxicha, 500 m, 1 macho, 7.X.1982, Welling leg., DZ 4730 (UFPC). PANAMÁ, *Panamá*: Canal Área, 2 machos, 2-4.VI.1970, G.B. Small leg., (USNM), *Darién*: Cerro Pirre, Cana, 400m, 1 macho, 4.VIII.1981, G.B. Small Jr. leg., (MHNL), *Herrera*: Chepo, 700 m, 1 fêmea, 25. XII. 1984, G.B. Small Jr. leg., (MHNL), todos etiquetados como parátipos da seguinte forma: /PARATYPE/ *Narope minor* Casagrande, Paratype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Asas anterior e posterior, na face dorsal, laranja ferrugíneo, pequena mancha preta, próxima à margem externa entre M₁-M₂, linha submarginal escura na asa posterior, do macho. Na fêmea com a face dorsal das asas em castanho claro, sem ferrugíneo. Genitália masculina com unco reto e com projeção lateral arredondada e serrilhada, dobrada dorsalmente formando uma crista sobre o unco.

Descrição. Macho (Figs 61 e 65). Asa anterior: comprimento da margem costal – 26 a 30 mm; margem externa – 18 a 20 mm; largura da asa – 17 a 19 mm.

Asa posterior: comprimento da margem costal – 18 a 20 mm; margem externa – 18 a 20 mm; maior comprimento da asa – 22 a 24 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho. Antenas ferrugíneas.

Asas anterior e posterior na face dorsal laranja ferrugíneo. Ápice da asa anterior com escamas pretas que diminuem progressivamente em direção ao centro da asa; pequena mancha preta próxima à margem externa entre M₁-M₂. Asa posterior pouco mais escura que anterior, ápice segue o mesmo padrão da anterior; linha submarginal preta e crenulada, como a margem da asa, e a maior projeção acompanhada pela Cu₁A; androcônia oval de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Face ventral da asa anterior palha, com pequenos conjuntos de escamas castanho. Do ápice da asa até o meio de 2A, faixa diagonal de aproximadamente 2 mm de largura e com escamas claras, dividindo a asa em duas áreas; a distal mais escura e a proximal clara. Outras duas faixas, escuras: a basal desde a margem costal, passando pela célula discal até próximo de 2A e a outra pós-basal, da margem costal e passando pelas bases de R₂, R₃, R₄ e R₅, até 2A. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas ferrugíneas, do mesmo tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior, com padrão de coloração semelhante à asa anterior, porém com um número muito maior de aglomerados de escamas escuras e com aparência marmorizada. Faixa basal escura desde o meio da margem externa, passando pela base da bifurcação Rs-M₁, pelo centro da célula discal até próximo à base de 3A; faixa pós-basal com início na basal, na área próxima à dcs, formando uma curva até pouco além do meio de 3A. Sobre a linha submarginal escura, se encaixam escamas claras de reflexo violáceo. Entre Sc + R₁- Rs, ponto escuro com parte interna creme, seguido de outros, menores, entre as veias subsequentes, formando um círculo; os dois últimos maiores, de escamas creme com parte interna escura.

Genitália (Fig. 65A-E). Unco reto com projeção lateral arredondada e serrilhada que se dobra dorsalmente formando uma crista sobre o unco. Subunco retangular, na extremidade distal o dobro da largura da extremidade basal, lados externo e mediano distal com inúmeros espinhos esclerotinizados. Valva projetada, não ultrapassando o unco; extremidade distal com duas projeções, a anterior levemente serrilhada e com um dente projetado e a distal com dois ou três dentes (valvas assimétricas). Juxta, em vista ventral, com forma de um V expandido, com a porção interna serrilhada.

Fêmea (Figs 62 e 66). Asa anterior: comprimento da margem costal – 30 mm; margem externa – 20 mm; largura da asa – 20 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 mm; margem externa – 23mm; maior comprimento da asa – 26 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Asas anterior e posterior com a face dorsal completamente castanho. Linha marginal com no máximo 1 mm de largura, com escamas mais claras que o restante da asa. Discreta nuance ferrugem após a célula discal da asa anterior.

Figs 65-66. *Narope minor* sp. n. (65) Genitalia masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (66) genitália feminina, vista ventral.

Face ventral parda acinzentado. Como nos machos, asa anterior com linha diagonal desde o ápice até o meio de 2A, área marginal castanho claro; área basal mais clara e com reflexos em prata acentuado entre R₃, R₄ e R₅; ápice da asa retraído. Asa posterior com vários e pequenos conjuntos de escamas escuras; ponto escuro, destacado em Sc+R₁-Rs, no meio da margem costal; margem da asa crenulada, com projeção acompanhada pela veia M₃.

Genitália (Fig. 66). Lamela pós-vaginal com formato de meia-lua e com saliência mediana; lamela ante-vaginal fracamente esclerotizada. Duto da bolsa e bolsa com aproximadamente o mesmo tamanho; corpo da bolsa alongado.

Discussão. Nas coleções examinadas e que dispõem de material desta espécie, estava misturado com *N. testacea*. Porém *N. minor* sp. n. pode ser separada de *N. testacea*, pelo menor tamanho, coloração castanho ferrugíneo das asas e pela faixa submarginal na asa posterior, além de aspectos nas genitálias masculina e feminina.

Distribuição espacial (Fig. 67). MÉXICO, *Oaxaca*: Chiltepec, Tapalapan, Candelária Loxicha. PANAMÁ, *Panamá*: Canal Area; *Veraguas*: Ballena; *Darién*, Cerro Pirre; *Herrera*: Chepo. COSTA RICA, *San Jose*: Santa Ana, Pozo Azul de Pirris.

Fig. 67. Distribuição espacial. (●) *Narope minor* sp. n.

Distribuição temporal. Com base no material estudado, os adultos voam nos meses de fevereiro e de junho, agosto, outubro e dezembro.

Etologia. Segundo DEVRIES (1987), mencionada como *N. testacea*, na Costa Rica, voam em locais acima de 1200 metros no lado do Pacífico, podem ser capturadas após o escurecer com banana em decomposição e na luz quando escuro; os machos voam de quatro a dez metros de altura em trilhas e são muito raros.

Planta hospedeira e imaturos. DEVRIES (1987) cita, sob o nome de *N. testacea*, como planta hospedeira bambu (Poaceae), sendo o ovo branco com círculos concêntricos em vermelho e bastante esculturado, no que é seguido por PENZ *et al.* (2000).

Etimologia. O nome é alusivo ao pequeno tamanho da espécie.

Material estudado. Todos os exemplares mencionados no item Material tipo.

Narope cyllabarus Westwood, 1851

Figs 22, 68-72

Narope cyllabarus Westwood, 1851, in Doubleday. **Gen. Diurn. Lep.** 2, p. 349; Bolívia; BM(NH).–Herrich-Schäffer, 1865. **Corr.–Blatt zool.–min. Ver. Regensburg** 19: 65; cit.–Kirby, 1871. **Syn. Cat. Diurn. Lep.**, p. 129; cat.–Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, p. 218; sist., dg.–Stichel, 1904, in Wytzman. **Gen. Ins.** 20, p. 15; cat., dg.–Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 42, 48; cat., sist., dg.–Fruhstorfer, 1912, in Seitz, **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 330; sist., dg.–Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenk.** 1: 7; sist., dg.–Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 16; cat., dg.–Hemming, 1941. **Jour. Soc. Bibl. Nat. Hist.** 1(2): 451; sist., dg.–Lewis, 1973. **Butt. World**, p. 29, fig. 10 (d), p. 222, dg.–Lewis, 1975. **Marip. Mundo**, p. 29, fig. 10 (d), p. 222; dg.–Lamas, 1983. **Rev. Soc. Mex. Lep.** 8: 16; dg.–D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392, figs (macho d, v); sist., dg.–Robbins *et al.*, 1996, in Wilson & Sandoval. **Manu**, p. 229; dg.–Ramos, 2000. **Jour. Res. Lepid.** 35:33; etol.

Narope sutor; Piñas & Manzano, 1997. **Marip. Equador**, p. 62, fig. 218 (d); err. ident.; dg.

Histórico. WESTWOOD (1851) ao citar a distribuição geográfica para a espécie tipo do gênero, *N. cyllastros*, até então somente figurada, inclui duas novas espécies: *N. cyllarus* e *N. cyllabarus*, esta baseada em macho(s) da Bolívia. As citações que seguem à descrição original, ampliam a distribuição geográfica.

Material tipo. No “The Natural History Museum”, Londres, Inglaterra, um síntipo macho foi encontrado e é aqui designado como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /Type/ Bolívia/ *Narope cyllabarus* Westw. G. & S. p.349/ B.M. TYPE Nº 6116 *Narope cyllabarus* ♂ Westw./ LECTOTYPE/ *Narope cyllabarus* Westwood, 1851, Lecto-type, M. M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior ferrugíneo escuro. Ápice e margem externa da asa anterior com escamas escuras. Pequeno ponto de escamas escuras, próximo à margem externa, entre M₁-M₂, e outro sobre a discocelular inferior. Tegume se projeta distalmente até próximo ao ápice do unco.

Descrição. Macho (Figs 68 e 70). Asa anterior: comprimento da margem costal – 32 a 36 mm; margem externa – 23 a 25 mm; largura da asa – 22 a 25 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 20 a 23 mm; margem externa – 24 a 25 mm; maior comprimento – 25 a 28 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome ferrugíneo.

Face dorsal das asas anterior e posterior ferrugíneo escuro. Ápice e margem externa da asa anterior com escamas escuras; pequeno ponto de escamas escuras, próximo à margem externa, entre M₁-M₂, e outro sobre a discocelular inferior. Ápice e linha submarginal da asa posterior enegrecido e mancha de escamas escuras sobre a base de M₂. O bordo da margem externa, liso e sem projeções acompanhadas por veias; androcônia oval, de tamanho grande, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Face ventral das asas anterior e posterior amarelo com inúmeros aglomerados em pontos ou linhas de escamas escuras. Em ambas as asas, faixa marginal com aproximadamente 1 mm de largura em castanho e faixa submarginal castanho escuro. Na asa anterior, pouco além da linha marginal, entre M₁-M₂, ponto escuro com centro creme; faixas basal e pós-basal em castanho; sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme, pouco maior que aquela da face dorsal da

Figs 68-69. *Narope cyllabarus*. (68) Macho, vistas dorsal e ventral; (69) fêmea: vistas dorsal e ventral.

asa posterior. Na asa posterior faixa basal com início no meio da margem costal e até o meio da célula discal; faixa pós-basal da metade distal da célula discal até 2A; faixa mediana, da metade distal da margem costal até próxima ao ângulo anal; linha submarginal castanho escuro com pontos mais escuros; da faixa mediana até a linha submarginal castanho com alguns pontos amarelos.

Genitália (Fig. 70A-E). Unco curvo, com acentuada convexidade dorsal e margem inferior levemente serrilhada e ponta projetada. Tegume se projeta distalmente, em ponta, até a porção mais dorsal da convexidade do unco. Subunco retangular, com constrição mediana, porção distal com alguns espinhos pontudos. Valva estreita e longa, projetada para além do unco; borda dorsal serrilhada. Juxta, em vista ventral, em forma de V expandido, na margem distal com leve depressão mediana.

Figs 70-71. *Narope cyllabarus*. (70) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) vista interna da valva, (C) juxta; (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago; (71) genitália feminina, vista ventral.

Fêmea (Figs 69 e 71). Asa anterior: comprimento da margem costal – 37 a 40 mm; margem externa – 27 a 30 mm; largura da asa – 25 a 30 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 27 a 31 mm; margem externa – 28 a 30 mm; maior comprimento – 36 a 38 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho. Antenas ferrugíneas.

Asas anterior e posterior com a face dorsal castanho. Margens costal e externa castanho claro. Sobre M₁ e M₂ algumas escamas ferrugíneas. Asa posterior com faixa marginal castanho claro, com linhas em castanho escuro e discreto ferrugíneo.

Face ventral amarelo claro. Como nos machos, toda a superfície ventral, com inúmeros e pequenos pontos e traços formados por escamas escuras. Na asa anterior manchas e faixas de contorno pouco definido em castanho claro. Na asa posterior o mesmo desenho que no macho com relação às faixas basal e pós-basal. Margem externa e linha submarginal em castanho. Do meio da margem costal até à margem interna, em semicírculo, pequenos pontos, o primeiro escuro e os demais em amarelo claro, sobre área castanho claro; estes pontos estão nos espaços entre as veias. Margem externa lisa, exceto por projeção acompanhada pela M₃.

Genitália (Fig. 71). Lamela pós-vaginal retangular, com projeções laterais e borda distal arredondada; projeções laterais dobradas para a região distal. Lamela ante-vaginal pequena. Duto da bolsa pouco menor que o corpo da bolsa; bolsa copuladora alongada.

Discussão. A coloração ferrugínea da face dorsal das asas anterior e posterior, o desenho na face ventral de ambas as asas com amarelo intenso e aspectos relacionados à genitália, como a convexidade do unco e espinhos no subunco separam-na de *N. obidos* sp. n., com a qual pode ser confundida.

Distribuição espacial (Fig. 72). GUIANA INGLESA, *Bartica*: Kartabo. COLÔMBIA, *Meta*: Rio Negro. EQUADOR, *Chimborazo*: Riobamba; *Bolívar*: Balzapamba; *Santiago-Zamora*: Macas, Normandia. PERU, *Madre de Dios*: (Pakitza); *Cuzco*: Cuzco (Salvacion); *Junín*: Rio Perené, Chanchamayo, Satipo; *Amazonas*: Rio Santiago; *Loreto*: Iquitos; *San Martín*: Jepelacio. BOLÍVIA, *Cochabamba*: Chapare (Cristal Mayo); *Santa Cruz*: Buenavista (Ichilo), Rio Japacani; *La Paz*. BRASIL, *Amazonas*: São Paulo de Olivença, Manicoré; *Rondônia*: Guajarámirim, Jarú, Rio Jamari, Cacaúlândia; *Mato Grosso*: Buriti, Cáceres (Cel. Rio Branco); *Mato Grosso do Sul*: Nioaque; *Distrito Federal*: Brasília, Cabeça de Veado (Distrito Federal); *Goiás*: Rio Araguaia (Ilha do Bananal).

Distribuição temporal. Pelo material estudado, pode-se concluir que a espécie voa durante o ano todo.

Etologia. Machos são atraídos para armadilhas com iscas de frutas em decomposição.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. GUIANA INGLESA, *Bartica*: Kartabo, 1 macho, 1920 (USMN). COLÔMBIA, *Meta*: Rio Negro, 1 macho, 17.I.1971, Brown *leg.* (KB), 1 macho, 7.VIII.1971, Schmidt-Mumm *leg.* (UFPC). EQUADOR, *Chimborazo*: Riobamba, 2798m, 1 macho (BMNH); *Bolívar*: Balzapamba, 1 macho (AME); *Santiago-Zamora*: Macas, Normandia, 1 macho (CU). PERU, *Madre de Dios*, Parque Manu, Pakitza, 340m, 11 machos, 27.IX-20.X.1991, Casagrande & Mielke *leg.* (UFPC); *Cuzco*: Cuzco, Salvacion, 400 m, 1 macho, Büche *leg.* (UFPC); *Junín*: Rio Perené, 300-400 m, 4 machos, IX-XI.1987, Tello *leg.* (OM), Chanchamayo, 2 machos, VII (BMNH), 1 macho, V.1961 (CU), Satipo, 1 macho (AMNH); *Amazonas*: Rio Santiago, 3 machos, 14-17.X.1930 (AMNH); *Loreto*, Iquitos, 100 m, XII.1988, Büche *leg.* (UFPC); *San Martín*: Jepelacio, 1 macho (AMNH). BOLÍVIA: 1 macho (lectótipo) (BMNH), *Cochabamba*: Chapare, Cristal Mayo, 600 m, 2 machos, sem data e II.1961 (UFPC), 1 macho, X.1954 (AME); *Santa Cruz*: Buenavista, Ichilo, 2 machos (UFPC), 1 macho (AME), Rio Japacani, 600 m, 4 machos, Steinbach *leg.* (CMP); *La Paz*: 1 macho, Garlepp *leg.* (BMNH). BRASIL, *Amazonas*: São Paulo de Olivença, 1 macho (UFPC); Manicoré, 1 macho (UFPC), 1 macho (BMNH); *Rondônia*: Rio Madeira, Guajarámirim, 1 macho, 11-24.VIII.1943 (MNRJ), Jarú, 2 machos, 5-10.VII.1976, Callaghan *leg.* (AME), 1 macho, 5-8.IX.1976, Brown *leg.* (KB); Rio Jamari, Cachoeira do Samuel, 1 macho, V.1944, Parko *leg.* (UFPC); Cacaúlândia, 1 fêmea, 8-19.XI.1994, Mielke *leg.* (OM); *Mato Grosso*: Buriti, 26.V.1969, Brown *leg.* (KB); Cáceres, Cel. Rio Branco, Rio Vermelho, 400 m, 1 fêmea, 2.VII.1972, Mielke & Brown *leg.* (UFPC); *Mato Grosso do Sul*: Nioaque, 1 macho, 9.VII.1967 (UFPC); *Distrito Federal*: Brasília, Cabeça de Veado, 2 fêmeas, 28.XII.1980, 27.XI.1981, 1 macho, 9.IV.1981, Ferreira *leg.* (UFPC), Brasília, BR 251, KM 0, Reserva Ecológica IBGE, 1 macho, 3.XI.1979, 2 fêmeas e 1 macho, 3-4.XII.1979, A. Negrett *leg.*, 1 macho, 29.IX.1980, Ferreira *leg.* (UFPC); *Goiás*: Rio Araguaia, Ilha do Bananal (MNRJ).

Fig. 72. *Narope cyllabarus*. Distribuição espacial.

Narope obidos Casagrande, **sp. n.**

Figs 73-74, 76-78

Material tipo. **HOLÓTIPO** na Coleção de Entomologia Padre Jesus Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, macho, com as seguintes etiquetas: /**HOLÓTYPE**/ Óbidos, XI.1965/ DZ 4726/ *Narope obidos* Casagrande, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/. **ALÓTIPO** na Coleção de Entomologia Padre Jesus Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, fêmea, com as seguintes etiquetas: /**ALLOTYPE**/ Altamira, Xingú, [Pará], Coleção Julius Arp/ DZ 4731/ *Narope obidos* Casagrande, Allotype, M.M. Casagrande det. 2002/. **PARÁTIPOS**: PERU, *Madre de Dios*: Pakitza, Parque Manu, 2 machos, 15 e 20.X.1991, Casagrande leg.

DZ 4816, (UFPC) (MHNL). BRASIL, *Pará*: Itaituba, 1 fêmea, DZ 4817, (UFPC), Óbidos, 1 macho, VIII. 1960, DZ 3064, (UFPC); *Mato Grosso*: Sinop, Km 500 Estrada Cuiabá-Santarém, 1 macho, X-XI.1975, Roppa *leg.* DZ 4824, (UFPC); *Espírito Santo*: Colatina, 3 machos, 22-24.IX.1937, DZ 4825, 4810, 4811, (UFPC). Todos etiquetados como parátipos da seguinte forma: /PARATYPE/ *Narope obidos* Casagrande, Paratype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho avermelhado ferrugíneo, mais intenso na margem costal e dentro da célula discal da asa anterior. Margens externas de ambas as asas não crenulada. Genitália masculina com unco de convexidade acentuada dorsalmente, subunco liso, terminando em ponta e valva estreita com borda dorsal denteada.

Descrição. Macho (Figs 73 e 76). Asa anterior: comprimento da margem costal – 32 a 34 mm; margem externa – 24 a 25 mm; largura da asa – 23 a 24 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 a 25 mm; margem externa – 25 a 26 mm; maior comprimento – 26 a 27 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho, com vermelho ferrugíneo escuro.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho avermelhado ferrugíneo. Na asa anterior, com escamas em castanho avermelhado ferrugíneo na margem costal e dentro da célula discal; ápice com poucas escamas escuras sobre o castanho. Na asa posterior o castanho é pouco mais intenso; bordo da margem externa liso e sem projeções acompanhadas por veias; androcônia oval, de tamanho grande, creme, pouco além da bifurcação $Rs-M_1$, sobre Rs .

Face ventral das asas anterior e posterior em castanho claro; vários pontos e linhas de escamas escuras, sobre a superfície de ambas as asas com maior intensidade na posterior. Na asa anterior, pouco antes da margem externa, entre M_1-M_2 , pequeno ponto escuro, deste ponto até o meio de 2A com faixa diagonal de aproximadamente 1mm de espessura; faixa basal castanho, sobre o meio da célula discal; faixa pós-basal castanho e pouco mais larga, desde a margem costal, sobre as discocelulares até o meio de 2A; sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme, pouco maior que aquela da face dorsal da asa posterior. Asa posterior com linha submarginal escura, com discreta sinuosidade entre M_2 e 2A; faixa basal castanho, desde a margem costal até a base de 3A; paralela à basal, mas separada por área castanho claro, a faixa pós-basal em castanho escuro até o meio de 2A; faixa pós-mediana, também castanho, na metade distal da margem costal se estende até a linha submarginal; ausência de reflexos prata ou violáceos.

Genitália (Fig. 76A-E). Unco curvo, com bordas lisas, acentuada ponta distal e convexidade dorsal. O tegume se projeta distalmente, em ponta, até a porção mais dorsal da convexidade do unco. Subunco liso, retangular, com a porção proximal alargada e afilando em direção distal até terminar em ponta, esta se projetando além da convexidade do unco. Valva estreita e longa, projetada para além do unco; borda superior da metade distal provida de espinhos. Juxta, em vista ventral, com forma de V expandido, com borda distal arredondada e com suave depressão mediana.

Fêmea (Figs 74 e 77). Asa anterior: comprimento da margem costal – 39 mm; margem externa – 27 mm; largura da asa – 25 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 27 mm; margem externa – 27 mm; maior comprimento – 34 mm.

Figs 73-75. (73-74) *Narope obidos* sp. n.: (73) macho, holótipo, vistas dorsal e ventral; (74) fêmea, alótipo, vistas dorsal e ventral; (75) *Narope ybyra* sp. n., macho, holótipo, vistas dorsal e ventral.

Figs. 76-77. *Narope obidos* sp. n. (76) Genitalia masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (77) genitalia feminina, vista ventral.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho. Ápice da asa anterior e margem externa de ambas as asas com algumas escamas escuras. Como nos machos, toda superfície ventral, com inúmeros pequenos pontos e traços formados por escamas escuras. Na asa anterior, linha diagonal desde o ápice até o meio de 2A define coloração mais escura para a área distal. Na asa posterior, margem externa projetada em ponta e acompanhada pela veia M₃; linha submarginal denteada; da base até esta linha, castanho claro com reflexos violáceos, após a linha submarginal até a margem externa, castanho sem reflexos; pontos de escamas escuras, com centro branco, entre Sc+R₁-Rs, na metade distal da margem costal, seguido por outros, de cor creme, em semicírculo, nos espaços entre as veias subsequentes.

Genitalia (Fig. 77). Lamela pós-vaginal retangular, com extremidades arredondadas e braços laterais projetados e dobrados sinuosamente para a região dorsal. Lamela ante-vaginal pequena. Entre as lamelas pós-vaginal e a ante-vaginal pequena placa, com aproximadamente o mesmo tamanho da ante-vaginal. Duto da bolsa e bolsa com aproximadamente o mesmo tamanho; corpo da bolsa alongado.

Discussão. *Narope obidos* sp. n. assemelha-se à *N. cyllabarus*, porém o castanho avermelhado ferrugíneo da face dorsal das asas é distinto do laranja ferrugíneo de *N. cyllabarus*; androcônia da face dorsal da asa posterior pouco menor e características relacionadas à genitalia masculina, como formato da valva e subunco liso e em ponta, as distinguem.

Fig. 78. Distribuição espacial. (●) *Narope obidos* sp. n., (▲) *Narope ybyra* sp. n.

Distribuição espacial (Fig. 78). PERU, *Madre de Dios*: Parque Manu (Pakitza). BRASIL, *Pará*: Altamira, Itaituba, Óbidos. *Mato Grosso*: Sinop (Rodovia Cuiabá – Santarém); *Espírito Santo*: Colatina.

Distribuição temporal. Entre o material estudado encontrou-se adultos voando entre os meses de agosto a novembro.

Etologia. Os machos coletados em Pakitza, no Parque Manu, foram atraídos para armadilhas com iscas de frutas em decomposição.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Etimologia. O nome é alusivo à localidade tipo, Óbidos (Pará).

Material estudado. Todos os exemplares citados no item Material tipo.

Narope syllabus Staudinger, 1887

Figs 79-85

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho avermelhado, sem manchas ou faixas. Margem externa de ambas as asas crenulada e com franja de escamas creme. Face ventral de ambas as asas castanho claro a amarelo. Subunco provido externamente com inúmeros espinhos.

Chave para as subespécies

1. Face ventral das asas anterior e posterior com amarelo intenso. Na face ventral da posterior linha submarginal denteada acompanhada por faixa de escamas claras com aproximadamente o dobro da espessura da linha submarginal; faixa pós-basal com o dobro da largura da basal *N. syllabus syllabus*
- Face ventral das asas anterior e posteriores castanho claro. Na face ventral da posterior linha submarginal quase reta e faixa de escamas claras de igual espessura que a linha submarginal; faixa pós-basal mais estreita que a basal *N. syllabus stygius*

Narope syllabus syllabus Staudinger, 1887

Figs 79, 82 e 85

Narope syllabus Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, p. 218; 1 macho [holótipo], Chanchamayo, [Junín].

Narope anartes syllabus; Fruhstorfer, 1912, in Seitz, **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 329; sist., dg. – Lamas, 1969. **Biota**, Lima, 7: 290; dg.

Narope cyllastros syllabus; Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenkunde** 1: 7; dg. – Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51: 15; *syn.*: *anartes*; Stichel, 1904; Stichel, 1925; cat., dg. – Lamas, 1981. **Rev. Soc. Mex. Lep.** 6: 30; dg. – D'Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 390, figs (macho d, v); sist., dg.

Histórico. STAUDINGER (1887) descreveu a espécie com base em um macho. Os autores subseqüentes a mencionam como uma subespécie de *N. anartes* e *N. cyllastros*.

Material tipo. O HOLÓTIPO está na coleção do “Zoologisches Museum der Humboldt Universität”, Berlim, Alemanha, e possui as seguintes etiquetas: /Origin./ Chanchamayo Thamm./ *Narope* not *anartes* but see Hewitson/ HOLOTYPE/ *Narope syllabus* Staudinger, 1887, Holotype, M. M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro avermelhado com margem externa escura e franja marginal de escamas claras. Face ventral de ambas as asas amarelo, com faixas e manchas castanho. Na asa posterior a faixa mediana com o dobro da largura da pós-basal.

Descrição. Macho (Figs 79 e 82). Asa anterior: comprimento da margem costal – 35 a 37 mm; margem externa – 25 a 26 mm; largura da asa – 23 a 24 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 a 25 mm; margem externa – 26 a 28 mm; maior comprimento – 30 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho avermelhado. Antenas ferrugíneas.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro avermelhado. Margem

externa em ambas as asas de coloração pouco mais escura, com aspecto esfumado que se dilui em direção à base. Na face dorsal da asa posterior, androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação $Rs-M_1$, sobre Rs .

Face ventral de ambas as asas amarelo intenso. Na asa anterior, do ápice até pouco antes do meio de $2A$, faixa diagonal, imaginária definindo a área distal com escamas castanho e a proximal com escamas amarelo claro; na proximal, desde a base até metade da célula discal, castanho, incluindo a faixa basal e a pós-basal separada dessa por pequeno espaço amarelo claro; na área distal, o castanho não chega até a margem externa; mancha redonda escura entre M_1-M_2 ; sobre a metade proximal de $2A$, androcônia oval, de igual tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior com a margem externa crenulada, maior projeção acompanhada pela CuA_1 ; linha submarginal escura, acompanha os desenhos do crenulado da margem externa da asa; faixa, em posição proximal à faixa submarginal de aproximadamente 1mm de espessura com escamas brancas, antecedida por outra pouco mais espessa e castanho; faixa basal castanho escuro, desde a metade proximal da margem costal até a metade proximal de $2A$; faixa pós-basal, também castanho escuro, da metade distal da célula discal até $3A$, o dobro da largura da basal.

Genitália (Fig. 82 A-E). Unco pouco curvo, com discreta projeção lateral em ponta e com espinhos. Subunco de forma retangular, com extremidade proximal estreita; extremidade distal serrilhada e face externa com inúmeros espinhos. Valva projetada para além da extremidade distal do unco; extremidade distal da valva com espinho subapical projetado dorsalmente e anterior a esse outra projeção, que se expande internamente com várias projeções em ponta. Projeção anterior do saco, quatro vezes mais longa que larga. Juxta, em vista ventral, em forma de V expandido, com borda distal serrilhada.

Fêmea. Desconhecida.

Discussão. A coloração castanho avermelhado na face dorsal e o amarelo na face ventral de ambas as asas e a asa posterior com a faixa pós-basal mais larga que a basal caracterizam a subespécie.

Distribuição espacial (Fig. 85). PERU, *Junín*: Rio Perené, Chanchamayo, La Merced, San Ramon. BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista (Ichilo, Rio Juntas).

Distribuição temporal. Entre o material estudado, os adultos voam de agosto a novembro.

Etologia. Desconhecida

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. PERU, *Junín*: Rio Perené, 300-800m, 5 machos, IX-XI.1987, Tello *leg.* (OM); Chanchamayo, 4 machos, sem data e 1 macho de VIII.1920 (BMNH); Chanchamayo, La Merced, 2 machos, XI.1904, Schunke *leg.*, 3 machos, X-XI.1919, Watkins *leg.* (BMNH); San Ramon, 3 machos, X.1903, Watkins *leg.* (BMNH). BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista, Ichilo, 1 macho (UFPC), Buenavista, Rio Juntas, 1000 m, 2 machos, 1890, Garlepp *leg.* (UFPC).

Figs 79-81. (79) *Narope syllabus syllabus*, macho, vistas dorsal e ventral; (80-81) *Narope syllabus stygius*: (80) macho, vistas dorsal e ventral; (81) fêmea, vistas dorsal e ventral.

Fig. 82. *Narope syllabus syllabus*, genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral.

Narope syllabus stygius Staudinger, **ssp. rev., comb. n.**

Figs 80-81, 83-85

Narope cyllastros stygius Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, p. 218; uma fêmea [holótipo], Fonteboa, [recte Fonte Boa], Amazonas superior, [Amazonas, Brasil].

Narope cyllastros stygius; Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 328; sist., dg.

Narope stygius; Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenk.** 1: 7; sist., dg.

Narope cyllastros stygius; Miranda-Ribeiro, 1931. **Bol. Mus. Nac.**, Rio de Janeiro, 7 (1): 38; err. ident.; dg.

Narope cyllastros forma *stygius*; Stichel, 1932. **Lepidopteorum Cat. Pars.** 51, p. 15; sist., dg.

Narope syllabus; Robbins *et al.*, 1996, in Wilson & Sandoval. **Manu**, p. 229; dg.

Histórico. STAUDINGER (1887) descreveu *stygius* como espécie, já que o exemplar que dispunha não apresentava as mesmas características que *cyllastros*, com quem comparou. STICHEL (1932) considera como forma de *cyllastros*. Considerando-se a distribuição espacial, diferenças já apontadas quando da descrição original e outras aqui levantadas, revalidamos a subespécie e a combinamos com *Narope syllabus*.

Material tipo. O **HOLÓTIPO** de *Narope cyllastros stygius*, é uma fêmea, com as seguintes etiquetas: */Narope* not *cyllastros* [sic] but see Hewitson /Origin./ Fonteboa Hhl/ I'. n. G. desid/ **HOLÓTIPO**/ *Narope syllabus stygius* Staudinger, 1887, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/, encontra-se no "Zoologisches Museum der Humboldt Universität", Berlin, Alemanha.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro ferrugíneo com margem externa escura e franja marginal de escamas claras. Face ventral de ambas as asas bege com faixas e manchas castanho. Nas asas posteriores faixa pó-basal mais estreita que a basal.

Descrição. Macho (Figs 80, 83). Asa anterior: comprimento da margem costal – 33 a 34 mm; margem externa – 24 mm; largura da asa – 22 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 mm; margem externa – 25 mm; maior comprimento – 28 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome, castanho escuro.

Asas anterior e posterior na face dorsal castanho escuro ferrugíneo; margem externa com coloração pouco mais escura; androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação $Rs-M_1$, sobre Rs .

Face ventral em ambas as asas bege. Na asa anterior, do ápice até pouco antes do meio de $2A$, faixa diagonal imaginária definindo as áreas distal com escamas castanho e a proximal com escamas bege; na proximal, praticamente desde a base até a metade da célula discal castanho claro, incluindo a faixa basal e a pós-basal separada dessa por pequeno espaço bege; na área distal, o castanho não chega até a margem externa; mancha redonda escura com escamas bege no centro, entre M_1-M_2 ; sobre a metade proximal de $2A$, androcônia de forma oval com escamas creme, de igual tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior com a margem externa crenulada, maior projeção acompanhada pela CuA_1 ; linha submarginal escura acompanha os desenhos do crenulado da margem externa da asa; faixa em posição proximal à subapical de aproximadamente 1mm de espessura com escamas brancas, mais larga além de M_2 , antecedida por outra faixa pouco mais espessa e castanho; entre $Sc+R_1-Rs$, logo após o início da faixa basal, mancha alongada formada por escamas escuras seguida por outras manchas pequenas e bege, distribuídas nos espaços entre as veias seguintes em semicírculo e acompanhando o contorno da asa; faixa basal castanho escuro, desde a margem costal até o meio de $2A$; faixa pós-basal, castanho claro de contornos pouco evidentes, da metade distal da célula discal até $3A$, mais estreita que a basal.

Genitália (Fig. 83A-E). Subunco de forma retangular, com extremidade proximal estreita; extremidade distal alargada e serrilhada; face externa com inúmeros espinhos esclerotinizados. Juxta, em vista ventral, em forma de V expandido.

Fêmea (Figs 81 e 84). Asa anterior: comprimento da margem costal – 31mm; margem externa – 22mm; largura da asa – 22mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23mm; margem externa – 21mm; maior comprimento – 26mm.

Cabeça e palpo, castanho claro.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro e como nos machos, sem manchas ou faixas.

Face ventral mais clara. Pequenas linhas formadas por escamas escuras se distribuem por toda a superfície ventral. No terço distal da asa anterior, entre M_1-M_2 , mancha circular de escamas escuras com escamas creme no centro. Na asa posterior mancha arredonda formada por escamas escuras, entre $Sc + R_1$ e Rs , com escamas creme distribuídas no centro de forma alongada. Margem externa crenulada e projetada em M_3 .

Figs 83-84. *Narope syllabus stygius*. (83) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (84) genitália feminina, vista ventral.

Genitália (Fig. 84). Lamela pós-vaginal com braços projetados e convergindo látero-distalmente. Lamela ante-vaginal projetada sobre a parte central da pós-vaginal, com extremidade distal arredondada.

Discussão. A coloração bege na face ventral das asas anteriores e posteriores e a faixa pós-basal na asa posterior, mais estreita que a basal, caracterizam a subespécie. Diferencia-se de *N. syllabus syllabus* pela nuance pálida nos desenhos da face ventral de ambas as asas e pelas diferenças no tamanho da projeção anterior do saco e forma do subunco. A fêmea, muitas vezes, confundida com fêmea *Narope cyllastros* é facilmente diferenciada desta pela presença da mancha escura no terço distal da face ventral da asa anterior.

Distribuição espacial (Fig. 85). PERU, *Madre de Dios*: Parque Manu, Pakitza. BRASIL, *Amazonas*: Rio Madeira; *Pará*: Fonteboa, Óbidos; *Rondônia*: Jarú, Rio Jamary; *Mato Grosso*: Cáceres (Salto do Céu).

Distribuição temporal. Entre o material estudado, os adultos voam nos meses de junho à setembro.

Etologia. Machos são atraídos para armadilhas com iscas de frutas em decomposição.

Fig. 85. *Narope syllabus*, distribuição espacial. (●) *Narope syllabus syllabus*, (▲) *Narope syllabus stygius*.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Etimologia. Desconhecida

Material estudado. PERU, *Madre de Dios*: Pakitza, 3 machos, 27.IX – 20.X.1991, 340 m, Casagrande & Mielke leg. (UFPC) (MHNL). BRASIL, *Amazonas*: Rio Madeira, 1 macho (MNRJ); *Pará*: Fonteboa, 1 fêmea (ZMHB), 1 fêmea, Óbidos VI.1966, DZ 4819 (UFPC); *Rondônia*: Jarú, 4 machos, (4) 5.VIII.1975 e (1) 8.IX.1976, Brown leg. (UFPC), Rio Jamari, 1 macho, 4-12.IX.1977, Gifford & Negretti leg. DZ 4816 (UFPC), 2 machos (UFPC); *Mato Grosso*, Cáceres, Salto do Céu, 1 macho, 7.VI.1971, Brown leg. (KB).

Narope ybyra Casagrande, sp. n.

Figs 75, 78 e 86

Material tipo. HOLÓTIPO na Coleção de Entomologia do Museu Nacional, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, com as seguintes etiquetas: /HOLOTYPE/ Bolívia/ MN 19003/ Col. Julius Arp/ *Narope ybyra* Casagrande, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior ferrugíneo claro. Margem externa da asa posterior de contorno arredondado com suave crenulado. Tegume projetado distalmente sobre o unco. Subunco retorcido e com inúmeros espinhos.

Descrição. Macho (Figs 75-86). Asa anterior: comprimento da margem costal – 33 mm; margem externa – 23 mm; largura da asa – 21 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 22 mm; margem externa – 25 mm; maior comprimento – 26 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome ferrugíneo.

Face dorsal das asas anterior e posterior ferrugíneo claro. Ápice da asa anterior formando um semicírculo de escamas castanho escuro, desde a base de R4-R5 até M2. Na asa posterior, androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs; linha marginal com aproximadamente 1 mm de espessura e de ferrugíneo pouco mais acentuado que o restante da asa.

Face ventral de ambas as asas castanho com inúmeros aglomerados de escamas mais escuras em forma de pequenos pontos ou linhas disformes. Na asa anterior, do ápice ao meio de 2A, com faixa diagonal de aproximadamente 1 mm de largura, com escamas difusas mais claras; faixa basal dentro da célula discal e outra, pós-basal, três a quatro vezes mais larga que a basal, desde a margem costal, passando sobre, as discocelulares, até a base de M₃, posteriormente além da célula discal até o meio de 2A. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia de forma oval, creme, pouco menor que aquela da face dorsal da asa posterior.

Face ventral da asa posterior, entre Sc+R₁-Rs, no meio da margem costal, ponto de escamas escuras com centro branco, o primeiro de uma série de pontos que ocupam os espaços entre as veias longitudinais subsequentes, de cor creme e em semicírculo acompanhando o contorno convexo da asa; sem reflexos violáceos ou prata. Faixas basal e pós-basal, castanho escuro avermelhado, paralelas desde a metade proximal da margem costal até a metade proximal de 2A.

Genitália (Fig. 86 A-E). Tegume com a margem lateral fortemente retraída. Unco curvo e com projeção lateral em ponta, de contorno serrilhado. Subunco de forma retangular, estreito na base, alargando posteriormente e pouco além da metade, retorcido e falcado, terminando de forma rombuda; toda a área retorcida com espinhos. Valva estreita, não projetada para além do unco; extremidade distal com duas pontas, a anterior voltada para o dorso, de borda serrilhada e internamente revestida de espinhos e a posterior dirigida para a porção distal, pouco pronunciada. Juxta, em vista ventral, com forma de triângulo invertido.

Fêmea. Desconhecida.

Figs 86-87. Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) eedeago, vista lateral, (F) ápice da valva; (86) *Narope ybyra* sp. n., holótipo; (87) *Narope marmorata*.

Discussão. A margem externa da asa posterior, quase arredondada, e os detalhes da genitália masculina como a margem lateral do tegume fortemente retraída, o subunco retorcido, valva estreita e a forma da juxta em triângulo invertido caracterizam a espécie.

Distribuição espacial (Fig. 78). BOLÍVIA.

Distribuição temporal. Desconhecida

Etologia. Desconhecida

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Etimologia. Tupi: ybyra que significa – irmão mais novo

Material estudado. O holótipo, único exemplar conhecido.

Narope anartes Hewitson, 1874

Figs 88-89, 91-92 e 98

Narope anartes Hewitson, 1874. **Descr. Butt.**, p. 9; Bolívia.– Kirby, 1877. **Syn. Cat. Diurn. Lep., Suppl.**, p. 717; cat.– Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, p. 218; sist., dg.– Godman, 1901, in Godman & Salvin. **Biol. Centr.– Amer., Lep. Rhop.** 2, p. 666; syn.: *sarasstro*; sist., dg.– Stichel, 1904, in Wytzman. **Gen. Ins.** 20, p. 15; syn.: *syllabus*, *marmorata*; cat., dg.– Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 42, 46, figs (venação), 12 (macho d, v); syn.: *syllabus*, *marmorata*; sist., cat., dg.– Fruhstorfer, 1912, in Seitz, **Gross-Schmett. Erde** 5, p. 329; sist., dg.– Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenkunde** 1: 7; sist., dg.– Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 15; cat.– Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool.** 12:

686, fig. 34 (gen. masc.); sist.– D' Abrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392, figs (macho d, v, fêmea d); sist., dg.– Velez & Salazar, 1991. **Marip. Colomb.**, p. 157, Fig. (fêmea d); dg.

Narope sarastro Staudinger, 1886, in Staudinger & Schatz. **Exot. Schmett.** 1, pl. 76 (macho d, v).–

Staudinger, 1887, in Staudinger & Schatz. *Exot. Schmett.* **1**, p. 218; 1 macho [holótipo], Valle do Cauca, [Colômbia]; coleção Staudinger.– Stichel, 1904. *Ins.–Börse* **21**: 21; fêmea.– Stichel, 1904, in Wytzman. *Gen. Ins.* **20**, p. 15; cat., dg.– Stichel, 1909. *Tierreich* **25**, p. 42, 45, fig. 10 (venação); sist., cat., dg.– Fruhstorfer, 1912; in Seitz *Gross-Schmett. Erde* **5**, p. 329; sist., dg.– Stichel, 1916. *Neue Beitr. syst. Insektenk.* **1**: 7; sist.– Fassl, 1918. *Ent. Rdsch.* **35**: 31; dg.– Hering & Hopp, 1925. *Dtsch. ent. Ztschr. Iris* **39**: 193; dg.– Smart, 1976. *Enc. Butt. World*, p. 240, fig. 8 (d); dg.; syn. n.

Narope sarastro disyllus Fruhstorfer, 1912, in Seitz. *Gross-Schmett. Erde* **5**, p. 329; Huancabamba, [Cajamarca], Peru, 1500m.– Lamas, 1969. *Biota*, Peru, **7**: 290; dg.; syn. n.

Narope anartes anartes; Stichel, 1932. *Lep. Cat.* **51**: 15; syn.: f. *disyllus*, f. *marmorata*; cat., dg.– Lamas, 1985. *Rev. peruana Ent.* **27**: 70; dg.

Histórico. Todas as referências que seguem após a descrição original dizem respeito à distribuição geográfica e catálogo. STAUDINGER (1887), quando descreveu *N. sarastro*, já supunha que era apenas uma forma local de *N. anartes*, caso não fosse um sinônimo. STICHEL (1932) menciona *Narope sarastro disyllus* como uma forma de *Narope anartes*. As descrições originais de *Narope sarastro* e *Narope sarastro disyllus* idicam que ambas são sinônimos de *N. anartes*.

Material tipo. A descrição de *Narope anartes* baseia-se em um número não definido de exemplares. No “The Natural History Museum” Londres, Inglaterra, foi encontrado um sintipo macho, aqui designado LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /Type/ BOLÍVIA, Hewitson Coll. 79 – 69, *Narope anartes* Hewitson/ B.M. N° R.H. 6116, *Narope anartes* Hew., macho/. /LECTOTYPE/ *Narope anartes* Hewitson, 1874, Lectotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

O HOLÓTIPO de *Narope sarastro* está depositado na coleção do “Zoologisches Museum der Humboldt Universitat”, Berlim, Alemanha, com as seguintes etiquetas: /Origin./ Cauca Patino/ *sarastro* Stgr Type/ abgebildet/.

A descrição de *Narope sarastro disyllus* não menciona o número de exemplares. Nas coleções estudadas, onde estão outros tipos de Fruhstorfer, não foi encontrado nenhum sintipo.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho ferrugíneo. Asa posterior pouco mais escura que a anterior, com faixa marginal ferrugíneo intenso e margem externa com suave crenulado. Na fêmea, mancha amarelo intenso na asa anterior.

Descrição. Macho (Figs 88 e 91). Asa anterior: comprimento da margem costal – 33 a 37 mm; margem externa – 23 a 26 mm; largura da asa – 22 a 25 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 a 25 mm; margem externa – 24 a 27 mm; maior comprimento da asa – 27 a 29 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho ferrugíneo. Antenas ferrugíneas.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho ferrugíneo. Na asa anterior, sobre a base de R₄-R₅ e formando um semicírculo até M₂, escamas enegrecidas com reflexos violeta. Na célula discal da asa anterior e além desta, o ferrugíneo é mais intenso. Na asa posterior o ferrugíneo é menos intenso que na anterior, exceto na faixa marginal de aproximadamente 1 mm de largura, onde a cor é mais acentuada; margem externa crenulada, maior projeção acompanhada pela CuA₁; androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da base da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Figs 88-90. (88-89) *Narope anartes*: (88) macho, vistas dorsal e ventral; (89) fêmea: vistas dorsal e ventral; (90) *Narope marmorata*, macho, vistas dorsal e ventral.

Na face ventral de ambas as asas, bege avermelhado. Desde o ápice da asa anterior até o meio de 2A, faixa diagonal, com aproximadamente 1 mm de largura, de escamas brancas na região apical e bege avermelhada no restante, dividindo a asa em duas áreas; a distal mais escura, e diminuindo a intensidade da tonalidade conforme se aproxima da margem externa e área proximal mais clara; ponto escuro com escamas claras, logo além da faixa, no espaço M₁-M₂; área proximal com duas outras faixas, uma basal dentro da célula e outra pós-basal, esta três a quatro vezes mais larga que a basal, desde a margem costal, passando sobre as discocelulares até M₃, e daí até o meio de 2A; sobre a metade proximal de 2A, androcônia de forma arredondada, do mesmo tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na asa posterior com as mesmas tonalidades porém mais intensas; linha submarginal em zig-zag acentuado; faixa basal castanho escuro, desde a margem costal até 2A; faixa pós-basal, também castanho escuro, da metade distal da célula discal até 3A, duas a três vezes mais larga que a basal; no espaço Sc+R₁-Rs, no meio da margem costal, ponto de escamas escuras com centro branco, o primeiro de uma série que ocupa os espaços entre as veias longitudinais subsequentes, de cor creme e em semicírculo acompanhando o contorno convexo da asa; reflexos prateados e violáceos nas áreas mais escuras.

Genitália (Fig. 91A-E). Unco curvo, pouco maior que o tegume, com projeção lateral em ponta e de contorno serrilhado. Subunco de forma retangular e uniforme; metade distal retorcida e com numerosos espinhos; valva estreita e não projetada para além do unco, extremidade distal alarga-se progressivamente, terminando com duas pontas voltadas para cima, sendo a anterior revestida por espinhos. Juxta, em vista ventral, com forma de pera.

Fêmea (Figs 89 e 92). Asa anterior: comprimento da margem costal – 37 mm; margem externa – 27 mm; largura da asa – 26 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 29 mm; margem externa – 29 mm, maior comprimento – 31 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho ferrugíneo.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho avermelhado. Ápice da asa anterior totalmente castanho escuro; linha marginal amarelo ferrugíneo, entre M₂ até pouco além de CuA₁; larga mancha de escamas amarelas, em meia lua, pouco antes do ápice. Face ventral das asas anterior e posterior com o mesmo padrão de cores, faixas e pontos que nos machos, inclusive na intensidade de tons e reflexos prateados e violáceos.

Genitália (Fig. 92). Lamela pós-vaginal em forma de placa retangular, quase quadrada com depressão no meio da região proximal, formando dois bordos arredondados. Lamela ante-vaginal, pequena e pouco esclerotinizada. Duto da bolsa e bolsa com aproximadamente o mesmo tamanho; corpo da bolsa alongado.

Discussão. As escamas apicais escuras na asa anterior e o castanho ferrugíneo das asas, principalmente na posterior identificam a espécie.

Distribuição espacial (Fig. 98). COLÔMBIA, Valle do Cauca. PERU, Huánuco: Tingo Maria, *Junín*, Rio Perene; *Cuzco*: San Pedro. BOLÍVIA, *Cochabamba*: Chapore, Cristal Mayo; *La Paz*: Coroico.

Distribuição temporal. Entre o material estudado encontrou-se adultos voando em fevereiro e de agosto a novembro.

Figs 91-92. *Narope anartes*. (91) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (92) genitália feminina, vista ventral.

Etologia. Desconhecida

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. COLÔMBIA, Valle do Cauca. PERU, *Huánuco*: Tingo Maria, Rio Monzon, 1 macho, 11.X.1981, Schunke *leg.* (OM); Tingo Maria, 700 m, 1 macho, XI.1981, Schunke *leg.* (OM); Tingo Maria, 2 machos, VIII.1975, Rojas *leg.* (OM); Tingo Maria, 1 macho, 26.III.1988, Büche *leg.* (OM); Oeste do Peru, 2 machos (MNRJ). *Junín*: Rio Perené, 300-800 m, 1 macho, IX – XI, 1987, Tello *leg.* (OM); *Cuzco*: San Pedro, Vale do Cosñipata, 1400 m, 2 machos, 5-10. XI. 2001, Mielke *leg.* (OM). BOLÍVIA, *Cochabamba*: Chapare, Alto Palmar, 1100m, 2 machos (UFPC) (OM); Cristal Mayo, 600 m, 1 macho, III.1961 (UFPC). *La Paz*: Coroico, 120 m, 1 macho (MNRJ).

Narope cauca Casagrande, **sp. n.**

Figs 93-94, 96-98

Material tipo. **HOLÓTIPO** na coleção do “Zoologisches Museum der Humboldt Universität”, Berlim, Alemanha, com as seguintes etiquetas: /B.C.A. Lep.Rhop. *Narope anartes*, Hew. Godman – Salvin Coll. 1919-6/ *sarastro* Stgr. Cauca Valle Stgr. 881/ Cauca Vall., Colômbia. Ex Staudinger/1 ♂/**HOLÓTYPE**/ *Narope cauca* Casagrande, 2002, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

ALÓTIPO na Coleção de Entomologia Padre Jesus Santiago Moure, Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade federal do Paraná, Brasil, fêmea, com as seguintes etiquetas: /ALLOTYPE/ Columbien. Ex Coll. H. Fruhstorfer/ *saraastro* Stdgr? Columbi/ DZ 4827/ *Narope cauca* Casagrande, Allotype, M.M. Casagrande det. 2002/

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo. Asa posterior com o ferrugíneo mais intenso, faixa marginal ferrugíneo intenso e margem externa lisa. Na fêmea, mancha ferrugínea de contorno difuso, na asa anterior.

Descrição. Macho (Figs 93 e 96). Asa anterior: comprimento da margem costal – 37 mm; margem externa – 25 mm; largura da asa – 24 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 25 mm; margem externa – 28 mm; maior comprimento da asa – 28 mm.

Cabeça, tórax e abdome, castanho claro ferrugíneo. Antenas e palpos ferrugíneo intenso.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro ferrugíneo; faixa marginal com aproximadamente 1 mm de largura, em ferrugíneo quase laranja, na margem externa de ambas as asas, pouco mais evidente e alargando progressivamente em direção ao ângulo anal nas posteriores. Na asa anterior, sobre a base de R₄-R₅ e formando um semicírculo desde o ápice até o tornio, escamas enegrecidas com reflexos violeta. Ápice da asa posterior com escamas enegrecidas de reflexos violeta até pouco além de M₁; androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs; dentro da célula discal e na base das cubitais e anais escamas castanho sem ferrugíneo.

Face ventral da asa anterior castanho com nuances e faixas castanho ferrugíneo distribuídas da seguinte forma; faixa com 2 mm de espessura castanho claro, do ápice até o meio da margem interna, na parte distal desta faixa o castanho é mais escuro enquanto que na proximal castanho totalmente claro, e a faixa basal no meio da célula discal e a pós-basal sobre as discocelulares pouco mais escuras e com tons ferrugíneos. No ápice da asa, escamas brancas em pequenas linhas. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme pouco menor que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na face ventral da asa posterior, linha sinuosa submarginal define com o bordo da margem externa da asa uma área castanho ferrugíneo. Faixa basal, diagonal, desde a metade da margem anterior, passando pela base da bifurcação Rs-M₁, meio da célula discal até próximo à base de 3A. Ainda na margem externa, entre Sc+R₁-Rs, e após o início da faixa, ponto formado por escamas escuras com centro claro, seguido de outros menores, entre as veias subsequentes formando um semicírculo que acompanha o formato convexo da margem externa. O contorno da asa é completamente arredondado, sem crenulados ou projeções. A faixa pós-basal de coloração escura, porém não tão intensa como a basal tem início na dcs e termina próxima de 2A. Da faixa pós-basal até a linha submarginal várias escamas claras com reflexos prata e violáceo se encaixam entre as escamas castanho ferrugíneo, conferindo à asa reflexo violáceo.

Figs 93-95. (93-94) *Narope cauca* sp. n.: (93) macho, holótipo, vistas dorsal e ventral; (94) fêmea, alótipo, vistas dorsal e ventral; (95) *Narope albopunctum*, macho, holótipo, vistas dorsal e ventral.

Figs 96-97. *Narope cauca* sp. n. (96) Genitalia masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (97) genitalia feminina, vista ventral.

Genitalia (Fig. 96A-E). Unco pouco curvo, com projeções laterais em ponta e com espinhos; subunco

em forma de placa retangular, maior que a metade da soma do tegume e unco, retorcido na porção mediana, ultrapassando o unco e com espinhos em toda metade distal externa. Valva estreita e não projetada para além do unco; extremidade distal com três projeções subapicais antecidas por estrutura arredondada de borda serrilhada. Juxta, em vista ventral, em forma de V expandido, com porção distal suavemente deprimida.

Fêmea (Figs 94 e 97). Asa anterior: comprimento da margem costal – 39 mm; margem externa – 27 mm; largura da asa – 26 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 29 mm; margem externa – 30 mm; maior comprimento da asa – 32 mm.

Cabeça, tórax e abdome castanho. Antenas ferrugíneas com escamas claras nos flagelômeros apicais. Palpos ferrugíneos.

Asas anterior e posterior com a face dorsal castanho. Linha marginal ferrugínea, de aproximadamente 1mm de largura na asa anterior e aumentando a largura progressivamente na asa posterior até atingir aproximadamente 3 mm de largura no ângulo anal. Na asa anterior, além da célula discal, antes do ápice e acima de M₂ mancha laranja ferrugíneo.

Fig. 98. Distribuição espacial. (●) *Narope anartes*, (▲) *Narope cauca* sp. n.

Face ventral de ambas as asas mais clara que a face dorsal, com inúmeros conjuntos de escamas escuras. Na asa anterior, como nos machos, faixa diagonal do ápice até a metade de 2A. Na asa posterior, ponto escuro bem marcado na parte média entre Sc+R₁-Rs. Como nos machos, porém em menor intensidade, reflexos prata e violáceos presentes.

Genitália (Fig. 97). Lamela pós-vaginal com a forma de placa retangular esclerotizada, com suave depressão mediana anterior. Lamela ante-vaginal pequena e suavemente esclerotizada. Duto da bolsa pouco menor que a bolsa; bolsa alongada.

Discussão. A cor laranja ferrugíneo mais intenso, a margem externa da asa posterior lisa no macho e a mancha ferrugínea dispersa na asa anterior da fêmea e o ápice desprovido de escamas escuras, caracterizam *N. cauca* sp. n.

Distribuição espacial (Fig. 98). COLÔMBIA: Valle do Cauca.

Distribuição temporal. Desconhecida.

Etologia. Desconhecida.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Etimologia. O nome é alusivo à localidade tipo, Valle do Cauca.

Material estudado. Os exemplares citados no item Material tipo.

Narope marmorata Schaus, 1902, **stat. rev.**

Figs 87, 90 e 99

Narope marmorata Schaus, 1902. **Proc. U.S. Nat. Mus.** 24: 390; tipos n° 5.878, Bolívia; USNM.—Stichel, 1916. **Neue Beitr. syst. Insektenk.** 1: 7; sist.

Narope anartes forma *marmorata*; Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p.16.

Histórico. Após a descrição da espécie por SCHAUS (1902) foi sinonimizada com *Narope anartes* por STICHEL (1904) e mencionada como *Narope anartes* f. *marmorata* também por STICHEL (1932).

Material tipo. No “National Museum of Natural History”, Smithsonian Institution, Washington, Estados Unidos, foram encontrados dois síntipos com o mesmo número. O exemplar, macho, mencionado na descrição original como possuindo “wings brown, the veins paler; also the basal and anterior portion of primaries to the dark violaceous brown apical portion which does not reach vein 4 on the outer margin.” é aqui designado como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /*Narope marmorata* type Schaus/ Bolívia/ Collection W. Schaus/ Type N° 5878 U.S.N.M./ LECTOTYPE/ *Narope marmorata* Schaus, 1902, Lectotype, M. M. Casagrande det. 2002/. O outro exemplar mencionado na descrição original como possuindo “the upper surface of a more uniform brown, merely the apex and outer margins being slightly darker” e com as etiquetas: *Narope marmorata* type Schaus/ Bolívia/ Collection W. Schaus/ Type N° 5878 U.S.N.M./ é um exemplar de *Narope syllabus* Staudinger, 1887.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho claro. Ápice e margem costal da asa anterior escurecidos, interior da célula discal, sobre base de R₄-R₅, espaço M₁-M₂ e sobre M₃, CuA₁ e CuA₂, escamas ferrugíneas.

Descrição. Macho (Figs 87 e 90). Asa anterior: comprimento da margem costal – 30 a 34 mm; margem externa – 21 a 23 mm; largura da asa – 21 a 22 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 20 a 21 mm; margem externa – 23 a 25 mm; maior comprimento da asa – 27 a 28 mm.

Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho. Ápice da asa anterior destacado pelas escamas escuras, quase pretas; na margem costal, interior da célula discal, sobre a base de R₄ e R₅, no espaço M₁-M₂ e sobre M₃, CuA₁ e CuA₂, escamas ferrugíneas, restante da asa castanho. Asa posterior com a margem externa crenulada, maior projeção acompanhada pela CuA₁; androcônia oval, de tamanho médio, creme, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs.

Na face ventral da asa anterior, com cor predominante bege e com vários conjuntos de escamas castanho. Discreta linha submarginal sinuosa e escura. Do ápice até o meio de 2A, faixa diagonal, com aproximadamente 1 mm de largura e de escamas claras, divide a asa em duas áreas; a distal, mais escura, diminuindo de intensidade conforme se aproxima da margem externa e a proximal mais clara. Nesta, duas outras faixas, uma basal formada por várias elipses, dentro da célula, de contorno escuro e parte interna mais clara e outra, pós-basal, desde a margem costal, passando sobre as discocelulares até M₃ e pelo lado externo da célula até o meio de 2A. Sobre a metade proximal de 2A, androcônia de forma arredondada, pouco menor que aquela da face dorsal da asa posterior.

Na face ventral da asa posterior, as mesmas tonalidades da asa anterior com menos espaços de escamas bege. Linha submarginal escura e marcada de forma sinuosa, como a margem da asa. Anterior a ela, faixa com dois a três milímetros de largura de escamas escuras, antecedidas por escamas brancas com reflexos violáceos. Faixa basal castanho escuro, desde a margem costal até o meio de 2A. Da faixa basal, ocupando a metade distal da célula discal e se projetando até 3A, faixa pós-basal castanho escuro.

Genitália (Fig. 87A-E). Unco reto com projeção lateral serrilhada, não em ponta, e dorsalmente com inúmeros espinhos, as partes laterais destas projeções convergem dorsalmente, formando uma crista pouco projetada sobre o dorso do unco; subunco alongado, em forma de “foice”, extremidade proximal estreita alargando-se progressivamente até a metade do comprimento e estreitando novamente para terminar de forma arredondada; toda a borda ventral serrilhada, incluindo a extremidade distal; espinhos revestem a metade distal externa. Valva projetada para além do unco; extremidade distal com duas pontas, sendo que a anterior se projeta sobre a distal. Juxta, em vista ventral, em forma de V expandido, com a margem distal serrilhada.

Fêmea. Desconhecida.

Discussão. A coloração das asas anterior e posterior, tanto dorsal como ventralmente e o contorno crenulado com projeção acentuada na CuA₁ na margem externa da asa posterior caracterizam a espécie. A comparação de exemplares de *N. marmorata* e *N. anartes*, tanto pelo aspecto cromático da asa como pelas genitálias masculinas, identificam cada uma delas como espécies distintas, além de simpátricas.

Distribuição espacial (Fig. 99). PERU, *Junín*: Rio Perené; Satipo. BOLÍVIA, *Santa Cruz*: Buenavista (Ichilo); *Cochabamba*: Yungas del Palmar.

Distribuição temporal. Pelo material estudado pode-se concluir que a espécie voa nos meses de março, agosto a novembro.

Etologia. Desconhecida

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. PERU, *Junín*: Rio Perené, 200-500 m, 2 machos, IX-XI.1987, Tello *leg.* (OM); Satipo, 700 m, 1 macho, 20. III.1981 (OM); BOLÍVIA, 2 machos (MNRJ), 1 macho (UFPC); *Santa Cruz*: Buenavista, Ichilo, 400 m, 1 macho (UFPC); *Cochabamba*: Yungas del Palmar, 1000 m, 1 macho, VIII.1948 (UFPC).

Fig. 99. Distribuição espacial. (●) *Narope marmorata*, (▲) *Narope albopunctum*.

Narope albopunctum Stichel, 1904

Figs 95 e 99

Narope albopunctum Stichel, 1904. **Ins.**– Börse 21: 6; 1 fêmea [*recte* macho, holótipo], Marcapata, [Cuzco], Peru, coleção Staudinger.– Stichel, 1904. **Gen. Ins.** 20, p. 16; cat., dg.– Stichel, 1909. **Tierreich** 25, p. 42, 50, fig. 13 (macho d, v); cat., dg.– Fruhstorfer, 1912, in Seitz. **Gross-Schmett. Erde**, 5, p. 330; sist., dg.– Stichel, 1932. **Lep. Cat.** 51, p. 17; cat., dg.– Lamas, 1969. **Biota**, Lima, 7: 290; dg.– Lamas, 1985. **Rev. peruana Ent.** 27: 70; dg.– D'Abbrera, 1987. **Butt. Neotrop. Reg.** 3, p. 392, fig. (macho d; macho v = *testacea*); sist., dg.– Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool.** 12: 684; sist.

Histórico. Na descrição original STICHEL (1904) cita a espécie fundamentada em um exemplar fêmea da Coll. Staudinger. LAMAS (1969, 1985) sugere que a espécie possa ocorrer em Tambopata, Madre de Dios, Peru, porém nunca foi vista ou coletada nesta localidade. Na referência de D'ABRERA (1987), a figura da face ventral de *N. albopunctum* é de *N. testacea*.

Material tipo. **HOLÓTIPO** macho (*nec* fêmea, como na descrição original) no “Zoologisches Museum der Humboldt Universität” Berlim, Alemanha, com as seguintes etiquetas: */Narope albopunctum* Stichel/ Zool. Mus. Berlin/ Marcapata Peru/ **HOLOTYPE**/ *Narope albopunctum* Stichel, 1904, Holotype, M.M. Casagrande det. 2002/.

Diagnose. Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro. Na anterior ponto branco em R5-M1 e na posterior, tufo de pêlos odoríferos dentro da célula discal. Asa posterior com faixa diagonal escura na face ventral de ambas as asas.

Descrição. Macho (Fig 95). Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho.

Face dorsal das asas anterior e posterior castanho escuro. Na asa anterior, ponto subapical de escamas brancas em R5-M1. Na asa posterior linha marginal escura; sobre a base de CuA1, dentro da célula discal, um pincel de pêlos.

Face ventral das asas anterior e posterior mais clara, com faixa marginal mais escura de aproximadamente 1mm de espessura. Na asa anterior faixa diagonal de escamas escuras com início na margem costal, pouco antes do ápice, até o meio de 2A. O ponto de escamas brancas ocupa igual posição na face ventral, outro menor, de escamas escuras, pouco mais abaixo. Do ápice até o ângulo anal, área de pequenos pontos brancos.

Face ventral da asa posterior, faixa diagonal de escamas escuras, da metade da margem costal até o meio da margem interna. Na metade proximal, junto à faixa de escamas escuras, outra de escamas claras que dispersam em direção à base. Na metade distal, linha de pontos com escamas escuras, distribuídos desde a margem costal, de forma convexa, até a linha diagonal na margem interna.

Discussão. São conhecidos apenas dois exemplares, ambos machos, inclusive o holótipo equivocadamente identificado por STICHEL (1904) como fêmea. As asas são completamente castanho escuro com ponto de escamas brancas em R5-M1 que diferenciam as espécies de todas as demais.

Distribuição espacial (Fig. 99). PERU, *Cuzco*: Marcapata.

Distribuição temporal. Desconhecida.

Etologia. Desconhecida.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos.

Material estudado. PERU, *Cuzco*: Marcapata (holótipo, ZMHB) e um macho sem procedência (BMNH).

Aponarope Casagrande, 1982

Figs 100-106

Espécie tipo: *Aponarope sutor* (Stichel, 1916).

Aponarope Casagrande, 1982. **Revta bras. Ent.** 26 (3/4): 356; espécie tipo: *Narope sutor*. – Casagrande, 1996. **Revta bras. Zool.** 12: 687; sist.

Caracterização morfológica (Figs 100-106). Asa anterior com margem externa côncava e de ápice recuado. Com 12 veias que atingem as margens costal e externa. R3 termina no ápice da asa. Na asa posterior com margem externa reta e ângulo anal projetado em 2A.

Na face dorsal da asa posterior, dentro da célula umeral e sobre a base da bifurcação Sc+R₁-Rs até pouco além da base da bifurcação Rs com M₁, área de aspecto brilhoso e sem escamas. No centro dessa área, pouco além da bifurcação Rs-M₁, sobre Rs, escamas diferenciadas formam uma androcônia de tamanho grande, oval e creme. Ausência de estrutura odorífera na célula discal da asa posterior.

Na face ventral da asa anterior, sobre a metade proximal de 2A, androcônia com escamas creme, com aproximadamente o mesmo tamanho que aquela da face dorsal da asa posterior. Sobre essas escamas um pincel de pêlos, distribuídos de forma linear em uma dobra formada pela margem interna da asa. A extensão da faixa de pêlos corresponde ao tamanho da mancha.

Nos machos, fêmur das pernas meso e metatorácica com espinhos.

Nas fêmeas, o fêmur da perna protorácica é maior que a tíbia, chegando próximo ao ápice do tarso.

Genitália masculina com valva alargada e truncada na porção distal e de bordo levemente crenulado. Juxta presente. Edeago liso, com vesica se projetando da face ventral. Genitália feminina com placa pós-vaginal fortemente esclerotizada, com as extremidades laterais retorcidas e dirigidas dorsalmente.

Espécie incluída. *Aponarope sutor* (Stichel, 1916).

Etimologia. O nome genérico significa “retirado de *Narope*”.

Aponarope sutor (Stichel, 1916)

Figs 100-106

Narope sutor Stichel, 1916. *Neue Beitr. syst. Insektenk.* 1: 7; [holó]tipo, macho, n° 475, Mato Grosso, Brasil; coleção Stichel.—Stichel, 1932. *Lep. Cat.* 51, p. 17; *syn.*: *pluto*; cat.

Narope panniculus panniculus; Stichel, 1916. *Neue Beitr. syst. Insektenk.* 1: 8; sist., fêmea.

Narope pluto Tessmann, 1928. *Mitt. Zool. Mus. Berlin* 24: 124, pl. 5, fig. 23 (macho v); 3 machos, Montealegre, médio Pachitea, [Huánuco], Peru, 270 m, Tessmann & Pape *leg.*; Zoologisches Museum Berlin.

Aponarope sutor; Casagrande, 1982. *Revta bras. Ent.* 26: 356; sist.—Lamas, 1985. *Rev. peruana Ent.* 27: 70; dg. —Casagrande, 1996. *Revta bras. Zool.* 12: 686, figs 32, 35 (gen. masc.); sist.

Histórico. A espécie foi descrita duas vezes, sendo o segundo nome, *Narope pluto*, corretamente sinonimizado por STICHEL (1932). A citação de *Narope panniculus panniculus* de STICHEL (1916) refere-se a esta espécie, pois o exemplar foi estudado no Zoologisches Museum der Humboldt Universität, Berlim, Alemanha. CASAGRANDE (1982) cria o gênero *Aponarope* e transfere *Narope sutor*, para esse gênero, considerando as diferenças morfológicas apresentadas, quando comparadas às outras espécies de *Narope*.

Material tipo. O único exemplar utilizado por STICHEL (1904) para a descrição, ou seja, o HOLÓTIPO de *N. sutor* está no “The Natural History Museum”, Londres, Inglaterra, com as seguintes etiquetas: /TYPE/ Brasilien, Mato Grosso, e c. H. Stichel/ TYPUS/HOLOTYPE/ *Narope sutor* Stichel, 1904, Holotype, M. M. Casagrande det. 2002/.

TESSMANN (1928) baseou a descrição, de *N. pluto* em três exemplares [SÍNTIPOS] dos quais um está no “Zoologisches Museum der Humboldt Univer-

sität", Berlim, e é aqui designado como LECTÓTIPO, com o objetivo de garantir a adequada identificação da espécie, com as seguintes etiquetas: /TYPE/ O.Peru, Rio Pachitea. G. Tessmann S./ *N. pluto* m. det. G. Tessmann/LECTOTYPE/ *Narope pluto* Tessmann, 1928, Lectotype, M. M. Casagrande det. 2000/. Um dos outros sítipos, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, Brasil, é aqui designado como PARALECTÓTIPO.

Diagnose. Asas anterior e posterior castanho escuro com nuances ferrugíneo. Androcônia de escamas claras nas asas posteriores; Sc separada de R₁. Genitália masculina com valva alargada e truncada na porção distal e, de bordo levemente crenulado.

Descrição. Macho (Figs 100, 102-104). Cabeça, tórax e abdome, castanho escuro. Antenas ferrugíneas.

Asa anterior: comprimento da margem costal – 31 a 34 mm; margem externa – 25 a 27 mm; largura da asa – 24 a 26 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 23 a 25 mm; margem externa – 25 a 26 mm; maior comprimento da asa – 25 a 27 mm.

Asas anterior e posterior com a face dorsal em castanho escuro. Na anterior, ápice e margem externa enegrecida, nas porções mediana e basal castanho escuro com nuances ferrugíneo. Na asa posterior, ferrugíneo presente apenas em uma pequena área entre a célula discal e o ápice, este como na asa anterior enegrecido; sobre a célula umeral, base da bifurcação Sc+R₁-Rs até a base da bifurcação Rs-M₁, área diferenciada, sem escamas e de aspecto brilhoso; no centro desta área, logo após a bifurcação de Rs-M₁, sobre Rs, escamas odoríferas formam uma androcônia, oval, creme e de aproximadamente 4 mm no maior eixo.

Face ventral da asa anterior, castanho com nuances e faixas castanho escuro distribuídas da seguinte forma; faixa marginal com 1 mm de largura, acompanha toda a margem externa; faixa com 2 mm de largura, de escamas castanho claro, desde o ápice até a parte mediana da margem interna; faixa basal, no meio da célula discal, castanho escuro e a pós-basal sobre as discocelulares da mesma cor que a basal.

Sobre a metade proximal de 2A, mancha odorífera com escamas creme pouco menor que aquela da face dorsal da asa posterior. Sobre a androcônia pincel de pêlos ferrugíneos, distribuído de forma linear sobre uma dobra formada pela margem interna da asa. A extensão da faixa de pêlos corresponde ao tamanho da mancha.

Na face ventral da asa posterior, faixa levemente convexa com 2 mm de largura, castanho claro, desde a metade da margem costal e de forma diagonal até meio de 2A. No início desta faixa um pequeno ponto de escamas escuras externamente e claras na parte central é seguido por um conjunto de outros pontos mais claros, distribuídos nos espaços entre as veias seguintes e em semicírculo, acompanhando o contorno da asa, estes pontos são diferentes do primeiro pois são de escamas claras. Linha marginal similar à da asa anterior. Entre essa e a linha de pontos, uma faixa de reflexo prata; este reflexo também pode ser observado, na área escura, logo acima da faixa clara.

Figs 100-102. *Aponarope sutor*. (100) Macho, vistas dorsal e ventral; (101) fêmea: vistas dorsal e ventral; (102) androcônia, asa posterior do macho, face dorsal.

Fig. 103. *Aponarope sutor*, macho: (A) perna metatorácica, (B) perna mesotorácica, (C) perna protorácica, (D) palpo labial, (E) asa anterior, (F) asa posterior.

Genitália (Fig. 104A-E). Unco curvo, com a margem distal inferior serreada. Subunco liso e alongado, duplamente retorcido e com três projeções apicais que ultrapassam o unco dorsalmente. Base da valva tão larga quanto a altura do tegume; porção distal alargada e truncada e, de bordo levemente crenulado; externamente, borda superior fortemente esclerotizada e inferior a este, estreita faixa membranosa. Projeção anterior do saco curta, tão larga quanto longa. Juxta, em vista ventral, em forma de V, com a porção distal completamente deprimida. Edeago delicado, quando comparado ao restante da genitália.

Fêmea (Figs 101 e 105). Cabeça e apêndices, tórax e abdome castanho. Asa anterior: comprimento da margem costal – 34 mm; margem externa – 25 mm; largura da asa – 26 mm. Asa posterior: comprimento da margem costal – 27 mm; margem externa – 27 mm; maior comprimento da asa – 28 mm.

Asas anterior e posterior com a face dorsal uniformemente castanho, com apenas linha marginal mais clara de aproximadamente 1mm de largura, na margem de ambas as asas, pouco mais clara que o restante. Face ventral de ambas as asas pouco mais clara que a dorsal e com inúmeros pontos de escamas escuras. Na asa posterior, como nos machos, com semicírculo de pontos, distribuídos entre as veias longitudinais, acompanham a forma convexa da margem externa.

Figs 104-105. *Aponarope sutor*. (104) Genitália masculina: (A) vista lateral, (B) valva, vista lateral interna, (C) juxta, vista ventral, (D) tegume/unco, vista dorsal, (E) edeago, vista lateral; (105) genitália feminina, vista ventral.

Genitália (Fig. 105). Lamela pós-vaginal retangular e fortemente esclerotizada, retorcida e com os braços laterais dirigidos dorsalmente. Lamela ante-vaginal pequena. Duto da bolsa pouco menor que a bolsa; corpo da bolsa alongado.

Discussão. Embora de formato alar similar à algumas espécies de *Narope*, como *N. nesope* e *N. cyllabarus*, é distinta da primeira pela androcônia da face dorsal das asas posteriores acentuadamente maior e ausência de mancha preta na face dorsal da asa anterior, e da segunda pela ausência da cor laranja na face dorsal das asas; distingue-se das espécies de *Narope* de maneira geral, pela presença de espinhos nos fêmures meso e metatorácicos e pelo padrão das genitálias masculina e feminina.

Distribuição espacial (Fig. 106). PERU, *Madre de Dios*: Puerto Maldonado (Tambopata) 300 m; *Huánuco*: Montealegre (Rio Pachitea) 270 m. BRASIL, *Acre*: Alto Juruá; *Amazonas*: Huitanaã; *Pará*: Itaituba; *Rondônia*: Vilhena; *Mato Grosso*: Diamantino.

Distribuição temporal. Com base no material do Mato Grosso, pode-se sugerir que se não voa durante todo o ano, possui duas gerações anuais já que tem-se exemplares de janeiro e setembro-outubro.

Fig. 106. *Aponarope sutor*, distribuição espacial.

Etologia. São crepusculares e de vôo rápido. Machos podem ser coletados em armadilhas suspensas com frutas em decomposição e a única fêmea que dispomos foi coletada (O.H.H. Mielke) sobre excremento humano, dentro da mata logo pela manhã.

Planta hospedeira e imaturos. Desconhecidos, mas acredita-se que devam alimentar-se de Poaceae.

Material estudado. PERU, *Madre de Dios*: Puerto Maldonado, Tambopata Reserve, 300 m, 1 macho, 27.X.1991, Mielke leg. (UFPC); 2 machos, VII.1988, Büche leg. (OM); *Huánuco*: Montealegre, Rio Pachitea, entre Rio Pichis–Palcazu e a foz, 2 machos (LECTÓTIPO e PARALECTÓTIPO machos de *N. pluto*), Tessmann & Pape leg. (ZMHB, MNRJ). BRASIL, *Amazonas*: Huitanaã, Rio Purus, 1 macho, III.1922, S.M. Klages leg. (CMP); *Pará*: Itaituba, [Rio] Tapajós, 1 fêmea, 1890, Michael [leg.] (ZMHB); *Acre*: Alto Juruá, 2 machos (MNRJ); *Rondônia*: Vilhena, 1 macho, 10.X.1986, Elias leg. (UFPC); *Mato Grosso*: Diamantino, Faz. São João, Alto Rio Arinos, 1 macho e 1 fêmea, 22.I.1978 e 13.IX.1978, Furtado & Mielke leg. (UFPC).

CONCLUSÕES

Imaturos de *Narope cyllene* C. Felder & R. Felder, 1859 utilizam como planta hospedeira *Chusquea leptophylla* Nees (Poaceae) e o ciclo completo, desde oviposição até o aparecimento dos primeiros adultos dura aproximadamente 75 dias. As larvas atingem o comprimento máximo de 7,3 cm. A interpretação da quetotaxia da cabeça da larva de primeiro estágio é dificultado pelo grande número de cerdas ramificadas e a do corpo, ao contrário, é facilitada pelo reduzido número de cerdas. Estudos de imaturos em *Naropini*, exceto pelo trabalho de CASAGRANDE (1992), estão restritos à identificação da planta hospedeira, o que impede um melhor entendimento das relações entre as espécies e com o meio.

Em função dos hábitos crepusculares apresentados, os adultos, são muito pouco coletados e portanto a sua representatividade em coleções é restrita. Também são insuficientes os dados relacionados com a distribuição espacial, já que supostamente algumas espécies podem apresentar uma ampla distribuição, estão na prática (material disponível) restritas à áreas isoladas, ou seja, de distribuição disjunta, apontando para uma necessidade de coletas, no mínimo entre estas áreas com florestas, seu habitat natural.

Com base nos estudos feitos, os gêneros que compõem a tribo *Naropini*, *Aponarope* Casagrande, 1982 e *Narope* Doubleday, [1849], são monofiléticos. Aprofundamentos em estudos morfológicos com criteriosas análises das variações estruturais são necessárias, assim como, estudos complementares de bioquímica e microscopia eletrônica, para o melhor embasamento de caracteres e análise filogenética.

A partir desse estudo, a tribo *Naropini* fica assim constituída:

Brassolinae (Boisduval, 1836) Bates, 1861.

Naropini (Stichel, 1925) Casagrande, 1996

Aponarope Casagrande, 1982

Aponarope sutor (Stichel, 1916)

Narope pluto Tessmann, 1928, **syn. n.**

Narope Doubleday, [1849]

Narope albopunctum Stichel, 1904

Narope anartes Hewitson, 1874

Narope sarastro Staudinger, [1886], **syn. n.**

Narope sarastro disyllus Fruhstorfer, 1912, **syn. n.**

Narope cauca Casagrande, **sp. n.**

Narope cyllabarus Westwood, 1851

Narope cyllarus Westwood, 1851

Narope cyllastros Doubleday [1849]

Narope cyllene C. Felder & R. Felder, 1859

Narope denticulatus Talbot, 1928, **stat. n.**

Narope guilhermei Casagrande, 1989

Narope marmorata Schaus, 1902, **nom. rev.**

- Narope nesope* Hewitson, 1869
Narope pusilla Röber, 1929, **syn. n.**
Narope obidos Casagrande, **sp. n.**
Narope panniculus Stichel, 1904
Narope panniculus piccatus Stichel, 1916, **syn. n.**
Narope syllabus Staudinger, 1887
Narope syllabus syllabus Staudinger, 1887
Narope syllabus stygius Staudinger, 1887, **ssp. n., comb. n.**
Narope testacea Godman & Salvin, 1878, **stat. rev.**
Narope ybyra Casagrande, **sp. n.**

AGRADECIMENTOS. À todas as pessoas e instituições, mencionadas no item "Material e Métodos". Ao Prof. Dr. Olaf H.H. Mielke, pelo auxílio nas fotografias, pelo incentivo para preparar esse artigo, revisões e principalmente pelo contínuo aprendizado através das discussões que o convívio tem possibilitado. Ao Dr. Gerardo Lamas (Museo de Historia Natural, Lima, Peru), pela revisão do manuscrito, sugestões e atenção, ao Dr. Robert Robbins (National Museum of Natural History, Smithsonian Institution, Washington, DC, EUA) pela permissão para o uso do mapa das distribuições, ao Dr. Armando Cervi (Departamento de Botânica, da Universidade Federal do Paraná) pela identificação da planta hospedeira de *Narope cyllene*. Aos amigos Dra Danúncia Urban pela revisão e sugestões além da alegria de todos os dias e ao Dr. Albino Morimasa Sakakibara pela sempre disponibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKERY, P.R. 1988. Hostplants and classification: a review of nymphalid butterflies. **Biol. Jour. Linnean Soc.**, London, **33**: 95-203.
- BAR, M.C. 1878. Note critique sur les différents systèmes de classification des Lépidoptères Rhopalocères établis depuis l'époque de Latreille et essai d'une nouvelle classification jusqu'aux genres exclusivement. **Ann. Soc. ent. Fr.**, Paris, **8** (5): 5-30.
- BATES, H.W. 1864. Contributions to an insect fauna of the Amazon Valley. Lepidoptera-Nymphalidae. **Jour. Ent.**, London, **2**: 175-213.
- BATES, M. 1932. Notes on the metamorphosis of the Brassolidae (Lepidoptera). **Bull. Brooklyn Ent. Soc.**, Lancaster, **27**: 155-163.
- BERGALLO, H.G.; C.F. DUARTE DA ROCHA; M.A. DOS SANTOS ALVES & M.VAN SLUYS. 2000. **A fauna ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Ed. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 62+4p.
- BÖNNINGHAUSEN, V. VON. 1896. Beitrag zur Kenntnis der Lepidopteren-Fauna von Rio de Janeiro. **Verh. Ver. naturw. Unterh.**, Hamburg, **9**: 19-41.
- BOISDUVAL, J.B.A. 1836. **Histoire naturelle des Insectes. Spécies général des Lépidoptères 1**. Paris, Libr. Encyclopédique de Roret, 690p.
- . 1870. **Considérations sur des Lépidoptères envoyés du Guatemala à M. de l'Orza**. Rennes, Oberthür & Fils, 100p.
- BROWN JR., K.S., 1992. Borboletas da Serra do Japi: diversidade, hábitos, recursos alimentares e variação temporal, p. 142- 187, 105 + 4 figs. In: L.P.C. MORELLATO (Ed.). **História Natural da Serra do Japi. Ecologia e preservação de uma área florestal no Sudeste do Brasil**. São Paulo, Editora UNICAMP/FAPESP, 321p.
- BURMEISTER, H.C.C. 1855. Kritische Bemerkungen ueber M.S. Merian Metamorphoses Insectorum Surinamensis. Sitzber. **Abhandl. Naturf. Gesell. Halle 2** (1854), p. 58-65.

- CASAGRANDE, M.M. 1979. Sobre *Caligo beltrao* (Illiger). I. Taxonomia, biologia, morfologia das fases imaturas e distribuições espacial e temporal (Lepidoptera, Satyridae, Brassolinae). **Rev. Bras. Biol.**, Rio de Janeiro, **39** (1): 173-193.
- . 1982. Quatro gêneros novos de Brassolinae (Lepidoptera-Nymphalidae). **Revta bras. Ent.**, São Paulo, **26** (3/4): 355-356.
- . 1989. Espécie nova de *Narope* do sul do Brasil (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). **Revta bras. Zool.** **6** (1): 125-129.
- . 1992. *Narope cyllene* Felder & Felder, **sp. rev.** Redescritção e fases imaturas. (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). **Revta bras. Zool.** **7**(1-2): 129-145.
- . 1996. Notas sistemáticas sobre Brassolinae. I. Tribos. (Lepidoptera, Nymphalidae). **Revta bras. Zool.** **12** (3): 671-699.
- CASAGRANDE, M.M. & O.H.H. MIELKE. 1993. Borboletas (Lepidoptera) ameaçadas de extinção no Paraná. **Revta bras. Zool.** **9** (1/2): 75-92.
- . 1995. Fauna do Paraná ameaçada de extinção – Lepidoptera, p. 145-57. In: M.G.P. TOSSULINO; T.C.C. MARGARIDO; F.C. STRAUBE; J.C.M. LEITE; S.A.A. MORATO; R.S. BERNILS; M.M. CASAGRANDE & O.H.H. MIELKE (Eds) **Lista vermelha de animais em extinção no estado do Paraná**. Curitiba, Secretaria do Estado do Paraná e Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit, 178p.
- . 2000. Larva de quinto estágio e pupa de *Caligo martia* (Godart). (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). **Revta bras. Zool.** **17** (1): 75-79.
- . 2000. Larva de quinto estágio e pupa de *Dasyophthalma rusina rusina* (Godart). (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). **Revta bras. Zool.** **17** (2):401-404.
- LUCAS, H. 1851. In: J.C. CHENU. 1851-52. **Encyclopédie d' Histoire Naturelle, Papill.**, p.172-173.
- CRUEGER, C. 1879. Über exotische Lepidopteren. **Verh. Ver. naturw. Unterh.**, Hamburg, **4**: 192-198.
- D' ABRERA, D.J. 1987. **Butterflies of the Neotropical Region. Part III. Brassolidae, Acraeidae & Nymphalidae (partim)**. Victoria, Black Rock, Hill House, 525p.
- DEVRIES, P.J. 1986. Hostplant records and Natural History notes on Costa Rican Butterflies (Papilionidae, Pieridae & Nymphalidae). **Jour. Res. Lep.** **24** (4): 290-333.
- . 1987. **The Butterflies of Costa Rica and their Natural History. Papilionidae, Pieridae, Nymphalidae**. Princeton, Univ. Press, 327p.
- DEVRIES, P.J.; I.J. KITCHING & R.I. VANE-WRIGHT. 1985. The systematic position of *Antirrhea* e *Caerois*, with coments on the classification of the Nymphalidae (Lepidoptera). **Syst. Ent.** **10**: 11-32.
- DIAS, M.M. 1979. Morfologia e biologia de *Eryphanis polyxena polyxena* (Meerburgh, 1775) (Lepidoptera, Satyridae, Brassolinae). **Revta bras. Ent.**, São Paulo, **23** (4): 267-274.
- DOUBLEDAY, E. 1846-[1852]. **The genera of diurnal Lepidoptera, comparing their generic characters, a notice of their habitats and transformations and a catalogue of the species of each genus; illustrated with 86 plates by W.C. Hewitson**. London, 536p.
- EHRlich, P.R. 1958. The comparative morphology, Phylogeny and higher classification of butterflies (Lepidoptera: Papilionoidea). **Univ. Kansas Sci. Bull.** **39** (8): 305-369.
- EHRlich, P.R. & P.H. RAVEN. 1965. Butterflies and plants: a study in coevolution. **Evolution** **18**: 586-608.
- EMMEL, T.C. 1991. A note on the life history of *Dynastor napoleon* in Southern Brazil (Lepidoptera: Nymphalidae: Brassolinae). **Trop. Lep.** **2** (2): 151-153.
- FASSL, A.H. 1918. Die vertikale Verbreitung der Lepidopteren in der Columbischen Ost-Cordillere. **Ent. Rdsch.**, Stuttgart, **35** (8): 30-31.
- FELDER, C. & R. FELDER. 1859-1860. Lepidopterologisches Fragmente. **Wien. Ent. Monatschr.** **3** (1859): p. 178-186, 2 Taf., p. 263-273, 1 Taf., p. 321-328, 390-405, 5 Taf.; **4** (1860): p. 97-112, 2 Taf., p. 225-251, 2 Taf.
- . 1862. Specimen faunae lepidopterologicae riparum fluminis Negro superioris in Brasilia septentrionali. **Wien. Ent. Monatschr.**, Wien, **6** (3): 65-80, 109-126, 175-192, 229-235.
- . 1867. *Reise der österreichischen Fregatte Novara um die Erde in den Jahren 1857,*

- 1858, 1859 unter den Befehlen des Commodore B. von Wüllerstorf-Urbair. **Zoologischer Theil. Zweiter Band. Zweite Abtheilung: Lepidoptera.** Wien, Carl Gerold's Sohn. (1): [4] + 1-136 pls 1-21 ([12 January 1865]), (2): [2] + 137-378, pls 22-47 ([after October] 1865), (3): [2] + 379 – 536, pls 48 – 74 ([25 April] 1867).
- FRUHSTORFER, H. 1912. *Brassolidae*, p. 285-332, pls 61-67. In: A. SEITZ. **Gross-Schmett. Erde**, 5, Alfred Kernnen, Stuttgart., 1139.
- GERHARD, B. 1883. Über die geographische Verbreitung der Macro-Lepidopteren auf der Erde. **Berl. ent. Ztschr.**, Berlin, 27: 173-185.
- GLASER, L. 1887. *Exotische Schmetterlingsgattungen. Cat. Etymol. Coleop. et Lepidopt.* Berlin, 396p.
- GODMAN, F.D. & O. SALVIN. 1879-1901. **Biologia Centrali-Americana. Lepidoptera-Rhopalocera.** 1 (texto), p.122-140; 2 (suppl.), p.664-666; 3, pls 12-15, 107 (figs 17-18). Taylor & Francis.
- GODMAN, F.D. & O. SALVIN. 1891, p. 96-110. In: E. WHYMPER. **Travels amongst the Great Andes of the Equator.** Supplementary appendix. (Lepidoptera, Rhopalocera). London, J. Murray.
- HANDLIRSCH, A. 1925. Geschichte, Literatur, Technik, Palaeontologie, Phylogenie, Systematik, p. 852-941, figs 747-841. In: C. SCHROEDER. **Handbuch der Entomologie.** 2. Jena, Fischer.
- HARVEY, D.J. 1991. Higher classification of the Nymphalidae, p. 225 -273. In: H.F. NIJHOUT (Ed.). **The development and evolution of butterfly wing patterns.** Washington, DC, Smith. Ser. Comp. Evolutionary Biol., 297p.
- HAYWARD, K.J. 1951. Catálogo sinonímico de los ropalóceros argentinos excluyendo "Hesperiidae". **Acta Zool., Tucumán, Lilloana** 9: 375-393.
- . 1954. Catálogo Sinonímico de Ropaloceros Argentinos, excluyendo Hesperidos (primer suplemento). **Acta Zool. Lilloana, Tucumán**, 14: 353-374.
- . 1973. Catálogo de ropalóceros argentinos. **Op. Lilloana** 23: 1-318.
- HEMMING, F. 1941. The dates of publication of the several portions of Doubleday (E.) "Genera of Diurnal Lepidoptera" and in the continuation thereof by Westwood (J.O.). **Jour. Soc. Bibliogr. Nat. Hist.**, London 1: 447-464.
- . 1967. The generic names of the butterflies and their type-species (Lepidoptera:Rhopalocera). **Bull. Brit. Mus. (Nat.Hist.)**, Ent. (Suppl. 9): 1-509.
- HEPPNER, J.B. 1982. Dates of selected Lepidoptera literature for the western hemisphere fauna. **Jour. Lep. Soc.**, Lawrence, 36 (2): 87-111.
- HEPPNER, J.B. & G. LAMAS. 1982. Acronyms for World Museum Collections of Insects, with Emphasis on Neotropical Lepidoptera. **Bull. Ent. Soc. Amer.** 28 (3): 305-315.
- HERING, M. & W. HOPP. 1925. Eine Sammelausbeute des Herrn Werner Hopp aus dem Chocó Kolumbiens. **Dtsch. ent. Ztschr. Lep. Iris**, Dresden, 39: 181-207.
- HERRICH-SCHÄFFER, G.A.W. 1864. Prodrömus systematis lepidopterorum. Versuch einer systematischen Anordnung der Schmetterlinge. **Corr.- Blat zool.- miner.Ver. Regensb.** 18 (7/8): 89-112, (9): 123-136, (10): 148-152.
- HEWITSON, W.C. 1869. Remarks on and descriptions of new species of butterflies collected by Mr. Buckley in Ecuador. **Equat. Lep.** 4: 32.
- HINTON, H.E. 1946. On the homology and nomenclature of setae of lepidopterous larvae, with some notes on the phylogeny of Lepidoptera. **Trans. R. Ent. Soc. London** 97: 1-37.
- HÜBNER, J. 1901-1906. **Sammlung exotischer Schmetterlinge. Vol.I:** VI p+pls 1-213; **Vol.II:** IV p.+pls 214-438; **Vol. III:** III+172p.+pls 439-491. Brussels, Reed., W.F. Kirby, Verteneuil & Desmet.
- KESSELRING, J. & H. EBERT. 1979 [1982]. Relação das borboletas encontradas na "Mata do Buraquinho", João Pessoa, Estado da Paraíba, Brasil. **Rev. Nordest. Biol.**, João Pessoa, 2 (1/2): 105-118.
- KIRBY, W.F. 1871. **A Synonymic Catalogue of Diurnal Lepidoptera.** London, Voorst, 690p.
- . 1877. **A Synonymic Catalogue of Diurnal Lepidoptera, Suppl.**, p. 691-884. London, Voorst.
- KIVIRIKKO, E. 1936. Beobachtungen über die Tagfalterfauna (Lep., Diurna) des Territoriums Misiones (Rep. Argentina) in der Zeit 5 V. - 20.VI.1928. **Ann. Ent. Fenn.**, Helsinki, 2: 49-63.

- KÖHLER, P. 1923. Fauna Argentina. Lepidoptera e collectione Alberto Breyer. I Theil: Rhopalocera, Systematischer Katalog und Studien, Berichtigungen u. Neubeschreibungen. *Ztschr. wiss. Insekt.- Biol.*, Berlin, **18** (12), Sonderbeilage, 34p.
- LAMAS, G. 1969. Lista de ropalóceros (Lepidoptera) peruanos citados em la obra "Die Gross-Schmetterlinge der Erde" de Adalbert Seitz. *Biota*, Lima, **7** (58): 265-38.
- . 1981. La fauna de mariposas de la Reserva de Tambopata, Madre de Dios, Perú (Lepidoptera, Papilionoidea y Hesperioidea). *Revta Soc. Mex. de Lep.* **6** (2): 23-40.
- . 1985. Los Papilionoidea (Lepidoptera) de La Zona reservada de Tambopata, Madre de Dios, Perú. I. Papilionidae, Pieridae y Nymphalidae (en parte). *Revta Peruana Lep.* **27**: 59-73.
- LAMAS, G.; R. ROBBINS & D. HARVEY. 1991. A preliminary survey of the butterfly fauna of Pakitza, Parque Nacional Del Manu, Peru, with an estimate of its species richness. *Publ. Mus. Hist. Nat. UNMSM*, Lima, **40**: 1-19.
- LAMAS, G.; R. ROBBINS & W. FIELD. 1995. Bibliography of butterflies. Na annotated bibliography of the Neotropical Butterflies and Skippers (Lepidoptera: Papilionoidea and Hesperioidea). In: J.B. HEPPNER. (Ed.) *Atlas of Neotropical Lepidoptera* **124**. Gainesville, Scientific Publishers, XIV+463p.
- LEWIS, H.L. 1973. *Butterflies of the World*. Chicago, Follett. XVI+312p..
- . 1975. *Las Mariposas del Mundo*. Barcelona, Ed. Omega S.A., 312.
- MAES, J.M. 1999. *Insectos de Nicaragua*. 3. Nicaragua, Imprenta Print, 1898p.
- MAZA E., R.G. DE LA. 1987. *Mariposas mexicanas. Guia para su colecta y determinación*. México, Fondo de Cultura Económica, 304p.
- MAZA E., R.G. DE LA & J. DE LA MAZA. 1993. *Mariposas de Chiapas*. México, Gobierno del Estado de Chiapas, 224p.
- MÉNÉTRIÉS, E. 1855. *Enumeratio Corporum Animalium Musei Imperialis Academiae Scientiarum Petropolitanae. Classes Insectorum, Ordo Lepidopterorum. Pars.I. Lepidoptera Diurna. Catalogue de la Collection Entomologique de l'Académie Imperiale des Sciences de St.-Petersbourg*. Petropoli, 97p.
- MIELKE, O.H.H. 1995. Revisão de *Elbella* Evans e gêneros afins (Lepidoptera, Hesperidae, Pyrrhopyginae). *Revta bras. Zool.* **11** (3): 395-586. [1994]
- MIELKE, O.H.H. & M.M. CASAGRANDE. 1998. Papilionoidea e Hesperioidea (Lepidoptera) do Parque Estadual do Morro do Diabo. Teodoro Sampaio, São Paulo. *Revta bras. Zool.* **14** (4): 967-1001.
- MIRANDA RIBEIRO, V. 1931. Lepidópteros de Matto Grosso. Material colligido pelos senhores General Candido Rondón, Prof. Alípio de Miranda Ribeiro e Emil Stille. *Bol. Mus. Nac. Rio de Janeiro* **7** (1): 31-52.
- MOSHER, E. 1969. *Lepidoptera Pupae. Five collected works on the Pupae of North American Lepidoptera*. East Lansing, Michigan, Entomological Reprint Specialists, 323p.
- MÜLLER, W. 1886. Südamerikanische Nymphalidenraupen. Versuch eines natürlichen Systems der Nymphaliden. *Zool. Jahrb. Syst.* **1**: 417-678.
- NICULESCU, E.V. 1972. La terminologia delle armature genitali nei Lepidotteri. Definizioni e Sinonimie. *Boll. Ass. Rom. Ent.*, Roma, **27** (3, 4): 33-44.
- . 1972-1983. L'armure génitale chez les lépidoptères. *Bull. Soc. Ent. Mulhouse* (Supl.): 1-128.
- PAGENSTECHER, A. 1909. *Die geographische Verbreitung der Schmetterlinge*, p. 360-419. Jena, Gustav Fischer.
- PENZ, C.M.; A. AIELLO & R.B. SRYGLEY. 2000. Early stages of *Caligo illioneus* and *Caligo idomeneus* (Nymphalidae, Brassoliniinae) from Panamá, with remarks on larval food plants for the subfamily. *Jour. Lep. Soc.* **53** (4):142-152. [1999]
- PERACCHI, A. et al. (85 autores) 1998. In: H. DE G. BERGALLO; C.F.D. DA ROCHA; M. VAN SLUYS; M.A. DOS SANTOS ALVES; T.P. MOULTON & K.T. DE FONSECA (Eds). Lista das espécies ameaçadas de extinção do Estado do Rio de Janeiro. *Diário Oficial Estado Rio de Janeiro* **24** (102), Part I, p. 9-16.

- PETERSON, A. 1962. **Larvae of Insects**. Part I (Lepidoptera and Hymenoptera). Ohio, Columbus, 315p.
- PIÑAS RUBIO, F.S.J. & I. MANZANO P. 1997. **Mariposas del Ecuador. 1. Géneros**. Quito, Pontificia Universidad Católica del Ecuador, 114p.
- PODTAGUIN, B. 1944. Notulae Entomologicae. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**. Asunción, 4 (4): 3-24.
- RICHELMANN, G. 1889. Die Verbreitung der Rhopalocera in den verschiedenen Faunengebieten und einige Eigenthümlichkeiten derselben. **Tagebl. Dtsch. Naturf. Versamml.** 61: 66-69.
- ROBBINS, R.; G. LAMAS; O.H.H. MIELKE; D. HARVEY & M.M. CASAGRANDE. 1996. Taxonomic composition and ecological structure of the species-rich butterfly community at Pakitza, Parque Nacional del Manu, Peru, p. 217-252. In: D. WILSON & A. SANDOVAL (Eds). **La Biodiversidad del Sureste del Peru: Manu, Biodiversity of Southeastern Peru**. New York, Oxford Univ. Press, 679p.
- RÖBER, J.K.M. 1929. Ueber einige exotische Falter. **Int. Ent. Zeitschr.** 23 (27): 323-327.
- SCHAUS, W. 1902. Description of new American butterflies. **Proc. U.S. Nat. Mus.** 24 (1262): 383-460.
- SCUDDER, H.H. 1875. Historical sketch of the names proposed for butterflies; a contribution to systematic nomenclature. **Proc. Amer. Ac. Arts & Sci.**, Boston, (2) 10: 91-293.
- SEITZ, A. 1890. Die Schmetterlingswelt des Monte Corcovado. **Stett. Ent. Ztg.** 51: 2-5, 28-35, 89-99, 258-266.
- . 1928. Das System der Schmetterlinge. IV. Die Satyromorphen. **Ent. Rdsch.**, Stuttgart, 45: 3-4, 8-10, 14-16, 20, 23-24, 27, 31, 34-35.
- SILVA, G.A.; C.R.GONÇALVES; D.M. GALVÃO; A.J.L. GONÇALVES; J. GOMES; M.N. SILVA & L. SOMONI. 1967-1968. **Quarto. Cat. Ins. Viv. Plant. Brasil** 1 (1), p. I-XIII+1-422 (1967); 1 (2), p. 423-906 (1967); 2 (1), p.V-XXVI+1-622 (1968); 2 (2), p. 1-265 (1968). Rio de Janeiro, Laboratório de Patologia Vegetal.
- SMART, P.E. 1976. **The illustrated encyclopedia of the butterfly world in color**. London, Hamlyn, 275p.
- STAUDINGER, O. 1887. **Exotische Tagfalter**. In: O. STAUDINGER & E. SCHATZ. **Exotische Schmetterlinge** 1, 333p.
- STEHR, F.W. 1987. Order Lepidoptera, p. 288-596. In: F.W. STEHR (Ed.). **Immature Insects**. Dubuque, Kendal/Hunt, 750p.
- STICHEL, H. 1904. **Lepidoptera, Rhopalocera, Fam. Nymphalidae, Subfam. Brassolinae**. In: P. WYTSMAN (Ed.). **Genera Insectorum**. 20. Editor Brüssel, 48p.
- . 1909. Brassolidae. **Das Tierreich**, Berlin, 25: XIV+244p (reedición de 1965, Verlag J. Cramer, Weinheim).
- . 1916. Neues über Genus *Narope* West. **Neue Beitr. syst. Insek.** Berlin, 1 (1): 7-8.
- . 1925. Zur Systematik der Brassolidae (Lep. Rhop.). **Neue Beitr. syst. Insek.** Berlin, 3: 58-69.
- . 1932. **Lepidopterorum Catalogus** 51, Brassolidae. Berlin, W. Junk, 115p.
- TALBOT, G. 1928. List of Rhopalocera collected by Mr. C.L. Collenette in Matto Grosso, Brazil. **Bull. Hill Mus.**, London, 2: 192-220.
- TESSMANN, G.T. 1928. Neue Schmetterlinge aus Ostperu. **Mitt. zool. Museum Berlin** 14 (1): 115-130.
- URICH, F.C. & T.C. EMMEL. 1991. Life histories of Neotropical Butterflies from Trinidad. 5. *Dynastor darius darius* (Lepidoptera: Nymphalidae: Brassolinae). **Trop. Lep.** 2 (2): 145-149.
- VÉLEZ, J.H. & J.A. SALAZAR. 1991. **Mariposas de Colombia**. Bogotá, Villegas Editores, 168p.
- WALLACE, A.R. 1876. **The geographical distribution of animals. With a study of the relations of living and extinct faunas as elucidating the past changes of the earth's surface**. London, Macmillan. Vol. 2, IX+607p.
- ZIKÁN, J.F. 1920. Biologische Beiträge zur Schmetterlingsfauna Brasiliens. **Ztschr. Dtsch. Ver. Wiss. Kunst.**, São Paulo, 1: 145-157.
- ZIKÁN, J.F. & W. ZIKÁN. 1968. Insecto-fauna do Itatiaia e da Mantiqueira. III. Lepidoptera. **Pesq. agropec. bras.** 3: 45-109.